

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Mestrado Profissional em Educação e Docência - PROMESTRE

Alessandro Augusto Rodrigues da Silva

**O PROFESSOR HOMOSSEXUAL NO ESPELHO: estudo sobre as vivências,
seus reflexos, reflexões no cotidiano escolar e na construção de uma sociedade para
a diferença**

Belo Horizonte
2023

Alessandro Augusto Rodrigues da Silva

O professor homossexual no espelho: estudo sobre as vivências, seus reflexos, reflexões no cotidiano escolar e na construção de uma sociedade para diferença

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte
2023

S586p
T

Silva, Alessandro Augusto Rodrigues da, 1984-

O professor homossexual no espelho [manuscrito] : estudo sobre as vivências, seus reflexos, reflexões no cotidiano escolar e na construção de uma sociedade para a diferença / Alessandro Augusto Rodrigues da Silva. – Belo Horizonte, 2023.

1 v. : enc, il., color.

Dissertação – (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira.

Inclui Bibliografia.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

1. Educação – Teses. 2. Educação – Relações de gênero – Teses. 3. Professores homossexuais – Ambiente de trabalho – Teses. 4. Professores homossexuais – Narrativas pessoais – Teses. 5. Homossexualidade – Teses. 6. Pessoas LGBTQ+ – Aspectos sociais – Teses. 7. Homofobia – Teses. 8. Discriminação de sexo na educação – Teses. 9. Homossexualidade masculina – Teses. 10. Masculinidade – Aspectos educacionais – Teses. 11. Sexualidade – Teses. 12. Belo Horizonte (MG) – Educação – Teses. 13. – Teses.

I. Título. II. Nogueira, Paulo Henrique de Queiroz, 1966-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 306.7662

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ALESSANDRO AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA

Realizou-se, no dia 20 de fevereiro de 2024, às 09 horas, por meio de videoconferência, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 487ª defesa de dissertação, intitulada *O PROFESSOR HOMOSSEXUAL NO ESPELHO: ESTUDO SOBRE AS VIVÊNCIAS, SEUS REFLEXOS, REFLEXÕES NO COTIDIANO ESCOLAR E NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PARA A DIFERENÇA.*, apresentada por **ALESSANDRO AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA**, número de registro 2021652585, graduado no curso de HISTÓRIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira - Orientador (UFMG), Prof. Frederico Assis Cardoso (UFMG). Profa. Isabela Saraiva de Queiroz (UFSJ), Profa. Rafaela Vasconcelos Freitas (UFRGS).

A Comissão considerou a dissertação:

- (X) Aprovada.
() Reprovada.
() Aprovada com indicação de correções.

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2024

Prof. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira (Doutor)

Prof(a). Frederico Assis Cardoso (Doutor)

Prof. Isabela Saraiva de Queiroz (Doutora)

Profa. Rafaela Vasconcelos Freitas (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Coordenador(a) de curso**, em 05/03/2024, às 09:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rafaela Vasconcelos Freitas, Usuário Externo**, em 05/03/2024, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isabela Saraiva de Queiroz, Usuária Externa**, em 05/03/2024, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3068727** e o código CRC **BE5398BE**.

*À minha criança viada,
a todas que já passaram por esse mundo
e às que virão.*

AGRADECIMENTOS

“Ei, povoada é um-un nome curioso né? Porque a gente sempre fala de povoada em relação à Terra né? A Terra é povoada, mas, também sou terra, a gente também é terra de povoar. Deus te ajuda, Deus te ajude e te livre do mal Te desejo tudo de bom, viu fia” Sued – Povoada

Ser grato é lembrar com afeto. É guardar em si uma parte boa do que se viveu e celebrar os encontros que nos permitiram caminhar e seguir. Daquela pequena caixa de lápis de cor dada pela minha avó em 01/05/1984 é pela memória afetuosa, potencializada, ancestral que tenho seguido. Para muitos a Tia Maria, pra mim, minha avó, minha referência matriarcal de capacidades mil, de certeza, de coragem. Juntamente a ela, minha irmã mais velha, que veio nessa vida fantasiada de minha mãe, pelo carinho protetivo, pelas discussões ao pegar meus CDs sem pedir como uma irmã faria, por me ensinar a acolher a dor alheia e entender os limites do outro. E meu irmão caçula, o que tinha ares de filho, o que cuidei e tive o prazer de ver crescer, o que tive o privilégio de ser sua primeira palavra dita, mas também a saudade imensa de ser o último de quem você se despediu, jamais esquecerei e te eternizo aqui, filho/irmão: Eu também te amo, Duds.

Se não existe mais a família por perto, isso não significa solidão no caminhar, mas reconhecer outras formas de ser família e, portanto, agradecer esses novos encontros: a adoção feita com afeto em frente ao mar, mas que começou nos morros belo horizontinos: Renilda e Paulinho e meus irmãos emprestados Júlia e Lu. Vocês são luz e acolhida. Certezas de muitos anos de plantio em forma amizade. Muito obrigado! Àqueles que sempre acreditaram em mim e me deram tantos empurrões: Giovana, a Zandonade, amiga de conversas mais variáveis possíveis de cultura pop até as intelectualidades comportamentais: muito obrigado! A saudosa amiga que vivia no quarto ao lado, a minha amiga que mais viu essa pesquisa surgir diariamente, Taís Barbosa: muito obrigado! Para quem disse um dia, “Amigo, a UFMG precisa de alguém como você para sacudir aquela realidade”, minha musa Dani: muito obrigado! Sem esquecer da minha incentivadora e inspiração profissional, Juana Bárbara, agora é sua vez de fazer esse papel de pesquisadora, *A UFMG precisa de alguém como você*. Muito obrigado! Maru, que mesmo na distância se fez presente no decorrer desta pesquisa, bem como Ju Valois e Tatiana que do longínquo Ensino Fundamental estão próximas desta pesquisa tanto na amizade quanto no nosso posicionamento político alinhado desde sempre. Muito Obrigado!

Àquela Carol de Simone, muito obrigado por ainda estar aqui deixo você saber que: muito obrigado!

Às minhas gaeis das antigas Edu e Fripe por serem tanta certeza: muito obrigado! Ao Shun por ser tão cuidadoso em tantos anos de amizade, eu te acolhi, você me acolheu: muito obrigado!

Aos meus irmãos de terreiro: Arthur por romper toda lógica entre estagiário, amigo que ora aparece, ora desaparece e hoje um grande irmão de fé: muito obrigado por ter me dado de presente uma grande família: dos mais velhos que tanto tem pra ensinar: Oziva, Noeme, Geralda, Almerinda, Margarida, Célia, Marli, Tio Pedro, ao meu riso e cuidado carinhoso de Pai Kleber e Mãe Dedeia. Aos irmãos sempre presentes: Mary, Tina (A Rica, Milionária, Auspiciosa!) Gian, Caríssima, Paulinha, Joici, A minha pequena, grande notável, Malaura. Eu poderia me delongar em diversos bons momentos de boas pessoas dessa CCPJO, tantos que admiro e me inspiram. Dos amigos consolidados para as amizades que nascem a cada benção dada e recebida., muito obrigado! Aos quatro pilares que timidamente, mas com muito orgulho observo com tanto respeito: Gabriel, Michele, Mãe Sheila e Pai Ricardo, muito obrigado por serem essa pedra fundamental tão sólida para tanta gente. Ao Orisamba e todas, todos que me ensinam cotidianamente sobre ritmo, sobre coletividade, sobre comunidade.

Para minha maior companhia de orientação desde o primeiro dia de aula: Josiane Freitas que é a amiga com a qual o PROMESTRE me brindou, a companheira das desventuras em série que esse programa nos trouxe: agruras, trabalhos, sumiços, viagens, devaneios, o encontro presencial, a amizade dos pares. Muito Obrigado! Ao Paulo Henrique Nogueira, por me ensinar os (des)caminhos da UFMG, me apresentar o melhor e também o pior jeito de se fazer um mestrado profissional e por ser o orientador mais phopho que esse programa possui: muito obrigado!

Ao Filipe, por ser meu companheiro, meu confidente, meu amigo, meu parceiro de vida, afeto e cuidado. Por ser leveza, riso, troca, carinho, carnaval, ato político, companhia de cozinha, de copo cheio, de cafés da manhã, almoços, emotividades, levandades, respiros, suspiros. Você é o extraordinário cotidiano mais bonito de todos. Muito obrigado, Farrapin!

Para quem cuidou e zelou dos meus surtos acadêmicos e pessoais também, inclusive fica aqui meu conselho a toda pessoa que buscar enveredar pelo caminho acadêmico sem auxílio de bolsa e ainda ter que trabalhar durante o processo, procurem

uma boa terapia, por ter sido esse alicerce tão necessário nessa conquista, obrigado, Noêmia.

Meus seis entrevistados e os caminhos que me fizeram chegar até vocês, seja pela minha drag estimada do quarto ao lado Joanna Mescladi, seja pela minha flor de pequi do Jequitinhonha, Míriam ou da arteira colega de trabalho Sâmara. Eu espero honrar as histórias e narrativas de cada um de vocês nas páginas que se seguem. Muito obrigado!

Ao designer Walter Costa que me ajudou tanto na elaboração do recurso pedagógico, mais uma cria pro @criasdowalter, que aguentou cada ideia nova e que me acompanhou em desesperos e respiros bons neste projeto. À Mari, minha amiga que topou a empreitada da revisão deste texto. Sem esses auxílios nada disso seria possível.

Por fim às minhas alunas, alunes e alunos, seja da pequena Yanca e meus colegas de rua, que há mais de 30 anos viram e fizeram surgir um Alessandro professor. A corda foi amarrada ali. Muito obrigado! Aos inúmeros que passaram por mim como pequenos meteoros transpassando minha vida, modificando minha existência, quantas horas extras pensando em filmes, trechos de música, recortes do passado eu fiz por vocês?! Não me arrependo de nenhuma delas. Quantas brigas, discussões e tretas, eu assumi em nome de vocês? Não me arrependo em momento algum. Me fizeram emocionar por dentro, criaram em mim vontades, esperanças e uma verdadeira crença que a educação pode mudar vidas, realizar imensas revoluções pessoais e pequenas transformações sistêmicas na realidade que nos cerca. Muito obrigado!

Obrigado por tanto, minha gente. Muita boa gente!

Obrigado por ainda estarem aqui, por serem plateia, poderem ser coadjuvantes e, também, personagens principais nessa caminhada. Vocês me lembram tantas vezes que mesmo com o mundo e o sistema falando por 39 anos “não é para você estar aqui mais, a realidade já foi dura demais, como sabemos...”, mas esse pequeno universo ao meu redor é um apoio sem precedentes, um alicerce chamado amizade em todas as suas variantes variáveis. Lá vou eu sabendo que é preciso insistir e seguir por mais um dia, por mais um caminhar, por mais essa e tantas outras jornadas, mas por hoje: muito obrigado, Axé!

***“Vó, vem ver uma coisa! Mãe, corre logo! Meu irmão, chega mais!
Vem ver donde a gente chegou!”***

“Meus passos vêm de longe”

RESUMO

A presente pesquisa analisa as narrativas e vivências de seis professores homossexuais que atuam na rede pública e privada do Ensino Fundamental e Médio em Belo Horizonte e sua região metropolitana. Tendo como objetivo principal circunscrever a experiência desses profissionais e com o intuito de ascender os modos como a homofobia atravessa suas vivências a partir de suas percepções das questões interpostas pelas dinâmicas de gênero e sexualidade; e, como, a partir dos atos de ações de resistências por eles mobilizadas, é possível operar ações afirmativas para minimizar o impacto da LGBTQIAfobia dentro das escolas. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas para compreensão e entendimento do universo dos entrevistados e das indicações do exame de narrativas para análise do material coletado. O pesquisador, enquanto um professor e homossexual, insere-se na pesquisa como parte da investigação, um pesquisador encarnado, aliando sua trajetória às dos educadores presentes no estudo. Contribuindo, assim, para uma melhor compreensão dessas trajetórias pessoais e profissionais de homens-professores-homossexuais que, apesar dos acossos e violências sofridas, encontram um lugar para si e para sua docência.

Palavras-chave: Sexualidade. Masculinidade. Docência. Homossexualidade. Homofobia.

ABSTRACT

This research analyzes the narratives and experiences of six homosexual teachers who work in public and private primary and secondary schools in Belo Horizonte and its metropolitan region. Its main objective is to circumscribe the experience of these professionals in order to understand the ways in which homophobia crosses their experiences based on their perceptions of the issues interposed by the dynamics of gender and sexuality; and how, based on the acts of resistance they mobilize, it is possible to operate affirmative actions to minimize the impact of LGBTQIAphobia within schools. Semi-structured interviews were used to understand the universe of those interviewed, and narrative analysis was used to analyze the material collected. The researcher, as a teacher and homosexual, is part of the research, an embodied researcher, combining his trajectory and that of the educators in the study. Thus contributing to a better understanding of the personal and professional trajectories of homosexual men-teachers who, despite the harassment and violence they have suffered, have found a place for themselves and their teaching.

Keywords: Sexuality. Masculinity. Teaching. Homosexuality. Homophobia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Senhor, fazei-me instrumento da sua guerra”	15
Figura 2 - Cartas do jogo O Bê-a-bá Pajubart	102
Figura 3 - Tabuleiro do jogo Rainbow Land: uma aventura entre o Armário e o Espelho	108
Figura 4 - Parte de trás das cartas do jogo do jogo Rainbow Land: uma aventura entre o Armário e o Espelho	109
Figura 5 - Partes de frente das cartas do jogo Rainbow Land: uma aventura entre o Armário e o Espelho	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição dos entrevistados	39
Quadro 2 – Regras do jogo “O Bê-a-Bá Pajubart”	92
Quadro 3 – Regras do Jogo Rainbow Land: uma aventura entre o Armário e o Espelho	93

ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	-	Síndrome da Imunodeficiência Humana
CDF	-	“Cu de Ferro”, referência a estudante estudioso
CEP	-	Comitê de Ética em Pesquisa
COHAB	-	Companhia de Habitação
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAE	-	Faculdade de Educação
HIV	-	Vírus da Imunodeficiência Humana
ICB	-	Instituto de Ciências Biológicas
LGBTQIAPN+	-	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e Não-binaries, sendo o símbolo de “mais” um indicativo de que mais identidades possam vir a se somar
LGBTs	-	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis
MTV	-	Music Television
NCPI	-	Núcleo de Ciência pela Infância
PROMESTRE	-	Mestrado Profissional em Educação e Docência
PROUNI	-	Programa Universidade Para Todos
PUC	-	Pontifícia Universidade Católica
SUS	-	Sistema Único de Saúde
TALE	-	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFF	-	Universidade Federal Fluminense
UFMG	-	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	-	Universidade Federal de Ouro Preto
UNESCO	-	União das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. O MEU INFINITO PARTICULAR, SÓ NÃO SE PERCA AO ENTRAR	13
1.1 O cenário e o ator principal: a escola e o professor dissidente — recortes do objeto	21
2. METODOLOGIA	26
3. DE CASO COM OS PARES: se tu vens as três da tarde...	34
4. UMA PRELIMINAR (EXPLICATIVA) CAI BEM	40
4.1. A Infância do Acalanto: quando o berço ainda afaga	41
4.2. Da injúria reveladora à avalanche adolescente: quando a diferença se instaura até a ferida exposta e o sal que jogam nela	43
4.3. Os refúgios necessários: entre luzes noturnas da balada, prédios altos da cidade e os muros protetivos da Universidade	53
4.4. A redenção como educador: quando se olha no espelho e lá está o professor	60
5. MEU ENCONTRO MARCADO: diga espelho meu...	78
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
7. RECURSOS EDUCACIONAIS	91
7.1. O Bê-a-Bá Pajubart	91
7.2. Rainbow Land: uma aventura entre o Armário e o Espelho	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
APÊNDICE A	102
APÊNDICE B	108
APÊNDICE C	109
ANEXO A	113
ANEXO B	119

1. O MEU INFINITO PARTICULAR, SÓ NÃO SE PERCA AO ENTRAR

*We're all born naked and the rest is drag*¹. RuPaul, Naked

O imaginário nos habita e nos torna criativos, fantasiosos, desejantes. Compartilho com vocês algumas imagens que circulam em meu corpo e que me habitam na realização desta pesquisa.

A primeira é bastante comum e um pouco clichê, a clássica cena de um escritor sentado em frente a uma máquina de escrever antiga, cigarro à mão e folhas de papel amassadas ao seu redor, toda uma angústia e tensão da cena para apontar o quanto é importante o que se escreve e, também, para denunciar o labor árduo de quem se presta a lidar com a tarefa que é deixar algo que reflete o seu tempo, as angústias, os anseios, as denúncias e como isso atravessa o autor.

Parecido com essa cena, mas bem menos romantizada, é o local em que me encontro, o cursor do Word tem sido um fiel companheiro, porém um tensionador de diversas possibilidades. A reescrita do projeto, assim como desta dissertação já esteve em pauta inúmeras vezes, seja no primeiro momento quando ainda estava no processo seletivo do PROMESTRE, seja depois de diversas disciplinas — umas agregadoras de potência intelectual demarcada, outras, nem tanto —, o cursor do Word pisca como um alerta do tempo que passa e que esse texto precisa ser concluído o quanto antes.

Outra cena me assoma a partir das inferências à escrita e de suas funções visto que escrever não é um ato corriqueiro ou banal, torna-se uma exigência ética.

Ainda não sei se por sorte, por influência dos Orixás que me guiam, por ser um aficionado por música em suas variadas expressões ou ainda a conjunção dessas três, mas no Natal de 2021, em meio àquele frisson capitalista desenfreado incitado pela alta propagação de imagens da família perfeita que se reúne anualmente — privilégio esse que não tenho há tempos —, resolvi que seria um bom momento para recolhimento pessoal e ter, nesse espaço, a companhia de taças de vinho junto com Madame X, o último alter ego da cantora Madonna que de tempos em tempos mergulha mais fundo em discussões político-sociais e traz à tona algumas indagações necessárias para o mundo *mainstream* do pop. Foi assim em *Like a Prayer* (1989) *American Life* (2003) e *Madame X* (2019). Não infiro, aqui, que os demais trabalhos da cantora

¹ Todos nós nascemos nus, o restante é *drag*. Tradução minha.

não tenham teor político, mas essa tríade tem assinalado de forma emblemática o quanto música pop pode e deve ser politizada.

Essa segunda imagem, associada ao espetáculo de Madame X, já ocorre em uma estrutura fora dos padrões que se espera de grandes divas, Madonna abandona as arenas e vai ao encontro de seu público em teatros menores. Sua justificativa se dá pela necessidade de criar uma atmosfera intimista entre fã e ídolo que me parece um tom quase conspiratório, a cantora que antes empunhava voz de ataque aos quatro ventos do mundo, agora sussurra uma forma sutil de implodir aqueles que ela considera algozes sociais.

O espetáculo se inicia com a silhueta de Madonna sentada datilografando enquanto o texto escrito surge na parede ao som de tiros, com imagens de vidros sendo estilhaçados. Um bailarino performa ao som das balas, enquanto seu corpo vai ao chão. Ele resiste, enquanto a datilógrafa insatisfeita, edita e aumenta o tamanho e peso do seu texto, e consequentemente, o poder dos tiros. A frase mais demarcada durante toda cena é “Os artistas vieram para perturbar a paz” (Baldwin, 2014, p. 31, tradução minha)²

Essa frase vem do texto do dramaturgo americano James Baldwin que em um dos seus ensaios anuncia:

A arte está aqui para provar e para ajudar a suportar o fato que toda segurança é uma ilusão. Artistas estão aqui para perturbar a paz. O crime [culpa] que você descobre ser culpado não é apontado por você, mas por outras pessoas que não aguentam ver e isso justifica o fato de você testemunhar algo que todos sabem, mas não vão admitir: Todos estão feridos. O que é importante, o que motiva, a tormenta é que você deve achar um jeito de usar isso para se conectar com todos os vivos. (Baldwin, 2014³, p. 31, tradução minha).

O conclame de Baldwin aos artistas tem uma potência que precisa ser posta para além de um grupo, as palavras do ensaísta de Nova Iorque têm uma relevância ímpar para toda estrutura da pesquisa que aqui se segue e serão demarcadas no decorrer do texto.

Uma terceira imagem, mais imprecisa, das tempestades vividas por um homem cis, homossexual, preto retinto aparecem em diversos relatos de pessoas LGBTQIAPN+⁴, mesmo após quase um século de seu nascimento, mas, parafraseando o próprio: “Estamos aqui para perturbar a paz”. Estamos aqui para causar fissuras imensas na superestrutura hegemônica.

² Original em inglês.

³ Original publicado em 1961.

⁴ A sigla LGBTQIAPN+ reúne a primeira letra de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e Não binaries, sendo o símbolo de “mais” um indicativo de que mais identidades possam vir a se somar.

Vimos aqui para resistir e fazer da paz posta e ilusória, o caos epistemológico cheio de possibilidades, diversidade e diferença — agir numa direção revolucionária.

Figura 1 – “Senhor, fazei-me instrumento da sua guerra”

“Senhor, fazei-me instrumento da sua guerra”

Fonte: Elaboração própria com base em Baldwin, 2014.

Para pessoas despidas de alguns privilégios sociais básicos, a vida tem um tom agriçoce, amargo e de resistência. Não podemos parar de resistir nunca, parece romântico pensar numa vida de constante batalha, grandes guerreiros pela vida, mas isso também é uma forma de nos mantermos parte de um sistema que oprime muitos, possibilita a passagem de alguns e coroa apenas poucos. Eu sei um pouco sobre essa vivência que demarca bem os corpos dissidentes.

Eu cresci em uma quebrada tensa do interior de Minas Gerais, uma COHAB de Conselheiro Lafaiete, com saneamento básico precário, em uma família de duas grandes, porém complexas, mulheres. Sendo bolsista integral de uma das escolas privadas mais importantes e caras da cidade, aprendi desde cedo sobre racismo entre colegas de turma, rasgando meu beijo largo demais com os dentes, para tentar esconder meus traços herdados do meu pai, ou detestando meu cabelo crespo. Outra lição que vivenciei concomitantemente a essa, foi a de que eu era gay, sendo nomeado como *viadinho*, *boiola* ou *bicha* antes mesmo que eu tivesse consciência das implicações que isso traria para minha existência.

E sobreviver tem esse ar já supracitado por Baldwin, todo corpo que é dissidente, ao manter sua sobrevivência está causando um tremor na paz ilusória e, principalmente, causando fissuras na ideia hegemônica da masculinidade heteronormativa e, vale ressaltar, independentemente do posicionamento político que se segue, ainda se tem cristalizado no imaginário social o corpo viril e másculo que surge como base para toda e qualquer revolução. Parece estranho à primeira vista, mas a partir de um exercício simples de imaginação de “como você pensa um sujeito/corpo revolucionário” a primeira imagem que salta à nossa mente é a de um homem com caracteres viris e forte ou em caso de uma mulher, ela tende a ter uma performance nitidamente masculinizada.

E o que se desenha é uma revolução conduzida por corpos dissidentes, corpos que se organizam a contrariar o indiciário que os interpela ao indicar as incongruências das designações normativas que alinham sexo, gênero e orientação sexual.

A autora Susan Sontag inicia seu livro *Doença como Metáfora* (1984) abordando como a “[...] doença é a zona noturna da vida” (Sontag, 1984, p. 3). Transitamos cotidianamente entre o reino dos sãos e dos doentes e carimbamos constantemente o passaporte a cada travessia. No seu texto, a autora traz essa visão sobre a aceitação da morte, da doença e, principalmente, do que nos fragiliza. É necessário abraçá-la para se entender melhor. É necessário perceber o que em nós ressoa de doentio, estranho, bizarro, *queer*, a desdizer o são, o saudável, o adequado, o justo, o correto, o alinhado — uma pletora de referências a *right* a desdizer e difamar o que em nós é bizarro, maricas, dissidente e *queer*.

É a partir dessas dimensões que nos tornamos quem somos, é fugindo do modelo imposto que se processa novos caminhos e lugares que são mais sinceros e confortáveis para nossas vivências.

Em contraponto ao que comumente se espera do corpo revolucionário —relacionado ao ideal social do corpo viril e másculo —, o que se tem entre os dissidentes, como os LGBTQIAPN+, é o corpo fragilizado que precisa diariamente ser protegido, cuidado e preservado para seguir, pois estes são interpelados pela norma que os segrega diariamente.

As interpelações que nos fragilizam incidem sobre os corpos que se veem generificados, sexualizados e racializados, com insígnias que debilitam e são designados como femininos, negros, LGBTQIAPN+. Verdadeiras potências desinvestidas pelos discursos de ódio que fazem restar um corpo que precisa seguir, pois, ao redor existe morte, ataque e assassinato, seja ele físico, moral ou epistemológico. Nas palavras de Paul B. Preciado, ao conclamar estudiosas e estudiosos de gênero e sexualidade: “E uma vez que tenham perdido vosso valor, cansadas da alegria, desejo-lhes que inventem uma maneira de usar vosso corpo. Justamente porque os amo, quero que sejam frágeis e desprezíveis. Porque é através da fragilidade que opera a revolução” (Preciado, 2014, p. 22).

E a revolução do corpo LGBTQIAPN+ não é um processo barato. “A gay não tem um dia de paz” ou “Onde tem gay, existe confusão”. Essas frases/protestos/contestações se tornaram grandes bordões no meio LGBTQIAPN+ nos últimos anos. Cabe lembrar aqui que, no decorrer deste texto, diversos bordões como esses irão aparecer, porque não acredito que academia, vivência social, pista, seja essa de rua ou de balada, devam ser lugares tão distantes assim entre si. Pelo contrário, eles precisam dialogar. Como aponta Halberstam (2020, p. 14) em seu estudo sobre cultura do fracasso:

[...] a “baixa teoria” (um termo que estou adaptando do trabalho de Stuart Hall) e conhecimento popular para explorar alternativas e para procurar por uma saída das armadilhas e impasses das formulações binárias. A baixa teoria tenta localizar todos

os espaços entre que nos protegem para não sermos capturados pelos anzóis da hegemonia e golpeados pelos arpões da sedução das lojas de presentes.

Parecida com a proposta lançada no show de Madonna ou no livro de Halberstam (2020), a ideia neste estudo é possibilitar um diálogo que associe de maneira demarcada os estudos acadêmicos — sem deixar de lado o universo da baixa teoria que realmente reverbera a realidade mais próxima das ruas — ao cimento do pátio da escola.

Voltando aos bordões, delimitar uma vida inteira sem paz é um processo doloroso, injusto e demarcador por demais, mas nós, gays, realmente não temos um dia de paz. Parece algo hiperbólico, um exagero, um “grande mimimi” como diriam os heteronormativos de plantão, ávidos para criticar e inviabilizar uma história de vida que eles nem conhecem. Mas ser gay em tempos atuais não é fácil, na verdade nunca o foi. Ainda mais no Brasil pós-governo de Jair Messias Bolsonaro, aliado a uma bancada evangélica e a uma pretensa tradicional família. Mas a gente está por aí: sobrevivendo.

De acordo com estudos apontados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a cada hora no Brasil uma pessoa LGBTQIAPN+ é agredida (Putti, 2020). Esse dado vem de levantamentos feitos a partir do número de entradas e de ocorrências registradas pelo órgão federal, entre os anos de 2015 e 2017. Ressalto aqui que esse número é, na realidade, provavelmente maior e mais alarmante, visto que existem pessoas que não buscam o SUS, não registram boletins de ocorrência e sentem mesmo vergonha e medo de se expor como alguém que sofreu agressão por ser LGBTQIAPN+. Esses, portanto, são números subnotificados. A gay, ou melhor, a pessoa LGBTQIAPN+, não tem um dia de paz.

A homofobia, por mais que seja uma vivência tipicamente associada a homens gays/homossexuais, tem capacidade de se alastrar de forma complexa como o relato a seguir bem exemplifica:

Um homem teve a orelha mordida e decepada enquanto passeava com o filho na Exposição Agropecuária Industrial e Comercial (EAPIC) em São João da Boa Vista, no interior de São Paulo. A vítima, de 42 anos, estava abraçada com o filho, de 18, quando foi abordada pelos agressores, que ainda não foram identificados pela polícia. O grupo de cerca de 20 pessoas teria perguntado se os dois eram gays. O homem tentou explicar que eles eram pai e filho, mas, pouco depois, levou um soco. A vítima disse à EPTV que desmaiou depois de ser golpeado no queixo. Quando acordou, ouviu as pessoas gritando que ele tinha perdido um pedaço da orelha, arrancada com uma mordida por um dos agressores. O filho teve ferimentos leves. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo. (AGÊNCIA ESTADO, 2011)

A homofobia vai para além dos corpos gays, ela é um modo operante, expressão da masculinidade compulsória, na qual se realiza o enquadramento da performatividade de homens

dentro de um modelo viril que, como no exemplo acima, interfere de maneira dolorosa até em como homens podem demonstrar afetos em suas relações parentais.

Muitas iniciativas positivas têm sido feitas dentro da comunidade para a manutenção da vida dos nossos. Temos resistido a toda a investida contra nossa existência. Estamos aí. Não obstante isso, lamentavelmente, diversas pessoas são perdidas nesse doloroso processo de manter-se vigilante.

Precisamos virar a sobrevida e a resistência para o lado da vida e existência e isso é urgente. Precisamos politizar nossos corpos e nossos discursos, já que nossa vivência de sexualidade ainda é campo político e não apenas um local de prazer e gozo. Antes de gozar, seja na vida ou na cama, LGBTQIAPN+ têm que lutar.

E a luta precisa acontecer em espaços diversos, em momentos todos, para que possa reverberar uma mudança nessas vivências. Desde tenra idade, crianças LGBTQIAPN+ são afastadas de sua própria epistemologia em construção devido a um rapto de conceitos pessoais que poderiam emergir a partir de suas próprias experiências, essas crianças são nomeadas a partir do outro e da perspectiva de um mundo dado como natural. O que foi apontado Baldwin (2014, p. 31): “o crime [culpa] que de que você descobre ser culpado não é apontado por você, mas por outras pessoas”⁵ parece uma hipérbole. Butler (1996, p. 157) analisa como os corpos passam por esse movimento, como somos demarcados socialmente a partir de um jogo de poder e de certo controle:

O que está em jogo nessa reformulação da materialidade dos corpos é o seguinte: 1. A remodelação da matéria dos corpos como efeito de uma dinâmica do poder, de tal forma que a matéria dos corpos será indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação daqueles efeitos materiais; 2. O entendimento da performatividade não como o ato pelo qual o sujeito traz à existência e aquilo que ela ou ele nomeia, mas, ao invés disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange.

Crianças LGBTQIAPN+, *queers* ou viadas, como preferir, são usurpadas durante toda infância, somos tolhidos em tudo que podemos ou queremos ser. Grande parte dos LGBTQIAPN+ carrega em sua memória frases como: “Não pode sentar assim”, “Não desmunheque tanto”, “Pareça homem”, “Não chore”, “Esse brinquedo não é para você”, “Isso é coisa de menino”, “Isso é coisa de menina”, “Olha como ele é educado e silencioso”. Somos despidos dos nossos desejos primários até que não sobre nada mais de nossos corpos, linguagens e gramáticas mais pessoais, em prol de um projeto de normalização de condutas

⁵ Original em inglês.

dentro de um sistema heteronormativo dicotômico no qual qualquer movimento divergente pode ser letal. Parece que criamos um pacto assinado antes mesmo de nossas chegadas no mundo e tal pacto social nos assombrará durante boa parte de nossas vidas.

Nesse processo, vamos buscando meios de sobreviver, tentando “dar o nome” para se manter. Cada criança viada que conheci buscou, a seu modo, um jeito de não sucumbir, porque somos ensinados desde muito cedo que ser como somos gera algum tipo de violência e, em alguns casos, a culpa dessa violência não cairá no agressor, mas em nossas contas, por sermos diferentes da norma.

Eu cresci nesse cenário, como tantos outros LGBTQIAPN+, sem grandes referências de pessoas como eu, numa mídia que utilizava corpos de bichas, sapatonas ou transexuais como algo para provocar riso. Diversos são os incômodos que LGBTQIAPN+ tiveram com figuras como “Pit Bicha”, “Pit Bitoca” e “Seu Peru”, não pelo que eles eram — personagens gays da TV brasileira —, mas pela forma como eram representados, sempre associados a situações de menosprezo pela vida gay. Se não éramos cômicos, éramos vistos como perigosos: as décadas de 1980 e 1990 trouxe a Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS) para a sala de televisão de muitas famílias e, no lugar de conhecimento científico e discussões preponderantes, o que se viu foi uma verdadeira caçada aos inimigos da humanidade, os portadores do apelidado “câncer gay”.

Se ver representado e se reconhecer como LGBTQIAPN+ foi e ainda é uma luta dolorosa que rendeu – para quem podia arcar – boas horas de terapia. Para alguns se tratava da busca confortável de um armário de cristal, como veremos à frente, e para outros, significava a ida constante para militância e o ativismo. Infelizmente, para tantos, essa existência resulta no autoextermínio ou ainda no assassinato e na morte perante um sistema que tenta nos silenciar a todo momento.

É preciso que haja espaços de acolhida para pessoas dissidentes. Como já posto, alguns são rechaçados de suas casas, outros buscam acalanto em espaços religiosos, porém poucos são respeitados em sua diversidade e um local que deveria ser de afeto e cuidado para com crianças e jovens LGBTQIAPN+ seria a escola.

Foi na escola que aprendi duas boas lições: a ter raiva e a não me conformar com injúrias. Porém, eu deveria orientar esse sentimento para sobreviver na minha realidade dissidente e, para tal, eu teria que aprender a atear fogo naquele sistema de outra forma: de dentro dele. Percebi que a melhor forma de fazer isso seria por meio da educação, porque era assim que o sistema mais me temia. Quando eu escrevia nas aulas de redação, quando eu questionava algo nas aulas de ciências humanas ou quando eu era expulso da catequese porque

perguntava demais sobre as ordens dogmáticas da Igreja: questionar era meu palco favorito na escola e na minha vida social.

Nessas andanças, eu quis muito fazer revolução e tinha um desejo imenso de mudar o mundo, criar uma milícia gay associada a uma luta armada feminista, queimar o mundo heteronormativo e racista que tanto ceifou os meus sonhos, que me impossibilitou tanta coisa.

E, ao insistir tanto, após dias de dificuldade financeira, enterrar todos os entes queridos, prostituir-me em subempregos e tentar sobreviver enquanto professor de humanas em designações ou na atual rede particular em que leciono, finalmente consegui minha inserção na UFMG, no PROMESTRE, em 2021, começando por disciplinas isoladas que abarcavam o conteúdo que mais me instiga. Prefiro falar dessas aulas como um soco no estômago, um sopro na mente e um respiro longo numa rotina de escola fatigante. Se a sala de aula é meu espaço e meus estudantes são meus conjurados, o restante da escola ainda me cheira a 1990 com seus preconceitos e normatividades. Mas, quinzenalmente, pude entrar na Faculdade de Educação (FaE) para discutir Butler, Scoot, Laclau, Derridá, Guacira Louro e tanta gente incrível que me fazia sentir imensamente grato pelo momento que era um ponto de equilíbrio, inspiração e “um gás” para conseguir fazer melhor em sala de aula.

Sala de aula em que sou referência para meus estudantes e em que conquistei o seu respeito. Sinto-me referência para os alunos LGBTQIAPN+, mesmo sem me assumir declaradamente, porque estipulo um silencioso pacto de que nas minhas aulas, não ocorrerão atos que os silenciem em toda sua expressão e, principalmente, porque tenho orgulho de ser uma pedra no sapato de muitos adultos que trabalham comigo e que sabem que a bandeira das minorias é levantada em minhas aulas.

Porque se antes eu queria pertencer e ser parte da norma, depois abandonei essa ficção de ser algo que não sou apenas para me enquadrar dentro de um sistema. Nesse momento, acredito eu, comecei a me pertencer e reconhecer minha trajetória como algo mais sincero para mim. Quando não existe território para nossa existência, o criamos dentro de nós e, a partir disso, criamos as possibilidades para que ele seja frutífero. Conforme eu havia pensado, a educação me salvou em diversos momentos, de maneiras singulares e em instâncias múltiplas.

Parece um caminho tão simples quando escrevo, mas foi necessário muita luta nesses 38 anos. Não era para eu estar aqui. Nunca foi para eu chegar tão longe. Então me deparo com este momento, escrever esta dissertação. É o momento da revolução.

Vamos às armas. Penso em um Alessandro do passado que preservo em mim. Mas em uma conversa interna com ele, eu só posso dizer: “não vou, não vamos, acalme esse coração revoltado, jovem”. Nem quero ou devo envolver este texto à carnificina que almejei aos meus

algozes do passado. Questionar era meu palco e continua sendo, mas agora posso conclamar a minha história e a dos meus. Minha revolta armada jamais irá acontecer. Ela ocorre de outra maneira, silenciosa, pelos meandros e pela sobrevivência perante aqueles que me queriam silenciado.

A revolução que eu pretendia fazer anos atrás não será televisionada, como já dizia um dos pioneiros do rap americano, Gil Scott-Heron, em seu protesto de 1971, nomeado de “The revolution will not be televised”. Ela tem acontecido na minha existência como ocorre com todo LGBTQIAPN+: pela sobrevivência e pela insistência.

Este texto não vai ser um manifesto, não vai ser o molotov na cara da sociedade patriarcal, como eu queria. Antes, ele vem como uma brisa leve que conta uma novidade, como aquele ar de chuva depois de um dia quente e doloroso. O que se pretende aqui é deixar um registro agriçoce sobre a vida de quem tenta, de quem podia buscar um caminho outro, mas ainda insiste em ser o que é ou fingir outra existência para seguir mais um dia. Nas palavras de RuPaul, a *drag queen* preta com mais Emmys do mundo: “You are survived, to slay another day” (Você sobreviveu hoje para arrasar no próximo dia. Tradução minha) (Informação verbal).⁶

1.1 O cenário e o ator principal: a escola e o professor dissidente — recortes do objeto

Em qualquer sociedade humana da História, houve alguém a professorar. Nas sociedades ágrafas, como as tribos bantus na África, com sua figura mítica dos griots, símbolos sagrados que em meio a cânticos entoavam histórias da tribo como enunciação de lições necessárias para vivência dos seus componentes. Ou, ainda, do outro lado do Atlântico, povos ameríndios que mantinham seus costumes vivos a partir das falas de grupos de pessoas mais velhas. Uma das formas de manter a história é através dos “homens-memória”, que, nas palavras de Le Goff (1992), consistem em guardiões da vivência coletiva, responsáveis por transmitir a história numa sociedade sem escrita.

Independentemente da forma como é feita a transmissão do conhecimento a figura do professor está presente. Seja pelos diálogos de Platão, que serviram para apresentar suas ideias e deixar para a posteridade o legado de seu estimado professor Sócrates, um marco da filosofia ocidental, ou por meio de uma sistematização mais precisa do conhecimento como feito por

⁶ Frase dita com frequência por RuPaul em seu programa RuPaul’s Drag Race.

Aristóteles. —Na antiguidade temos Sócrates que ensinou a Platão que professorou a Aristóteles que por sua vez foi mestre de Alexandre, O Grande.

A sobrevivência e a permanência no planeta só foram possíveis porque as espécies aprenderam com os seus antecessores. Para além de evoluções biológicas, nossa espécie e tantas outras tiveram que aprender a sobreviver. Portanto fez-se necessário uma figura: aquele que professora. Aquele que traz a boa ou a má nova, que faz com que o conhecimento além de se propagar, perdure pelo tempo. Faz-se necessário uma pessoa que ensine e nesse processo também aprenda, não mais como uma figura xamânica que explique tudo com ares de certeza, mas que esteja aberto a se mostrar enquanto exerce seu ofício por ser parte corporal daquilo que se ensina. Como aborda Freire:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 2005, p. 91).

Como já posto, a escola também é o local da reprodução das assimetrias de gênero, da permanência dos ritos que separam meninos e meninas, que silenciam diferenças e mostram a existência da norma e da margem. Assim, a escola evidencia-se como um local de formação de identidades em que, ao invés de ser um campo de multiplicidades que acolhe jovens em sua formação, corrobora para que se perpetue o ciclo da exclusão: famílias excluindo a diferença, a educação escolar que não agrega e deixa jovens LGBTQIAPN+ à margem em diversos aspectos políticos, sociais e culturais.

Nessa direção, Junqueira (2009) explica que não é raro que a população LGBTQIAPN+ em espaços educacionais seja alvo de uma “pedagogia do insulto”: tratamentos preconceituosos, exposição a constrangimentos, violência física, verbal, ameaças, entre outras formas de exclusão. Guacira Louro (2007, p. 30) por sua vez afirma que “[a] escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém assuma sua condição de homossexual ou bissexual”.

O corpo docente também é tratado assim, e como símbolos do saber e da boa moral, espera-se que professoras/es tenham uma conduta impecável, sejam polidos, sigam a regra heteronormativa e sejam discretos em suas posturas sociais e sexuais. Contudo, como pode haver uma sociedade pluralizada e respeitadora das diversas formas de existência, se um dos principais ambientes de formação — a escola e as/os professoras/es, sujeitos responsáveis pela

instituição — são mantidos em uma realidade pretensamente homogênea de neutralidade quanto à norma e expressões de gênero?

Esse simbolismo carrega uma ideia também proposta por Louro (2007), segundo a qual essas representações sociais são formas, papéis sociais de se apresentar que são apreendidos de forma cultural, que vêm carregados de informações pregressas e já esperadas dentro do modelo vigente. Nesse caso, a forma como os professores têm que se apresentar socialmente irá delimitar sua ação, tornando-se, assim, parte constitutiva e produtiva do que eles são. Com isso, serão legitimados ou inviabilizados para o ofício.

Assim, a performance de professoras/es é limitada e atravessada, em diversos pontos, pela sociedade que os cercam e pelo seu ambiente de produção. A escola, como analisa Louro (2007), é um local que assinala exclusão, separa quem está dentro e quem está fora e, como instituição que perdurou por tanto tempo, precisou engendrar sistemas silenciadores para sua manutenção histórica.

Portanto, o espaço escolar é o local da fala masculina, da permanência dos ritos que separam meninos e meninas, que silencia diferenças e mostra a existência da norma e da margem. A escola é, como analisa Foucault (1991, p. 125), um local onde o corpo é modelado a partir do poder que o aprisiona, logo, vai ser o espaço em que “[...] se manipula, treina, obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam”. O que se multiplica é a padronização do homem branco heterossexual no que realmente é a ideologia de gênero: uma imposição constante de ser heterossexual.

Para trabalhar como professores, historicamente eram escolhidos os padres, as mulheres sem filhos ou viúvas para que estes fossem símbolos de uma sexualidade neutra, inexistente, fazendo com que a escola parecesse um local que não possui componentes sexuais.

Ao mesmo tempo, os professores levam uma vida sexual “exemplar” fora da escola e assim esperam que o façam. Exemplar, significa, nesse contexto, que o ideal é ser heterossexual, estar casado e, no caso das mulheres, ter filhos já em idade escolar. Dentro da escola, a identidade sexual dos professores se vincula ao papel do guardião moral que serve de exemplo para as crianças e regula a sexualidade dos jovens. E quando os docentes questionam ou rechaçam este papel de guardião da moral é possível que sua vida se converta em motivo de escândalo, inclusive de pânico moral⁷ (Epstein; Johnson, 2000, p. 137-138).

Se torna necessário, portanto, entender aquelas vivências dos professores que subvertem as perspectivas cisheteronormativas depositadas sobre os seus corpos e quais os contextos

⁷ Original em espanhol.

vivenciados por eles no exercício da docência que facilitam ou dificultam sua permanência como professores. É relevante debruçar-se sobre quais são suas estratégias de sobrevivência, suas agruras e principalmente como eles operam suas vidas profissionais dentro de um campo que ceifa a possibilidade de ser diferente e engessa corpos, mentes e possibilidades em apenas uma obrigação social: ser um exemplo heteronormativo.

De acordo com o antropólogo Luiz Mott (2003) em seu livro *Homossexualidades: mitos e verdades*, estudar sobre as homossexualidades é parte preponderante para se entender as bases do preconceito social e com isso liquidar, mesmo que aos poucos, a intolerância e a violência descabida contra homossexuais. Entender como a violência se dá com homossexuais e como se organiza dentro da escola é parte importante para compreender como o preconceito se estrutura dentro de um local tão importante na formação dos sujeitos e faz parte de um entendimento maior sobre a LGBTQIAPN+fobia.

Conforme levantamentos em diversas pesquisas, a vivência de professores homossexuais é permeada por uma complexidade de dúvidas, incertezas e receios. Desde se “assumir” ou “ser descoberto” perante uma turma e como isso pode reverberar pelos corredores, na direção e até mesmo na relação da família dos estudantes com a escola que acolhe um professor que se autoidentifica publicamente como gay.

Assim, diante desse conjunto de questões que entrelaçam a minha trajetória, as preocupações sobre a escola, sua organização, e as formas de existência de professores gays em seu cotidiano, resistindo e fazendo valer seu lugar na docência, é que nasce meu projeto de mestrado para o PROMESTRE.

Inspirado nas obras *Encontro Marcado* e *Menino no Espelho* de Fernando Sabino (2006), busco entender a docência gay em um retorno ao passado a partir do outro, visto que o professor pode vir a criar um abraço de resistência naquele que é o estudante dissidente na sua performatividade e suscitar um meio dele aprender a conviver com a diferença. Esse abraço, entretanto, também acolhe o estudante gay, estigmatizado e excluído que o professor foi um dia.

O elo pode ser breve, porém, é uma acolhida na esperança de que aquele possa vir a se tornar um dia aquele que abraça. É uma possibilidade que alguns não tiveram, já que diversas vidas LGBTQIAPN+ são perdidas de inúmeras formas. Mas pode ser um sopro de esperança para aqueles LGBTQIAPN+ que ainda vivem: entender que vale a pena tentar, insistir e ser como se quer ser e não como a sociedade busca nos fazer crer quem somos. É preciso, pois, delinear como se dá esse encontro em suas particularidades, desafios e permanências para que,

mesmo quando o mundo ao redor tentar nos diminuir dizendo não à nossa existência LGBTQIAPN+, possamos criar e inspirar laços de afeto para os próximos que virão.

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro (SABINO, 2006, p. 15).

2. METODOLOGIA

Tu me emprestas a agulha que te empresto a linha, pode vir sem medo, Exu, que a costura minha — Domínio Popular

Neste capítulo, irei explicitar os caminhos tomados para produção da pesquisa desde sua gênese até a chegada aos meus pares que foram entrevistados e como me insiro nesse processo como pesquisador encarnado no projeto.

Para falar sobre os meandros da metodologia gostaria de trazer uma imagem, um signo recorrente nas vivências do cotidiano: a encruzilhada. Encruzilhadas são parte do dia a dia, porém, têm um simbolismo demarcado dentro das religiosidades de matriz africana. Exu, o orixá guardião da comunicação, senhor das demandas e da abertura de caminhos, é, também, o responsável pelas encruzilhadas. A encruzilhada é o tempo-espço que comporta sete caminhos que podem ser vistos como vias de acesso tanto para frente, como para trás, para os lados, para cima ou para baixo, sendo que a sétima saída é um retorno para dentro de nós.

Ao pensar em Metodologia, sinto-me em uma encruzilhada, parece que tenho que escolher um caminho a seguir e permanecer nele como uma estrada infinita. Isso, a necessidade da escolha racionalizada, me soa como algo tão ocidental, sempre um único viés que busca a ciência. E informo: não tenho nada contra os cânones que caracterizam o uso das metodologias enquanto maneiras que asseguram um estudo, proponho-me, inclusive, estar nesse lugar, pois sei da responsabilidade das exigências interpostas pelo exercício de fazer ciência e as obrigações advindas dos rigores acadêmicos próprios do campo universitário. No entanto, devido à minha fé e em minha crença em Exú como um grande guia na vida, assumo o risco de ser mais leve na minha busca por possibilidades infindas nesse texto, com suas idas e vindas. Entendo que essa é a melhor opção para entender as limitações da pesquisa e, a partir delas, conseguir regressar e encontrar outros caminhos. Sempre mantendo, entretanto, a fidelidade ao sétimo caminho, o retorno a mim, a partir do qual posso trazer novas possibilidades e análises para o texto, como o próprio Exú fez:

Essa é a capacidade de Exu enquanto *Enugbarijo*, aquele que engole de um jeito e devolve, vomita de maneira completamente alterada. Isso está expresso no Odu de Ifã, em narrativa que nos conta que Exu engoliu o mundo e o reconstruiu, revitalizou com seu vômito (Rufino, 2021, p. 7).

Dessa forma, o primeiro passo que busco para esse capítulo é o de retorno.

Não tenho memória se tive algum professor homossexual durante minha formação escolar. Era assim nas décadas de 1980 e 1990, quando frequentei os bancos escolares, mas ainda é assim, visto que a escola é um lugar de predominância de professoras em salas de aula e que elas, assim como os professores presentes, eram e são majoritariamente aderidas a uma heteronormatividade compulsória sem precedentes. Em minhas vivências escolares, como estudante ou professor, percebo que os modelos de masculinidades e feminilidades na educação expressam e seguem padrões inabaláveis que se apresentam como figuras públicas impecáveis — Exú jamais aprovaria isso. Esses professores transmitem uma imagem de austeridade, exemplos de moralidade e conduta. Mesmo aqueles professores “fanfarrões” — que ganham o público por expressarem uma simpatia quase caricatural, inclusive pelo apelo excessivo de piadinhas que flertam com o machismo, homofobia e racismo — também fazem valer as mesmas estereotipias acerca da masculinidade e feminilidade em que qualquer subversão às normas de gênero são rapidamente vistas como inadequadas.

Lembro que fazia questão de passar despercebido por esses professores, temendo não apenas me tornar motivo de piada, mas mesmo ser visto por esses senhores.

Seja no meu ambiente escolar da infância, da juventude ou no começo da fase adulta na faculdade, a construção de gênero e a sua performatividade pelos professores que nos cercavam eram uma indagação constante. Parece que existe algo no limiar entre o público e o privado que causa essa inquietude, principalmente tratando-se de âmbitos nos quais operam relações assimétricas de poder.

Com a minha vivência docente, deparo-me com momentos em que estou no centro do questionamento feito por meus alunos sobre mim, seja por meio de olhares que me acompanham durante as aulas ou perguntas diretas sobre minha orientação sexual, ou, ainda, as histórias de afeto amoroso entre professoras e professores que são criadas pelos estudantes. Percebi, nesses 15 anos de sala de aula, em conversas com colegas, que esse comportamento é corriqueiro. A vida pessoal e a performatividade de professoras e professores é, até hoje, palco de curiosidade entre o corpo discente.

Vivemos, porém, tempos outros em comparação aos que vivi como aluno da escola básica ou mesmo da universidade. Urge a necessidade de entender a sexualidade como algo político, como vivência cotidiana e, principalmente, como parte de vivências datadas dentro de um recorte histórico, cultural e social, como aponta Foucault (1998) ao cunhar o conceito “dispositivo histórico” para se referir à sexualidade.

O que o dispositivo da sexualidade pretende é normalizar as condutas ao prescrever, para a escola, um local que visa ser pretensamente neutro, com distinções binárias que separam

meninas de meninos e os classifica por idade e desempenho, insistindo em corroborar com a ideia de que gêneros não se misturam e, principalmente, que eles devem ser enunciados unicamente para diferenciar os corpos e jamais questionar os padrões impostos. Foi buscando compreender como funciona o dispositivo da sexualidade na Educação Básica que cheguei à ideia inicial do projeto.

Pretendia, em primeiro momento, analisar os professores LGBTQIAPN+ em suas performatividades e vivências pessoais em um atravessamento entre vidas privada, pública e política permeadas pelo dispositivo “armário” como revelador ou esconderijo da sexualidade das pessoas LGBTQIAPN+. Orientado pelo Professor Paulo Henrique, no entanto, fui interpelado: “repense a possibilidade de reduzir e focar em apenas um grupo do movimento extenso que temos, já que o tempo do PROMESTRE é curto e se torna mais reduzido para quem ainda mantém o labor de ser professor”.

Assim, recortei o objeto ao centrar-me nas vivências de professores gays/homossexuais/bichas devido a dois pontos demarcados: primeiro por ser a minha experiência enquanto um homem gay e, portanto, ser algo próximo de mim e de minha vivência. Destaco que não pretendo me prender às particularidades de minhas experiências como professor homossexual, visto que, nas palavras de Djamila Ribeiro (2017, p. 61) “[...] não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades”.

Vale a pena ressaltar que não é do interesse dessa pesquisa ao citar “lugar de fala” criar uma ideia universal em que caibam todos os professores homossexuais, uma identidade única que seja capaz de falar sobre o assunto. Não defendo aqui a ideia do fenômeno de ser “O Gay”, mas, sim, por entender as nuances oriundas de ser gay e pelo fato de essas expressões de gênero e sexualidade serem mais sensíveis a mim, o que, muito provavelmente, me permitirá aproximar mais confortavelmente das agruras e delícias de ser bicha junto aos meus pares.

Essa é uma aposta que faço, posto que cada experiência entre os entrevistados será singular e estabelecerá desafios e estranhamentos em relação à minha posição.

O segundo ponto importante é o fato de que homens gays são mais visíveis em sua dissidência diante das normas de gênero entre LGBTQIAPN+. E aqui não estou dizendo que são gays que sofrem mais violência de gênero. É sabido que a transfobia é veículo de muito maior violência, corpos trans são prematuramente expulsos de suas casas e dos bancos escolares – quanto não são constrangidos ao abandono e/ou ao trabalho sexual – e muitos são assassinados ou cometem suicídio. Processos de transgenerificação são vistos com muito temor pela sociedade, que associa esses trânsitos à ideia de pecado, doença ou imoralidade. Assim, são

poucas as pessoas trans que permanecem em carreiras longevas na educação e chegam a ser professoras e professores. Inclusive, justamente por serem um contingente bastante pequeno, isso só corrobora com a violência atrelada às suas existências.

Homens gays e mulheres lésbicas usufruem, em uma sociedade transfóbica, de certas vantagens em contraponto a pessoas transexuais que, por exemplo, que ainda lutam para quebrar as estatísticas sobre sua expectativa de vida que conforme aponta a Associação Nacional de pessoas trans e travestis do Brasil é baixo, não se tem ao certo, devido a dificuldade dos levantamentos de dados conforme a própria ANTRA aponta:

Diante desse cenário de não reconhecimento por parte do estado de determinada parcela da população, em especial a comunidade trans e travesti, que enfrenta um processo de radicalização e acirramento da transfobia por uma agenda transnacional, grupos da sociedade civil organizada iniciaram a produção, sistematização e publicização de dados sobre violência contra população LGBTQIA+ com a finalidade de chamar atenção para as violências e os mecanismos de violação que são omitidos no cenário das instituições sociais. (ANTRA, 2024)

Mas então, por que não escolher entrevistar também ou exclusivamente mulheres lésbicas? Afinal, muito provavelmente, o número de professoras lésbicas deve ser muito maior do que o número de professores gays, já que o número de professoras no Brasil é um contingente muito expressivo: 81% dos docentes são mulheres em exercício na profissão de acordo com o censo escolar de 2020 (Brasil, 2021). As mulheres professoras, assim como nas demais profissões tidas como femininas, por primarem pelo cuidado, foram selecionadas pelo recato no cumprimento de suas atividades. São elas que cuidam, na escola, em consonância com a mãe que cria as crianças em casa. Para ser professoras, historicamente foram escolhidas as mulheres sem filhos ou viúvas para que fossem símbolos de uma sexualidade neutra e inexistente e para que a escola parecesse o local que não possui componentes que exalem tal característica.

As mulheres que habitam minhas memórias escolares também se assemelham a esse quadro, com um agravante para o meu (o nosso) olhar juvenil: um número expressivo delas era "solteirona"! A palavra tinha um peso muito forte, nos anos sessenta. Representava não apenas uma mulher que não era casada, mas uma mulher virgem, que não havia sido tocada. A atmosfera religiosa que cercava a vida escolar acentuava sua apresentação discreta e austera e vários outros indícios nos sinalizavam que essas eram mulheres sós (Louro, 2010, p. 13).

Por maiores as contribuições que o movimento feminista tenha feito para nossa sociedade, ainda trazemos, na sala dos professores, a ideia da professora que, mesmo não performando “a solteirona”, é despida de qualquer sexualidade. Essa profissional é conformada por uma sexualidade matrimonial mantida pela conjugalidade imposta pelas instituições e em

constante vigília por parte do marido/namorado, afinal, é preciso manter as aparências para se manter o emprego.

A escolha pesquisar homens homossexuais no exercício da docência assenta-se, portanto, na perspectiva de que deles se exige virilidade e que aqueles que não possuem tais insígnias poderão ser vítimas prioritárias do acoso homofóbico.

A partir do exposto sobre o recorte e sua justificativa, se fez necessário buscar uma metodologia que possibilitasse uma pesquisa assegurada dentro dos meios científicos cabíveis para sua concretização.

Como aponta o próprio título da pesquisa, busco delinear a vivência através das narrativas dos entrevistados, tendo como base teórico-metodológico a abordagem (auto)biográfica como escopo para entendimento epistemológico da história de vida dos sujeitos que trarão suas vivências para essa pesquisa.

Conforme Análise de Souza:

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos vividos pelos sujeitos em diferentes contextos (Souza, 2006, p. 24).

A pesquisa biográfica se inscreve em um espaço metodológico que apresenta o narrador como figura principal e como agente de sua história, estando a todo momento experimentando o seu próprio ser e o mundo ao seu redor dentro de um espaço-tempo que o possibilita criar, a cada instante, um momento próprio, único e singular de sua história.

A temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem. Essa temporalidade biográfica tem sua gramática ou sua sintaxe fundamentada na sequência narrativa matricial que representa a trama da vida entre o nascimento e a morte (Delory-Momberger, 2016, p. 134).

A função da narrativa é desvendar, através da fala do entrevistado, os entraves e as teias que interligam passado, vivências, momentos de tensão e seus métodos de superação. Conforme aponta Delory-Momberger (2016), como nós, seres humanos, não temos controle ou transparência de nossas narrativas enquanto elas se produzem, cabe à linguagem e todo seu arcabouço simbólico trazer à tona esse emaranhado de sensações e vivências.

Escolho também esse tipo de metodologia por ela evocar, como dito no começo, uma forma menos decolonial e que se aproxima da pedagogia das encruzilhadas e de seu protetor Exú, pois é ele quem cuida da comunicação, do verbo e do silêncio dentro do diálogo. E como

aponta Fanon (2022) quando aborda o colonialismo epistêmico, ao sermos nomeados pelo outro, somos colonizados no nosso cerne mais profundo que é o da linguagem. Portanto, se para pessoas racializadas é necessário um giro enunciativo para combater o racismo, é por meio da palavra e do discurso, trazidos por esses entrevistados, que poderei de alguma forma buscar nuances de empoderamento e brechas para auxiliar no combate à LGBTQIAPN+fobia.

A narração é algo tão inerente ao ser humano que por vezes parece um artífice natural de nossa espécie. Contamos sobre nós e sobre nossas vivências ou, como nos aponta Conceição Evaristo: *escrevivência*, termo que cabe bem nesse texto que se delineia. A autora belo-horizontina conta sobre o surgimento desse conceito:

Vinha maturando ao longo do tempo. Em 1994, na minha dissertação de mestrado, fiz um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se e aí surgiu a palavra *escreviver*. Mais tarde comecei a usar *escrevivência*. Em 2005, se não estou enganada, estive num seminário sobre mulher e literatura, no Rio de Janeiro, e houve uma mesa de escritoras bem diversa. Terminei meu relato dizendo que nossa *escrevivência* não era para adormecer a casa-grande, e sim para acordá-la de sonos injustos. O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e bás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a *escrevivência* das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências (Evaristo, 2019)

Essa sede e necessidade de contar sobre o cotidiano e sobre nossas lembranças nos limitam e nos possibilitam estar no mundo, já que somos, além de discurso e linguagem, um emaranhado de memórias que nos interpela. Exemplifico aqui com o enredo de um filme de 2003, “Narradores de Javé”, da diretora Eliane Caffé que conta como os moradores pescadores do Vale de Javé buscam, por meio da narração de sua história, conseguir impedir a construção de uma represa que inundaria o vilarejo que habitam. A busca por sua narrativa, pela história que os identificaria como sujeitos pertencentes daquele lugar, se torna a redenção desse povo.

Os Narradores de Javé, porém, não tiveram em seu enredo uma pandemia de caráter mundial como foi a COVID-19 que dificultou em muito a produção de todo conhecimento científico. Em um programa que já não conta com auxílio de bolsas, o processo de pesquisa deveria ser conduzido de forma mais ágil, mas a necessidade do distanciamento social dificultou cursar as disciplinas do curso, a realização do campo de pesquisa, a escrita da dissertação e a elaboração do artefato educacional. A aproximação com os entrevistados foi o processo mais atingido por esses atravessamentos, pois a necessária aproximação entre entrevistado e entrevistador para que a narrativa tenha uma escuta acolhedora não foi possível, pois vivemos

em isolamento total por mais de um ano. E um ano caro para todos — muito além das questões econômicas —, a saúde mental foi seriamente atingida devido ao sentimento de fragilidade devido às perdas de pessoas queridas e à intensificação de sofrimentos psíquicos relacionados ao luto e à solidão. Tudo isso culminou em dificuldade para se chegar aos entrevistados e no atraso na realização das entrevistas presenciais, mesmo havendo a possibilidade de elas serem feitas de forma *online*.

A partir do momento que foi possível um retorno parcial e contatos mais próximos fisicamente, busquei ativar as primeiras sementes da metodologia nomeada de bola de neve (*snowball*) que possibilita o estudo em grupos que são excluídos, estigmatizados ou, ainda, que passam por alguma segregação que são contemplados, portanto, por esse tipo de método. Na perspectiva de Santos (1983, p. 45), essa forma de pesquisa possibilita, a partir de situações particulares, estender as conclusões nascidas do estudo a um campo mais ampliado em que é possível verificar uma gama maior de permanências e mudanças em torno das variáveis encontradas nos estudos iniciais.

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhes descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou único. A riqueza do caso não está no que é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que constituem (Santos, 1983, p. 11).

O processo se dá inicialmente com as “sementes” que são os primeiros entrevistados e que indicam novos possíveis participantes até então desconhecidos para o pesquisador. Esse processo pode ser sucessivo, permitindo o surgimento de outros indicados e criando uma rede de contatos que permita, por um lado, o resguardo de um distanciamento na situação de entrevista entre o entrevistador e o entrevistado para que a abordagem de temas delicados e íntimos seja facilitada; e por outro, para que se possa criar uma rede com maior diversidade entre os indivíduos, posto que o interessante de acordo com Vinuto (2014) é criar sementes em grupos sociais diferentes para que haja uma maior pluralidade de narrativas.

Entretanto, apesar de a sexualidade parecer à primeira vista ser um assunto corriqueiro e de fácil acesso, não foi fácil encontrar professores homossexuais interessados em falar sobre esse assunto. Ao buscar as primeiras sementes, fiz uma triagem maior entre amigos e colegas de trabalho, mas quando o assunto é sexualidade na escola ou vivências relacionadas a isso, já se cria uma tensão em se expor, por isso, encontrar pessoas interessadas em abrir suas realidades pessoais não foi uma tarefa simples. Algumas pessoas apontavam, mesmo com todo respaldo

do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFMG, temor de demissão, em caso de professores da rede particular, e alguns, da área pública, temiam o desrespeito por parte de alunos devido à sua orientação sexual. Outros, ainda, não conseguiam entender bem como a sexualidade pode ser palco de discussão política, ainda menos como isso estaria dentro da sala de aula e que importância, portanto, esse tema teria para que sua intimidade fosse de interesse público.

Outro ponto agravante, que interfere diretamente no maior distanciamento entre entrevistador e entrevistado, é que quanto mais se amplia o escopo das questões tratadas dentro de um tema, menor é o número de pessoas presentes dentro de uma mesma onda de informantes. Aumentando a possibilidade de haver uma aproximação maior entre os envolvidos quanto às opiniões expressadas, a metodologia bola de neve conseguiu atender apenas parcialmente os interesses da pesquisa, já que não foi fácil encontrar pessoas interessadas e com a distância realmente grande como o método propõe.

A ampliação do número de entrevistados adveio das indicações de contatos realizados por colegas da escola em que leciono, por ativistas de movimentos sociais de que participo e indicações, também, de colegas de estudos das disciplinas que frequentei durante o PROMESTRE.

Um dos pontos edificadores do PROMESTRE e da UFMG é a análise da pesquisa pelo Comitê de Ética que, entre diversas funções, busca assegurar a integridade dos participantes da pesquisa quando esta envolve diretamente animais ou seres humanos seja em entrevistas, coleta de células, amostra de tecidos humanos ou animais. É um processo simples para cadastro, mas com métodos bem específicos que são adotados desde o início da análise até o momento da aprovação. Nossa pesquisa foi aprovada sob o número 5.895.740.

Uma das exigências do CEP é a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em que o entrevistado autoriza o uso de suas falas ao ser devidamente assinado. O Cep solicita, ainda outros dois documentos: o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para autorização de pesquisa realizada junto a alunos e a carta de anuência para autorização da pesquisa em escolas. Para esta pesquisa, porém, não foram necessários estes dois últimos, por se não tratar de estudo que incida diretamente sobre alunos e não ter um local específico que o caracterize. Esta consiste em uma pesquisa sobre a vivência de professores gays em seus diversos locais de ação, seja na vida profissional como suas memórias e vida pessoal atualmente.

No capítulo empírico haverá maiores detalhamentos acerca dessas encruzilhadas de vivências e encontros entre meus pares.

3. DE CASO COM OS PARES: se tu vens as três da tarde...

Eu já vou me embora para a minha aldeia, eu já vou me embora, camarada para a juremeira, lá são sete estrelas, são sete os caminhos todos levam a Deus, camarada, nunca estou sozinho — Mariene de Castro

Este capítulo poderia se chamar “*O grande encontro*”, “*O encontro marcado*”, “*Aqueles meninos gays no espelho, aqueles homens viados na sala de aula*” porque é a partir dele que posso encontrar as falas de professores, pessoas que têm a marca da homossexualidade, mas transitam constantemente entre o mundo profissional da educação que busca normalizar corpos e o desvio da norma em suas condutas pessoais. Este é o momento ápice, pois ele abarca tanta coisa, é o momento em que fica demarcado aqui, para você que me lê, que não existe busca pela essência homossexual na escola dentro desta pesquisa, não estou interessado em erigir um símbolo representativo do que é o Ser-Gay-Professor na sala de aula, isso porque Ele simplesmente não existe. Diferentemente da heteronormatividade compulsória que, de forma quase que neurótica, busca a criação em massa de pequenos meninos vestidos de azul, másculos, rígidos, viris e fortes, que não se sensibilizam ou se emocionam, que são adeptos de esportes de contato físico, dados a atividades unicamente braçais, longe de sentimentalidades e avessos às artes, verdadeiros símbolos do que se espera do cabra macho, como se dentro do universo heterossexual só pudesse existir um único tipo de performatividade de gênero.

Os estudos feministas trouxeram essa possibilidade de análise para mostrar que não temos essencialidades entre homens e mulheres e, sim, uma produção de ser homens e mulheres marcados por momentos sócio-históricos, o que pode destruir a noção básica do ser em si essencialista e trazer a noção da pluralidade. “[...] o signo mulher não esgota a pluralidade de mulheres, da mesma forma que ao falarmos de gay, lésbica, travesti, transexual sabemos que há uma diversidade de experiências em cada um desses guarda-chuvas identitários” (Bento, 2011, p. 80).

O mundo LGBTQIAPN+ é diverso. Nossa sigla, que muitas vezes sofre chacota por estar em constante mudança ao agregar uma nova letra que representa outra possibilidade de ser e viver uma sexualidade que para o mundo hegemônico deveria ser silenciada, mostra, nesse movimento inclusivo, que o sistema sexo-gênero é falho e que existem muito mais diversidades que a dicotomia posta socialmente.

Conforme as palavras de Deleuze (2013, p. 61), “[...] todo nosso pensamento é mais modelado pelo verbo ser, pelo *É*”. Essa busca incessante pela autoafirmação de nossas identidades e por sublinharmos compulsivamente nosso verbo pessoal “ser/é”, nos percebemos

reafirmando constantemente dicotomias, binaridades e suas armadilhas discursivas. São narrativas postas entre dominação e resistência que acabam por nos afastar das multiplicidades dos seres.

Assim, mesmo considerando que a opressão causada pela homofobia consiste em um fio condutor deste texto que nos conecta uns aos outros, sabemos que esse fio amarra vivências de forma singular e que segrega cada qual em suas particularidades. Entendemos, também, que a forma como cada qual opera seu deslizamento mostra a variedade possível de sobreviver e se arriscar no campo de lutas diárias que é ser um professor dissidente.

As narrativas postas aqui são de uma riqueza imensa de detalhes, e provável mente uma das tarefas mais complexas da área de humanas consiste em entender, costurar e alinhar pensamentos e falas, analisar silêncios, compreender longas ou pequenas pausas de fala. Essa é a tarefa deste capítulo: revelar os anseios, medos e traumas dos entrevistados desta pesquisa.

Importante sublinhar que, durante as entrevistas, os professores usaram termos como *homossexual*, *gay* ou *bicha* para se autodenominar e falar de seus pares. Não irei homogeneizar a pesquisa escolhendo uma dessas denominações para se referir a eles em minha escrita ou, mesmo, alterar o uso que foi feito por eles desses termos. As palavras têm potencial para além de seus sentidos estritos, além disso, existe uma grande discussão sobre a apropriar de termos que nos foram atribuídos no decorrer do tempo como formas de injúria e que atualmente são usados como forma de resignificação política.

De acordo com Fernando Seffner, “[...] acho que temos, na bichice, recursos suficientes para inventar o mundo. Inventarmos mundos. E não apenas copiar os que os demais já têm” (2011, p. 70). Acredito que não apenas inventamos, mas reinventamos formas de ser, de agir e de nomear. Seffner (2011, p. 75) cria uma metodologia para percepção da categoria, bicha:

Via Google imagens, coloque primeiro o termo gay, simplesmente isto. Verá aparecer uma coleção de corpos sarados, malhados, brancos, seminus, jovens, depilados. Tente então Gay Brasil, para termos a cor local do país. Praticamente isto se repete, não aparecem quase indivíduos negros, pardos ou mulatos. O tal “tempero moreno” nacional não se faz presente. Agora coloque o termo bicha no buscador, apenas isso. As imagens que contemplam negros, pardos, mulatos, velhos, homens maduros, homens de bigode e calcinha, ao lado é claro de boa quantidade de jovens, sarados, loiros, depilados de sunga. As travestis aparecem em maior número também quando a busca se faz por bicha, bem como as pintosas e as bichas efeminadas. Não tenho dados ao meu favor, mas penso que os mais atingidos pela homofobia/heterossexicismo são gays afeminados, pintosas, e travestis, muito mais do que brancos, sarados, jovens e discretos.

Assim, não vou me ater a denominar os professores utilizando apenas os termos homossexual ou gay, mas usarei todas as possibilidades e gama de resignificações de termos

e conceitos possíveis, uma miscelânea demarcadora da variedade que é ser um homem que se afeta, que deseja, que se interessa, que se envolve afetivamente, sexualmente ou amorosamente por outro homem.

Antes de apresentar minhas inferências a partir das entrevistas cabe, neste momento, narrar o caminho feito até a chegada aos seis entrevistados e quais percalços me foram trazidos. Ao escolher a metodologia de bola de neve, busquei certa impessoalidade entre pesquisador e entrevistado, acreditando na proposta de que quanto mais distante o grau de contato com a pessoa mais acadêmico e racionalizado seria o processo, mas mesmo usando essa metodologia de distanciamento para buscar novos entrevistados, em todas as conversas surgiram casos de escola já conhecidos ou algum colega de trabalho, amigo próximo em comum ou, ainda, um lugar de convivência social que nos unia. E disso surgiram diversas dúvidas “Por que professores homossexuais mesmo tão próximos não compartilham suas agruras com os pares?” “Qual o espaço que temos para dividir essas questões se estamos tão próximos e com experiências demarcadas por violências cotidianas tão parecidas?”

Acredito que essas violências capilares e cotidianas acontecem no campo das subjetividades, que elas não aparecem como grandes feitos e que somente quando elas passam para o campo mais explícito é que se inicia alguma discussão maior dentro da escola ou para além de seus muros. Exemplifico isso a partir da matéria da Revista Carta Capital que trouxe os dados da pesquisadora do Monitor do Debate Político no Meio Digital da Universidade de São Paulo, Michele Prado, que apresentou que, apenas nos anos de 2022 e 2023 (somente até o mês de abril deste ano), o número de ataques contra as escolas já superou aqueles ocorridos nos últimos 20 anos já foi superado. A análise dos perfis de autores dos ataques demonstra que eles são jovens, em sua maioria do sexo masculino e brancos, com baixa sociabilidade em ambientes presenciais e pouca vivência coletiva (Medina, 2023).

Esses casos, que foram alvo dos holofotes da mídia, fazem parte da violência escancarada que ocorre dentro das escolas e como aponta a especialista são feitos justamente por alunos do sexo masculino. O que me faz associar essa prevalência à masculinidade compulsória a que são impostos esses meninos, e demarco a pouca convivência coletiva, pois, ao serem privados de conviver em ambientes pautados pela diversidade e nos quais se ensine sobre o respeito a ela, a sociabilidade tende a ser baixa. Isso propicia uma visão difusa com relação ao outro e a falta de percepção de universos para além do que eles estão acostumados.

Por isso se faz necessário maiores espaços de convívio e, principalmente, que professores dissidentes tenham liberdade para usufruir de uma proximidade maior com todo o

ambiente escolar para, além de conseguirem ter sua vivência profissional mais tranquila, serem exemplos de pessoas diversas na vida desses jovens.

Retornando à metodologia da bola de neve, considero que ela foi importante no início da pesquisa por ter me permitido ampliar o contato com os pares, me fornecendo um caminho para chegar aos entrevistados. A partir disso, no entanto, foi de suma importância o contato com o campo da pesquisa narrativa e autobiográfica, pois nele pude perceber uma possibilidade metodológica mais afável, com o cuidado demarcado para a escuta empática e uma forma de condução das entrevistas que foi necessária nesta pesquisa, juntamente com a ideia do “pesquisador encarnado” . que encontrei, mais precisamente na escrita de Marcos Gondim Gomes (2022). Em seu livro “Professores Gays, quem se importa com eles?” Gomes (2022) traz esse conceito teórico-metodológico que foi desenvolvido pelo Grupo Enlace da Bahia e que coloca o pesquisador como sujeito da escrita, mas, também, como alguém que se apresenta durante os relatos, assumindo, assim, a postura de participante do processo ao se ver afetado subjetivamente pelas interpelações discursivas, posto que quem escreve está implicado na escrita.

Se, por um lado, consegui um alinhamento metodológico acolhedor na escrita deste texto como se pretendia; outro entrave surgiu no processo entre o projeto inicial e a escrita final. Meu interesse inicial era de fazer três entrevistas com professores com uma carreira mais longa e outras três com recém-formados para que pudesse vislumbrar, também, as diferenças temporais de vivências de sala de aula.

Todavia, ao encontrar professores mais velhos, não logrei convencê-los a participar da entrevista. Foram inúmeras recusas e apresento as justificativas mais comuns: “não quero me expor”, “temo pelo meu emprego”, “quase ninguém sabe de mim e não acho prudente ter minha vida sendo exposta assim”. Para além desses, ainda houve os que agendavam as entrevistas, mas no dia ou poucos dias antes desmarcavam ou simplesmente sumiam.

Além de atraso na pesquisa isso me gerou algumas pontuações e reflexões. Mesmo existindo o CEP que assegura, por meio de diversas diretrizes, tanto o anonimato da pessoa pesquisada como apoio em casos de relatos sensíveis, ainda existe resistência em falar sobre a própria sexualidade enquanto vivência política. Casos que poderiam ser demarcadores e de grande valia para o entendimento da diversidade de sexualidade do corpo docente são silenciados, pois ainda se teme demissão, repressão e preconceito por parte da comunidade escolar.

Professores homossexuais que já possuem uma carreira posta, além de temer por suas vivências profissionais, ainda e, principalmente, prezam pela manutenção de suas vidas

pessoais tranquilas. É como se houvesse a necessidade de uma vigilância constante como nos diz Ailton Krenak (2019), líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro: “Estamos em guerra”. Assim, se para o ativista, a guerra se inicia com a invasão e presença dos portugueses em solo brasileiro, em que o “índio” se constitui como uma identidade informada pela empresa colonial, podemos inferir que as guerras enfrentadas pelos professores gays nas escolas consistem em um artifício constante para a preservação de si diante das violências que incidem sobre seus corpos e que negam suas sexualidades. O poder e sua capilaridade mantêm as guerras que se ramificaram contra todo corpo que opere na dissidência e dita que ele precisa ser eliminado, controlado ou domesticado.

Mesmo em meio a todas essas intempéries foi possível reunir, conforme o esperado, seis pessoas, homossexuais com trajetórias de vida e realidades sociais bem diferentes, mas todas atravessadas pelo estigma da homossexualidade. Histórias que foram pautadas pela dureza da injúria ou pelo silenciamento pessoal daquilo que se é para sobreviver em um mundo que visa a normalização dos corpos.

Para chegar a cada um deles, enviei uma mensagem padronizada para pessoas próximas que poderiam indicar professores homossexuais interessados em participar, fato que já restringiu muito o campo de busca. Nesse momento foi preciso fazer um levantamento hipotético de pessoas ao meu redor que fossem LGBTQIAPN+ ou que fossem simpatizantes e que tivessem, em seu círculo de convivência, amigos ou colegas gays que lecionassem e que estivessem dispostos a ser entrevistados e a falar de suas vidas pessoais e profissionais.

Todos usaram pseudônimos conforme as demandas da pesquisa e cada qual me recebeu à sua maneira de forma calorosa, interessada, respeitosa e simpática, seja no pátio do Instituto de Ciências Biológicas/ICB na UFMG, como Augusto; ou nas casas de Clark, com sua decoração com referências culturais africanas; Bobby, com seu fundo musical de Elton John; Henrique, com seu lanche de fim de tarde; Murilo, que, mesmo acamado, foi muito dedicado à nossa conversa; e até mesmo no bate papo *online* com Márcio Ferreira que, a distância, mostrou-se interessado em colaborar com essa pesquisa por videochamada.

Augusto foi indicado por uma colega de trabalho que leciona na mesma escola que eu; Clark, que conheci em 2022, é casado com um dos colaboradores da parada LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte da qual fiz parte da produção; Bobby e Henrique são conhecidos do meu amigo João que atende pelo nome profissional de *drag queen* Joanna Mescladi; Murilo me foi apresentado por seu namorado, que foi organizador da roda de conversa sobre Educação e vivências LGBTQIAPN+ no Museu de Minas e Metais, que participei; e Márcio veio de indicações a partir de uma listagem de homossexuais que atuam em prol do movimento em

Minas Gerais. Com exceção deste, todas as entrevistas foram feitas presencialmente com gravação unicamente do áudio. No caso de Márcio, por estar em outra cidade, foi escolhido o método *online*, pela plataforma Google Meet, para agilizar o processo da pesquisa.

Cada sujeito aqui apresentado representou uma pequena janela que se abriu para o meu olhar, nelas consegui visualizar homens diante de um espelho em que era possível ver uma parte de vida e narrativas cheias de diversidade e complexidade. Estive diante de mosaicos a se delinearem na minha frente e com duas imagens sempre a se repetirem: uma criança viada sendo abraçada por um professor em sala de aula, o professor com as feições dos meus entrevistados e a criança com o semblante acuado, ora raivosa, algumas vezes tristonha, mas que eram acolhidas pelos adultos que diziam: “Calma, vai dar certo, a gente vai dar um jeito nisso”.

Espero conseguir honrar cada história ao apresentá-las no decorrer das próximas páginas.

Quadro 1 - Descrição dos entrevistados

Nome	Origem	Idade	Formação	Raça	Disciplina
Augusto	Belo Horizonte	38 anos	Mestre	Pardo	Biologia
Clark	Araxá	48 anos	Mestre	Branco	Letras
Bobby	Patos de Minas	30 anos	Graduado	Branco	Letras
Márcio	Mato Grosso	40 anos	Graduado	Branco	Letras
Henrique	Belo Horizonte	31 anos	Mestrando	Branco	Geografia
Murilo	Caxambu	33 anos	Mestre	Branco	Letras

Fonte: dados da pesquisa

4. UMA PRELIMINAR (EXPLICATIVA) CAI BEM

*If I take you from behind push myself into your mind
When you least expect it will you try and reject it?*⁸ —
Madonna — Erótica

Ao escrever este capítulo eu tive que escolher entre dois caminhos: ir direto ao ponto, narrar, analisar e apresentar as vivências dos professores unicamente no seu campo de trabalho ou trazer à tona uma diversidade de situações que se entrelaçam, entre vida pessoal e a vida política, como a questão da sexualidade, as expressões de gênero e, principalmente, de como isso se opera no meio profissional desses professores. Conforme as entrevistas foram se delineando, este caminho se tornava mais atrativo, apetitoso e mais sincero, pois como analisa Kimberlé Crenshaw (1991, p. 4), somos transpassados constantemente por diversas categorias sociais como gênero, classe, raça, orientação, idade e elas se entrelaçam e se sobrepõem criando opressões, desvantagens e discriminações, influenciando de forma dolorosa as experiências e as oportunidades de grupos marginalizados.

Seguindo a abordagem de Crenshaw, que também é o caminho de tantas pensadoras que admiro como bell hooks, Angela Davis e Audre Lorde, busco apontar como a experiência homossexual esbarra e muitas vezes se espalha em locais pessoais e profissionais contribuindo para que a homofobia esteja capilarizada de forma tão sutil que corrobora para o aumento da discriminação e, principalmente, engendra a ideia de que o papel social de homens esteja unicamente atrelado à masculinidade compulsória como forma de ser, estar e agir no mundo atual.

Outro interesse inicial seria escrever um capítulo sobre cada uma das vivências conhecidas por meio das entrevistas, porém, ao realiza-las percebi traços bem demarcados que as uniam ou experiências que eram similares entre os entrevistados, a partir disso, elaborando o que entendo ser uma análise mais rica e menos cansativa, optei por sequenciar o texto associando as falas a partir de quatro eixos fundamentais:

- A Infância do Acalanto – Quando o berço ainda afaga.
- Da Injúria Reveladora a Avalanche Adolescente – Quando a diferença se instaura até a ferida exposta e o sal que jogam nela
- A redenção do educador – Quando se olha no espelho e lá está o professor.
- Salvando a si, salvando o próximo – Quando é possível ir além e sonhar pelo/no outro.

⁸ Se eu te pegar por trás me enfiar em sua mente quando você menos esperar, você vai tentar rejeitar? Tradução minha.

Cada eixo se tornou uma seção deste capítulo, que serão apresentadas a seguir.

4.1. A Infância do Acalanto: quando o berço ainda afaga

*Nana neném que a cuca vem pegar. Papai foi na roça.
Mamãe, no cafezal. Bicho papão sai de cima do telhado,
deixa o nenemzinho dormir sossegado* — Domínio Popular

De acordo com o Núcleo de Ciência pela Infância (NCPI), desde o início da vida, a criança deve ser considerada em sua individualidade, como sujeito ativo do seu desenvolvimento, capaz de se expressar, interagir e brincar tanto por iniciativa própria como em resposta aos estímulos externos. A primeira infância é demarcada desde o nascimento até os seis anos de idade. O conceito de infância, como o da sexualidade é algo construído historicamente e datado.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (Ariès, 1981, p. 50).

Foi a partir dos séculos XV e XVI que, de maneira mais categórica, a criança emergiu como uma experiência passível de ser observada, já se sublinhava, em alguns registros, a diferença da celebração da chegada de um menino e uma menina. Existia na Grã-bretanha, até o século XIX, um rito de tocar um grande sino por três vezes com a chegada de um rebento do sexo masculino, enquanto uma menina receberia apenas duas badaladas de um sino pequeno. Essa diferença foi se constituindo pouco a pouco conforme o feminino foi sendo relegado e, em diversos momentos históricos, visto como algo associado ao pecaminoso: “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (Heywood, 2004, p. 76).

O pecado jaz à porta quando o feminino entra em cena, mas para os meninos, pelo menos durante a primeira infância, ainda existe uma certa pacificação quando o assunto é sexualidade. É somente com o passar do tempo que, ao serem percebidos desvios do comportamento normativo entre meninos, estes serão tolhidos para se adequar à norma. Afinal se espera de um rapaz que ele exerça socialmente suas habilidades e funcionalidades físicas, político-sociais e sexuais da maneira devida quando o assunto é ser homem. Como aponta Connell (1995, p. 188), “[a] masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens nas

estruturadas relações de gênero”. Assim, quando a masculinidade não é exercida da maneira esperada surgem represálias ou injúrias.

Parece, entretanto, que nos primeiros anos de vida, nesses meninos de rostinhos arredondados, fofos e que não causam desconforto por suas performatividades, a infância ainda pode ser um palco de boas memórias.

Por exemplo, Augusto, um dos entrevistados, disse que, em sua primeira infância, sentia que a questão de sua sexualidade não era algo tão marcante. Até os sete anos de idade, mesmo sendo “uma menina”, em seus trejeitos afeminados, ainda existia uma certa tranquilidade na recepção de sua performatividade. O mesmo narrou Bobby, que durante suas experiências escolares até a antiga quarta série, era “gostoso, maravilhoso”; mesma sensação produzida em Henrique que, ao se lembrar da Educação Infantil, possui memórias afetivas boas: “Não consigo pensar em uma memória ruim e possuía boa convivência com os colegas”. Sentimento compartilhado, também, por Márcio e Murilo que, mesmo sendo pessoas do interior, sentiram a mesma leveza nessa época da vida. Enquanto o primeiro lembra de sua infância como um ambiente de tranquilidade, demarcado pela vivência com os primos, o segundo analisou o recorte da infância como de simplicidade quanto a recursos financeiros, mas de riqueza de vivências:

Não se tinha muita coisa, não tinha notebook com internet, celular, eu tive uma infância desprovida de muitos luxos, meus pais nunca tiveram boas condições financeiras, mas nunca passamos necessidade, material escolar, comida, luz, água, brinquedos básicos. Era bem simples, mas bem aproveitada, no interior, todo mundo conhece todo mundo, era bom e eu gostava (Murilo)^{9 10}.

Partilhando do mesmo sabor, porém já trazendo uma nuance esclarecedora, Clark, em sua entrevista, disse: “quando não se tem consciência da sexualidade e ela é motivo de tantos desconfortos, não se tem tantas lembranças”. Enquanto para os demais, a primeira infância é um local tranquilizador para vida, Clark vê esse momento como em meio as brumas, pois é a partir da injúria, da sexualidade dissidente que sua memória começou a ser constituída de forma categórica. Todos foram muito breves ao relatar esse momento histórico de suas vidas, talvez pelo mesmo motivo apontado por Clark, pois é através da segunda infância que os relatos tomam pulso, demonstram a aridez da vida das crianças viadas e como a escola se torna um local de pesadelos, traumas, temas de terapia e violências constantes.

⁹ Entrevista concedida em Belo Horizonte, no dia 27 de junho de 2023 a Alessandro Augusto Rodrigues da Silva.

¹⁰ A fim de aproximar as transcrições das falas dos entrevistados, optei por não realizar correções ortográficas ou textuais quaisquer. Exceto em casos em que a oralidade transcrita prejudicava a compreensão, não foi feita nenhuma interferência na forma de se expressar dos entrevistados.

4.2. Da injúria reveladora à avalanche adolescente: quando a diferença se instaura até a ferida exposta e o sal que jogam nela

Eu só peço a Deus um pouco de malandragem, pois sou criança e não conheço a verdade, eu sou poeta e não aprendi a amar — Cássia Eller — Malandragem

Constantemente somos convidados de forma sutil ou abrupta a nos enquadrarmos dentro do sistema patriarcal, cisgênero, heteronormativo e embraquecedor. Faz parte da agenda neoliberal construir corpos para a produção em massa, como pequenos soldadinhos que acreditam no Deus da meritocracia e seu sonho americano da perfeição social.

Meninas são ensinadas a “sentar direito”, se vestir como boas moças, almejar o casamento e sonhar com seus príncipes encantados; meninos são investidos de masculinidade, endeusarem outros homens, estar apenas entre os seus e terem, entre si, um código de aliança de proteção como uma seita onde existem seus segredos, suas vivências próprias (Ngozi, 2015, p. 33).

Meninos tendem a admirar as mulheres que cuidam deles, seja mãe, irmã, avó, tia ou professora. Mulheres que acalantam esses bravos rapazes, viris, mas que dependem da acolhida feminina enquanto toda sua admiração é para seus semelhantes, seus exemplos masculinos. Como professor há tantos anos já me deparei diversas vezes com a situação de meninos idolatrarem e defenderem, por exemplo, o jogador Neymar, que mesmo sendo acusado de sonegação milionária de imposto (Wilkson; Lopes; Perrone, 2022), de traição divulgada pela esposa grávida em redes sociais, sendo defensor declarado do governo facínora do ex-presidente Jair Bolsonaro, tem um séquito fãs de jovens meninos que o admiram. E por mais que se possa pensar que isso oriunda do apreço pelo futebol nas terras tupiniquins, a torcida é bem menor para a jogadora Marta que é um dos cânones do esporte no Brasil, tendo o título de maior do mundo 6 vezes pela FIFA superando inclusive o queridinho Menino Ney (Moncau, 2023). Meninos são criados para amar o feminino e seu universo quando eles estão à disposição para os servir, para seu cuidado. Imaginem agora quando um menino rompe a barreira dessa construção cultural.

Crianças viadas¹¹ vivem nesse limiar, elas vivem fora das expectativas sociais que lhes são impostas e muitos, inclusive, tendem a admirar mais as mulheres do que os devidos ídolos vendidos enlatados como símbolos a serem seguidos.

A percepção¹² de que se é uma criança viada se inicia a partir da revelação do olhar do outro. Essa dinâmica se instaura em casa junto aos adultos que, no melhor dos casos, junto às preocupações com a saúde e o bem-estar, suscitarão aconselhamentos que buscam corrigir e direcionar a performatividade¹³. O bom e velho “vamos ensinar este rapaz a ser macho”, que pode vir por meio de formas mais brandas como a imposição de aprender a se comportar como um rapazinho, seja na obrigação de fazer um esporte clássico de garotos: futebol, artes marciais; não dançar de forma extravagante para os olhares panópticos dos adultos; ou, ainda, evitar a convivência com meninas e procurar mais o contato com outros garotos, como se deu a vivência narrada por Augusto e por Bobby:

Só que algumas situações meu pai não gostava, meu pai me tolhia mais: “você brinca só com as meninas, você tem que brincar na rua”, e eu nunca gostei de brincar na rua. Tinha a preocupação do pai, você não pode ficar só com sua mãe, eu gostava de sair com minha mãe pra fazer as coisas, você não pode ficar só na barra da saia da sua mãe, você não pode ficar com as meninas, você não pode ficar brincando de boneca, tem que brincar de carrinho, eu brincava de carrinho também, mas era convivência com outras crianças era a boneca, a casinha, era uma vivência de brincadeira mais feminina (Augusto¹⁴).

A primeira coisa que meu pai falou ao me ver quando nasci foi: “esse vai ser jogador de futebol, ele tem pernas grossas”, olha que doido, a primeira coisa que ele falou pra mim, ele já colocou uma expectativa cisnormativa e heteronormativa (Bobby¹⁵).

¹¹ O termo Criança Viada surgiu em 2012 a partir do Tumblr do jornalista Iran de Jesus Giusti que, por meio das postagens de fotos pessoais de amigos próximos e dele mesmo, buscou desnaturalizar as expressões de gênero, em um jogo entre expectativa e realidade no qual eram expostos meninos afeminados e meninas masculinizadas, podendo, assim, a partir dessas imagens, quebrar a dicotomia esperada socialmente. Vale ressaltar que o termo não induz que a criança viada seja um menino homossexual, mas que sua performatividade frustra o modelo heteronormativo de vivências e composição social.

¹² Eve Sedgwick, em *Epistemologia do Armário* (2003), nos aponta um aspecto inerente à realidade de pessoas não heterossexuais que é o Armário, um modulador que se apresenta como uma imagem fantasmagórica, definidora e fundante que envolve uma vivência eterna de entrar/sair desse dispositivo que se torna um processo de se revelar a cada e a todo momento, a partir do encontro com o outro e ser percebido e lido como diferente da norma. Para crianças, isso se faz a partir da injúria e da correção de gênero em sua grande maioria das vezes.

¹³ O conceito de performatividade surge com Judith Butler em sua obra “*Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*” (2018). Para a autora, a performatividade é uma ação que é feita constantemente de diversas maneiras e reiterada como se fosse uma norma até se criar uma falsa sensação de naturalidade, mas isso não a concede a sensação de estabilidade plena, suas falhas são aglutinadas para produção e reprodução de formas de gênero que criam identidades fixas e pré-determinadas. Para a autora não somos gênero e, sim, fazemos ele de forma contínua.

¹⁴ Entrevista concedida em Belo Horizonte, no dia 19 de agosto de 2022 a Alessandro Augusto Rodrigues da Silva.

¹⁵ Entrevista concedida em Belo Horizonte, no dia 05 de maio de 2023 a Alessandro Augusto Rodrigues da Silva.

Essa dinâmica opera até em situações mais brutais com a presença de violência física, o constranger e impor o consumo de pornografia heterossexual ainda na infância por aconselhamento de um familiar mais velho, criando assim situações também dolorosas e traumáticas.

Minha mãe, uma vez, me pegou com um deles [um primo em brincadeiras sexuais], eu apanhei muito, a gente acabou se fechando para isso e nunca mais aconteceu (Márcio¹⁶).

Quanto mais imersa no convívio social, maiores são os métodos de coerção para essa criança viada, afinal, como aponta Foucault (1988), são em ambientes como escola, igreja e família que se dão os meios de controle e é neles que essas crianças viadas serão adestradas socialmente, despidas de suas características próprias e englobadas em comportamentos estruturados naquilo que se deve seguir. Para o autor, a identidade não é algo dado, é um processo de permanente construção e isso ocorre em espaços públicos onde circulamos e negociamos com nosso meio nossas identidades. “Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (Foucault, 1988, p. 173).

A escola é um dos locais mais demarcadores do nosso convívio social, que é parte inerente da formação humana de nossa própria comunhão com nossa espécie. É preciso estar envolto a um grupo para aprender e ser apreendido. Como afirmava Aristóteles na Antiguidade Clássica, o ser humano é gregário ontologicamente ou em palavras contemporâneas “Nenhum homem pode assumir sua humanidade fora de uma estrutura social, ainda que mínima. E nenhuma estrutura social pode existir sem alguma forma de processo político” (Ribeiro, 1998, p. 11). O ponto é que nesse jogo de convivência foram surgindo hierarquizações, foi se firmando o que é o Sujeito e, nesse interim, também se definiu o que é além dele e nesse espaço de significados aparece o expurgo, o estranho, o exótico ou o bárbaro. Essa prática cultural e linguística é antiga e acontecia, por exemplo, com os povos persas e os romanos: se não fala minha língua, não tem os meus costumes, é O Outro.

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. Um atributo que estigmatiza

¹⁶ Entrevista concedida em Belo Horizonte, no dia 21 de maio de 2023 a Alessandro Augusto Rodrigues da Silva.

alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso (Goffman, 2008, p. 6)¹⁷.

A sexualidade tem uma forma semelhante de existir, ela se faz pelo campo da injúria ou estigma para os seres desviados, aqueles que, ao atravessar o limiar do conhecido, indo em direção à floresta desconhecida, para além dos muros protegidos da sacra sexualidade heterossexual, se tornam párias em suas condutas, desejos e vivências. Assim, aquele local teoricamente calmo e sereno da primeira infância recebe o raio seguido do trovão anunciador: aquela criança fofa, saltitante e serelepe guarda em si, mesmo que escondida nos primeiros anos, a letra escarlate no peito, pois ela possui o estigma de ser uma criança Gay/Viada/Queer e ele será revelado a partir das vivências sociais que deixarão exposta aquela letra escarlate para que sangue durante uma longa trajetória de vida.

A letra escarlate e as insígnias da dissidência de gênero estão presentes na fala de todos os entrevistados que narraram situações similares. Mesmo sendo oriundos de realidades sociais, etárias e geográficas diferentes, a experiência da injúria parece uni-los de alguma maneira:

Eu não sei te falar a idade, foi lá pelo sexto ano, ali, foi terrível, ali, foi *bullying*, eram agressões físicas, psicológicas, ali, era o caos, se estavam implicando comigo é porque eu sou diferente, quem é normal, entre aspas, não sofre isso (Bobby).

Alguns vivenciaram essa experiência da nomeação pela injúria muito cedo como mostraram Augusto, Clark e Henrique:

Eu já era mais afeminado, os meninos já tinham certo preconceito e os meninos já te dão nomes de bichinha, você só brinca com as meninas e nesse momento de uns sete/oito anos isso fica mais intenso, essa vivência começa a incomodar (Augusto).

Eu não socializava, eu era gordo, viado, eu vivia exilado dentro da minha cidade, dentro da minha casa, na escola. Eu entendo que não sou como os outros meninos. No colégio eu entendo que não sou machinho, que não sou o projeto de homem que eu deveria ser, é no colégio.... alguém foi me dizer quem eu era em termos de sexualidade foi o colégio (Clark¹⁸).

Quando me xingavam na escola de gay, boiola, viadinho, eu não sabia que era sobre eu gostar de homens, eu só sentia que me doía muito, eu sabia que eu era diferente, não sabia elaborar essa diferença (Henrique¹⁹).

¹⁷ Original publicado em 1963.

¹⁸ Entrevista concedida em Belo Horizonte, no dia 06 de dezembro de 2022 a Alessandro Augusto Rodrigues da Silva.

¹⁹ Entrevista concedida em Belo Horizonte, no dia 21 de junho de 2023 a Alessandro Augusto Rodrigues da Silva.

Existem casos como mostra a narrativa de Márcio que não apresentarão esse problema tão visível e exposto, pois de acordo com ele:

Eu descobri minha sexualidade na infância, com brincadeiras com primos e tudo mais, só que eu me fechei muito pra isso, eu não aceitava e até a faculdade, os meus dezessete/dezoito anos, eu queria ter alguém e arrumei namorada (Márcio).

Contudo, o esforço feito para manter sua vivência em meio aos colegas se torna um verdadeiro martírio, no qual o silenciamento e a não possibilidade de existir de forma mais íntegra cria todo um gasto de energia para manter uma ficção desagradável da própria existência.

Um corpo designado como masculino e que performa feminilidade é algo abominável para o mundo masculino. Quanto mais proximidade do feminino mais repulsa incide sobre esse corpo, tornando-o indigesto, nada palatável, e ele atrairá para si a ira homofóbica. Essa exposição leva a muitos “compensarem” essa não aceitação buscando relacionamentos com mulheres ou, então, buscam prestígio em outras áreas.

Enquanto Márcio escondia sua sexualidade de todas as formas, outra tática muito usada pelos entrevistados foi a de se destacar no campo dos estudos. Método utilizado por Murilo e Clark, como podemos ver a seguir:

Às vezes, chegavam em mim e falavam "Ah os meninos estão falando que você é viado" e a minha resposta era: "Jura?!" "Estão falando isso e as notas deles estão boas? Porque as minhas estão ótimas!" Eram bimestres, quatro bimestres no ano, cada um valendo 25 pontos, tinha matéria que no segundo eu já tinha 50 pontos e não era 60 pontos para passar, eram 50, e mesmo assim eu competia comigo mesmo para chegar nos 100 pontos (Murilo).

Ler, ler, a minha paixão por literatura que eu venho a fazer mestrado vem, eu acho que é disso, eu via novelas compulsivamente, fuga, hereditário porque minha mãe lia muito também, enfim era onde eu me escondia (Clark).

Se não seguimos o comportamento performático esperado, existem meios de mostrar nossas potencialidades para que não sejamos vistos apenas como o jovem viado da escola que possui a injúria em sua vivência.

Ser uma criança/jovem viada não é uma tarefa simples, mas para quem cresceu no auge da pandemia de AIDS a situação parece bem pior. Associada midiaticamente como o “câncer gay” em uma época de informações difusas e reduzidas, sem a agilidade informacional que temos hoje, a desinformação contribuiu em larga escala para gerar medo e uma crescente onda de preconceitos sobre e dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. É possível perceber

pelos relatos de Clark, que foi uma criança marcada por isso durante sua infância e conta como essa experiência se tornou mais um dificultador para sua formação enquanto criança viada:

Quais eram minhas referências de sexualidade? Cazuzza que estava morrendo de AIDS quando eu tinha quatorze anos, Freddie Mercury que já estava para morrer, minhas referências de homens gays eram celebridades com AIDS, a doença associada aos gays. Olha, a primeira vez que ouvir falar de AIDS, eu tinha oito anos de idade e eu não entendia bem, a partir dos meus oito anos, eu fui ouvindo o discurso que todo mundo sabe qual era e é, mas naquela época era foda. AIDS, bastava ser gay que você teria AIDS querendo ou não. Quando eu comecei a entender que era uma doença gay, eu tive certeza que ia morrer logo. Era um inferno, ser gay naquele momento era uma condenação, além de aberração o desvio da norma era uma condenação da ciência (pelo HIV) de Deus. Imagina, um jovem nesse ambiente que você tem que ser heteronormativo, eu já tinha consciência que eu era uma vergonha e isso causava vergonha aos meus pais. Isso foi de onze até os dezessete anos (Clark).

A escola é o local em que crianças e jovens mais passam seu tempo, um espaço que deveria ser mais valorizado e estimado socialmente, que poderia ser mais acolhedor, aberto a possibilidades de convívio da diversidade, todavia é um ambiente atravessado pela sociedade ao redor e se torna uma extensão de preconceitos que vão ensinando e moldando desde muito cedo o lugar de cada um, quem tem direito a ser sujeito e quais corpos devem ser subalternizados.

As minhas memórias do Ensino Fundamental II são tenebrosas, horríveis, péssimas, traumáticas. Eu faço análise tem cinco anos e eu percebi nesses cinco anos de análise que meus traumas dessa infância são 99% associadas com vivências da escola, muito mais que em família, Homofobia mesmo. Eu comecei a chegar em cima do horário da aula, batia o horário do recreio, eu enfiava debaixo de uma escada e ficava lá e só saía no final porque não queria ficar exposto. Eu tinha muito medo, se eu colocasse a cara, alguém ia me zuar, empurrar. Eu tomei uma bomba por querer porque não queria mais estar numa turma de um colega de turma que me batia porque eu era viado, foi terrível (Henrique).

Eu não sei te falar a idade, foi lá pelo sexto ano, ali foi terrível, ali foi *bullying*, eram agressões físicas, psicológicas, ali era o caos, se estavam implicando comigo é porque eu sou diferente, quem é “normal” não sofre isso (Bobby).

A escola, analisa Foucault (1988, p. 163), é um local onde o corpo é modelado a partir do poder que o aprisiona, logo, vai ser o espaço em que “[...] se manipula, treina, obedece, responde, torna-se hábil ou cuja as forças se multiplicam”. O que se multiplica é a padronização do homem branco heterossexual em uma verdadeira ideologia de gênero heteronormativa.

Um dos pontos mais críticos de ser um jovem ou criança gay é a aula de Educação Física, a disciplina que tende a ser a mais esperada durante a semana por diversos meninos e, também, meninas é apontada como um pavor para meninos gays:

Educação física era um horror, era o momento que os meninos vinham derrubar o viadinho no chão, eu não tinha aptidão, o vestiário era um pavor na minha vida. Eu comecei a fazer coisas que não podiam para eu ir pra biblioteca como castigo, por exemplo, eu uma vez machuquei fisicamente um colega quase que ele quebra a perna, joguei ele pela escadaria abaixo na fila de ir pra educação física para ser punido e ser enviado pra biblioteca, pros outros era punição, toda quarta-feira eu cometia algo (Clark).

Eu nunca esqueço isso, na aula de Educação Física, eu gostava de queimada, eu gostava de pular corda, eu detestava futebol e teve um dia que o professor puto falou assim: “Você vai jogar futebol, você é menino, você vai jogar futebol”. Só que eu fiquei tão arrasado, tão destruído e os meninos, óbvio, que não me colocaram para ser titular do time, eu fiquei lá no banco vendo todo mundo jogar e fiquei muito arrasado e o professor veio me falar: “Vai lá, vai pular corda” (Bobby).

A disciplina se insere em uma das que, historicamente, mais consegue controlar os corpos, pois eles se tornam mais expostos e ali se reproduzem modelos a serem seguidos e formulados de acordo com uma padronização e regulação dos alunos.

Neste território, se os meninos rejeitam se inserir nas práticas esportivas durante as aulas, pode ser uma atitude visualizada como inapropriada, e esses tornam alvo de vigilância ou de discursos de ajustamentos/controles tanto pelos demais colegas quanto pelos professores. Uma vez que, para esses, o menino inativo estaria se equiparando ao comportamento destinado às meninas. Logo, a construção da masculinidade requer tanto uma oposição ao feminino como também controlar quaisquer traços da homossexualidade (Lima; Pessoa, 2021, p. 56).

A segregação nos cerca e cerceia a todo momento, o que poderia nos fazer pensar que uma aproximação entre dissidentes, que vivenciam agruras similares, poderia facilitar a solidariedade entre eles e fortalecer a resistência, porém o que ocorre é o contrário, a presença de outros alunos que performam a homossexualidade se torna, em muitos momentos, a redenção de ser esquecido e ter um momento de paz perante os alunos que propagam a homofobia pela escola, é o caso de Henrique:

Eu tive anos mais confortáveis, quando aparecia um menino mais afeminado que eu, o foco saía de mim e ia pro outro. Em determinado ano, dois meninos que eram muito mais afeminados que eu, caíram na minha sala, foi o ano que tive mais sossego porque o foco da homofobia ia direto pra eles. Queria ficar longe delas, o mais distante possível para não me associarem, o que eu podia fazer para manter eles mais longe, eu fazia. Quando podia, se eu fosse homofóbico com elas, obvio que eu não elaborava isso na minha cabeça naquela época, talvez eu seria confundido como uma criança "normal" e eu sairia dessa categoria (Henrique).

Criar vínculos poderia ser uma possibilidade, porém, em um campo de conflitos e formações de identidades, isso se torna difícil e uma rede de apoio ou junção em prol de afeto

e de suporte acaba sendo mais rara. O isolamento se torna algo costumeiro na vivência desses jovens homossexuais. E a solidão possibilita o surgimento de situações de vulnerabilidade e violência que vão sendo introjetadas desde muito cedo como uma pedagogia do oprimido abjeto, parecendo que não são merecedores de afeto ou por estarmos sempre tão escondidos e nossas práticas de carinho serem tão abomináveis que nossos corpos ficam à mercê de pouco cuidado ou afeição no meio escolar:

Fiz um jejum no meu Ensino Fundamental, uns treze anos de idade, na sétima série, eu acreditava muito que um demônio, uma coisa que precisava lutar contra e eu associava muito, eu fiz toda fanfic²⁰, roteiro, eu sofri um abuso por volta dos meus quatro, cinco anos de idade, um abuso sexual e minha explicação era aquilo ali: eu adquiri o espírito do homossexualismo naquele abuso, não é culpa minha, me infectaram com homossexualismo nesse abuso, minha cabeça era essa, isso era uma forma de lidar, eu não sou culpado, eu fui contaminado e eu preciso me curar. E vem a Bíblia, como se curar de um demônio difícil: “você precisa fazer muito jejum, oração, subir no monte”, eu fazia jejuns, eu não tô de brincadeira, fazia jejuns de dezessete horas, eu ficava fraco na escola de quase cair, mas eu sabia que esse esforço físico ia me libertar (Henrique).

Depois de um tempo eu comecei a me sentir usado, eu dava carinho e prazer e não recebia, eu vou falar de forma rasgada, para mim isso não é um problema é algo que já passou, era como se eu fosse estuprado, a pessoa só me procurava para me comer, certo? Simplesmente gozava e saía, ou seja, se eu estava bem ou não para ele não fazia diferença, na hora que ele se satisfazia, ele me largava e ia tomar o banho dele, se eu quisesse gozar, eu teria que me resolver, eu comecei a sentir um abuso com meu corpo (Márcio).

Desde os oito anos eu fazia sexo com um homem que tinha dezoito anos, era com meu consentimento, era um rapaz que era meu vizinho, ele me pegava em casa com a namorada dele, a gente ia comprar pipoca, algodão doce na praça, ele a deixava em casa e ia para minha ter relações sexuais comigo, meus pais saíam para trabalhar e as coisas aconteciam nesse momento (Clark).

É importante analisar as três falas e perceber suas nuances, por mais que Clark veja a relação como algo consentido é preciso lembrar que crianças não têm plena consciência de seus próprios corpos e de suas realidades sexuais nessa fase da vida. Uma relação sexual entre pessoas com uma diferença de idade tão demarcada, tendo um adulto que exerce sua sexualidade de forma plena e consciente em contraponto com uma criança que sofre com suas vivências e sua própria existência, tem um nome bem demarcado, chama-se: abuso.

É prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990) e na Constituição de 1988 (Brasil, 2023), a proteção à criança e ao adolescente e existem, ainda, iniciativas como a promulgação da Lei nº 9.970 de 2000 que rememora, anualmente, no dia 18

²⁰ Fanfics são histórias de ficção científica elaborada por fãs que atualizam histórias clássicas desse universo.

de maio, o Dia Nacional de Combate ao abuso e Exploração de Crianças e Adolescentes, em respeito à morte da menina Araceli Cabrera Crespo assassinada brutalmente, em 1973. (Brasil, 2000). Em 2022, a proposta foi ampliada, por meio da Lei nº 14.432, que instituiu a campanha Maio Laranja que, entre suas atividades, ao longo do mês de maio, promove a iluminação de prédios públicos com luzes de cor laranja, palestras, eventos e atividades educativas e veiculação de campanhas de mídia sobre prevenção e combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes (Brasil, 2022).

Porém, quando o assunto é discutir gênero e sexualidade nas escolas, com o objetivo de minimizar consequências nocivas da violência oriunda das práticas sociais relacionadas a esses assuntos no cotidiano infantil e juvenil, o que se observa é uma tentativa de diminuir ou erradicar o debate no espaço escolar.

Uma das tentativas de silenciar a escola é o Projeto “Escola sem Partido”, que nasceu em 2003, pela mente de Miguel Nagib, então procurador do estado de São Paulo, e que adquiriu projeção maior quando o senador Magno Malta, em conluio com a bancada evangélica e a família Bolsonaro, apresentou o projeto de Lei Escola sem Partido ou Escola sem Mordaza incluindo ali também a famigerada discussão sobre “ideologia de gênero” nas escolas. Isso deu mais visibilidade e fomentou ataques vorazes à possibilidade de se discutir e analisar sobre sexualidade como parte integrante de assuntos a serem tratados na escola.

Tendo esse cenário em voga, torna-se comum o surgimento de pessoas que se dizem tradicionais e a favor da família, bem como partidos conservadores apontando que tais assuntos não devem ser abordados em sala de aula. Esse tema, no entanto, é de extrema importância para a preservação e melhoria de vida de todas as crianças e jovens, principalmente as que são rejeitadas, como as citadas anteriormente. Provavelmente, se alguém tivesse explicado, desde muito cedo, nas salas de aula em que essas crianças, hoje adultos, estavam, que é normal é ser diferente, muita dor seria poupada.

Em algumas escolas de Educação Infantil que insistem em trabalhar a sexualidade, é parte do programa ensinar sobre partes do corpo que podem ou não ser tocadas e como comunicar caso alguém ultrapasse limites básicos. Ações como essa auxiliariam a Clark entender que não seria algo positivo uma relação sexual aos 8 anos com o homem de 18 anos. A ele e a todos os demais que passaram por abusos sexuais seja na infância ou na fase adulta, pois entenderiam ou teriam uma noção o que é apropriado e inapropriado. A escola pode ser tanto um local de construção para vida como um espaço que corrobora para um mundo de violência, seja ela explícita ou subliminar.

Voltando às estratégias de sobrevivência que as crianças viadas lançam mão, uma delas é a busca por espaços nos quais é possível esconder, camuflar e fingir que algo tão inerente a suas vidas está se processando, foram os casos de Márcio e Henrique:

Teve um momento que até escrevi uma carta pro meu padrinho que era da Renovação Carismática contando o que eu já tinha vivido e o que eu não queria, eu não aceitava de forma alguma (Márcio).

Na outra escola, eu comecei a bancar um personagem mais masculino e eu virei evangélico, eu podia me esconder atrás da religião para bancar que eu não era afeminado, eu era crente, era de Deus, servo de Deus, eu estava blindado contra homofobia no Ensino Médio (Henrique).

Ambos buscaram na religião, uma das frentes que mais persegue e demoniza a existência de pessoas LGBTQIAPN+, um local para seu refúgio. A própria Igreja Batista foi motivo de notícia e investigação atualmente pelo Ministério Público Federal por um de seus representantes mais populares, André Valadão, durante um culto da Igreja, com sede em Orlando, transmitido pelo YouTube, dar as seguintes declarações:

Não é um mero casamento. O que vale é toda forma de amor; deixa casar, deixa viver... Aí, hoje, você vê nas paradas homens e mulheres nuas, com seus órgãos genitais completamente expostos, dançando na frente de crianças... Aí, você horroriza, mas essa porta foi aberta quando nós tratamos como normalmente o que a Bíblia já condena”, disse, referindo-se à Parada do Orgulho LGBT. “Agora é a hora de tomar as cordas de volta e dizer: pode parar, reseta! Mas Deus fala que não pode mais”, afirmou. “Ele diz: ‘Já meti esse arco-íris aí. Se eu pudesse, matava tudo e começava de novo, mas prometi que não posso’. Agora tá com vocês”. (Gazeta do Povo, 2023)

Se algumas religiões nos condenam, existem outros lugares para acalantar essas vidas, muitos jovens homossexuais criaram, por meio da arte e do entretenimento, um palco de conforto, mas também de conflitos positivos e indagações construtivas. Como afirmado por Baldwin e repetido por Madonna, citados no primeiro capítulo: “A arte está aqui para perturbar a paz” e nesse caso para indagar, inspirar e dar um local de conforto para essas existências tão fatigadas pela homofobia:

Aos quatorze, eu vi a novela Vale Tudo, novela de Gilberto Braga, e insinuava que um dos personagens principais, que fazia programa, ele terminava com a vilã juntamente com um conde italiano, aquilo ali me fez pensar: Opa! Eu sabia que não seria um conde italiano, mas eu poderia ter um homem, e, pela ficção, eu percebi que poderia existir alguma possibilidade para mim, além disso, no programa de calouros de Silvio Santos, eu percebi, no quadro de transformistas, que, na época, era algo vergonhoso, um homem vestir-se de mulher, e hoje eu tenho a minha *drag* que eu me apresento, a ficção começou a me trazer isso (Clark).

Uma coisa que me salvou de depressão profunda foi a música, eu aprendi a tocar piano, violão, eu compunha, naquele momento, eu era eu, se não fosse a música, eu não tenho ideia do que seria de mim, eu não conversava sobre essas coisas com ninguém. A música foi me segurando. Elton John, David Bowie. Eles eram *queers*, né?! Eu nunca fui de divas POP, eu gostava de Caetano (Bobby).

Novelas, sempre assistia muito, eu lembro que, teve uma fase, que eu via todas. Todos os horários possíveis, em todos os canais possíveis, acabava um, e eu pulava pro outro, eu gostava muito disso (Murilo).

Ter figuras midiáticas, narrativas em meios populares que deem possibilidade para jovens terem bons exemplos de mundos diversos, vivências que englobam discussões ou tratem com maior naturalidade as questões de gênero é de extrema valia. Atualmente podemos citar os impactantes sucessos das séries do streaming Netflix, *Sex Education*, de 2019, e *Heartstopper*, de 2022, que abordam em suas histórias uma gama ampla de realidades e sexualidades entre jovens.

Para além do universo das artes e do entretenimento, é bom poder contar com pessoas próximas que, mesmo não sabendo das agruras e dores que se vivencia em silêncio, tornam-se pontos de referência positiva ou um colo afável na jornada desses jovens, por exemplo como coloca Bobby:

Eu me tornei uma pessoa muito fechada, mas eu tentava algumas estratégias para fugir das agressões. O humor era uma delas, mas dentro de casa eu tive uma pessoa muito importante que era minha avó, o apelido dela era Sargento e ela recebeu esse apelido na época do Medici. Para você ter uma noção, ninguém mexia com ela e, ai, ela era uma brava. Consciente ou inconscientemente, eu comecei a ficar como ela, dava umas tiradas. Sabe quando a pessoa vem com uma tapinha e você revida com uma marreta? Era o que eu fazia, não funcionava, mas eu sobrevivi (Bobby).

Os ataques, a violência, e as estratégias para sobreviver nas escolas desenvolvidos por crianças e jovens gays é imenso, para alguns é preciso buscar outros espaços físicos, outros exercem verdadeiras migrações partindo de cidades interioranas, pois o preconceito parece ser mais demarcado, onde os papéis de gênero são mais cristalizados e toda dissidência precisa ser corrigida para que não se descubra que a naturalidade heteronormativa é mais uma produção cultural que, por ser enraizada cotidianamente, permite manter a aparência de que foi dada pelos céus e não constituída na terra pelos homens.

4.3. Os refúgios necessários: entre luzes noturnas da balada, prédios altos da cidade e os muros protetivos da Universidade

*I need dance with somebody (who's love me)*²¹ —
Whitney Houston

Alguns entrevistados apontaram a cidade grande como local de refúgio na fase adolescente, como uma possibilidade de respiro ao sair de seus lares no interior e aportarem em centros maiores. É o caso de Bobby, nascido em Patos de Minas; Murilo, em Caxambu; e Clark, em Araxá:

Eu falo que o interior me expulsou, Patos me expulsou, eu não tinha muito lugar ali, não. Eu não me sentia pertencente àquilo ali. Quando cheguei em BH fiquei deslumbrado, eu poderia viver tudo que eu queria e descobrir quem eu era, lá no interior eu não podia fazer isso (Bobby)

Lá em Caxambu, até hoje, por ser uma cidade pequena, as gays são mais enrustidas, é difícil você ver na rua um gay de mão dada com seu namorado, seu marido seja lá o que for, raro isso acontecer. Na minha época de criança minha referência gay eram dois ou três caras super afeminados, usavam cabelo longo, salto e eu pensava: “Eu não sou assim e nem quero ser”. E tinha esse conflito, os meninos me chamavam de viado, e viado eram esses caras, e eu não sou como eles, e isso na minha cabeça de adolescente de treze anos (Murilo).

Eu odiava Araxá, um trauma, uma infância e uma adolescência dos anos 90 quando não se tinha internet, quando o acesso ao mundo, à informação era através da televisão ou rádio (Clark)

De acordo com Didier Eribon (2008), em sua obra “Reflexões sobre a questão gay”, a sexualidade é formada a partir de uma complexa mistura de dimensões como classe e raça, mostrando como a experiência gay não é homogênea, mas também sua formação é demarcada pelo espaço em que se insere a pessoa. Além da família, o autor traz a perspectiva, através de sua própria experiência de migração de Remis para Paris, de como essa transição significativa operou mudanças profundas em termos de ambiente social, cultura e contexto político e como isso teve um impacto em sua autopercepção como uma pessoa gay e na maneira como ele se relacionava com a sociedade.

Se a cidade grande ou outros ares diferentes do ninho foram a forma que os três buscaram para ter uma sobrevivência mais adocicada, todos os entrevistados são um uníssono sobre o campo de atuação profissional, foi na Educação que eles buscaram um meio de ganhar sustento, a realização é principalmente a dignidade em ser profissional, porém, o pecado espregueitado à porta. É sendo professor que eles reencontraram suas sexualidades dissidentes tão combatidas na escola durante suas infâncias e juventudes, agora, em um amalgama entre vida

²¹ Eu preciso dançar com alguém (que me ame). Tradução minha.

pública, privada e profissional no mesmo ambiente que os lapidaram pela dor, aqueles seis jovens voltaram para escola como educadores.

Interessante ressaltar, em meio a tantas intempéries, tantos não e tamanha dor, que possa, nesses relatos cheios de memórias traumáticas que se assemelham a verdadeiros fantasmas assombrando o passado dos entrevistados, existir meios de sobrevivência, alguns dolorosos, outros de uma acidez demarcada ou, ainda, de um escárnio vilanesco. Todos eles, no entanto, sobreviveram a esse tempo, todos não se limitaram unicamente a suas dores.

Quando um menino usa rosa, ou menina azul estamos, de certa forma, assistindo a subversão à agência. Aquela ideia consagrada e teoricamente consolidada é sacudida apontando sua natureza cultural. Os seis entrevistados fizeram, no decorrer das suas narrativas dolorosas, a arte da vingança de seguir quando eles deviam ter parado, de continuar crescendo em meio às ervas daninhas que tentavam sufocar suas existências.

Essa a capacidade de se reinventar dentro de uma norma dada mostra que o sistema de sexo/gênero não é algo supradivino e que é a partir da nossa capacidade perceber e criar frestas dentro desse maciço aprisionador que surge a subversão e nossa capacidade de reinvenção criativa vingativa. “E acontece o seguinte: quando estranho uma pintura é aí que é pintura. E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida” (Lispector, 2020 p. 59)

Dessa forma e parafraseando o existencialismo de Simone de Beauvoir: não se nasce educador, torna-se um. Já adianto, porém, que não será erigido aqui um modelo único de ser professor, posto que serão apresentados formas e fenômenos diversos dessa profissão. É no labor do dia a dia, é sentindo o latejante calor do chão do pátio da escola que o professor vai surgindo, mas outro lugar deve ser lembrado, o lugar da faculdade. Nela se aprende a teoria, mas também é nela que os corpos vão se transformando.

E essa dinâmica é engendrada ainda em sua formação acadêmica em que o sujeito passa quatro ou cinco anos de sua vida em meio a tanto conhecimento, a tanta provocação, e se não vir a se alterar minimamente está fazendo algo errado.

Para muitos LGBTQIAPN+, é nesse espaço um pouco distante do olhar controlador — o que não significa que ele também não nos persiga pelos corredores acadêmicos — e devido a sua dimensão física e estruturante, em que se propicia a insurgência de uma diversidade mais emblemática e menos teórica como é feito nas escolas da educação básica. Não se fazem cartazes apenas para ganhar pontos e colocar na parede para parecer inclusivo, na universidade existe um debate mais profundo por ser reduto de pessoas de faixa etária com uma politização mais presente.

A universidade foi a primeira redenção de muitos LGBTQIAPN+, como ocorreu com Henrique:

Bastou um mês na PUC, eu tinha dezessete anos, com uma amiga, que pela primeira vez falou sobre gays, sem ser chacota, minha amiga falando sobre os amigos gays dela que ela tinha saído pra Mary in Hell. Eu ouvindo e esperando uma homofobia automaticamente, ela falou como gente normal. Eu já estava tendo aula de filosofia e sociologia que estava puxando minha cabeça pra lá e pra cá. E na hora que ela falou e tinha outro amigo na roda que começou a falar do namorado e eu pensei: “O que está acontecendo?” Logo depois eu assumi, eu não virei essa chave porque eu não tinha recurso ainda, não tinha uma referência que isso seria uma coisa boa e via ela com o *orkut* com amigos gays e ela foi a primeira pessoa que eu contei que era gay com aceitação, eu tinha me aceitado e eu senti um alívio e eu fui aprender a ser gay com uma menina bi que se identificava como hetero na época (Henrique).

A descoberta pode vir de formas mais paulatinas, mas é interessante que mesmo sendo de maneiras diferentes, o formato pela libertação no espaço universitário também é parte do relato de Murilo:

Fui pra universidade e eu comecei a ver outros tipos de gays, não só os afeminados, e eu fiquei, olha só: “Acho que tô aqui”. Hoje eu me considero uma pessoa afeminada, mas eu não era, mas porque eu me retraía. Eu tentava esconder quem eu era realmente, eu contava que tinha um caso em Caxambu, mostrava foto dela, mas eu me enganava e enganava as pessoas que estavam comigo ali. Como estava num espaço que não conhecia ninguém, fui pra UFOP sozinho, tinha um amigo lá, apenas. Naquela época eu morava com treze pessoas, comigo eram quatorze, havia outro rapaz na casa mais afeminado que eu e demoramos dois anos pra assumir um pro outro e começou sobre um papo de meninos bonitos. Depois disso, minha vida foi outra porque me senti mais acolhido, mais à vontade, tinha outra pessoa como eu na casa. Conseguí ficar com outros meninos sem a sensação da culpa, sem medo do que as pessoas iam achar. Eu sofri, mas não foi como outros meninos gays, eu não me martirizava (Murilo).

Ter referências de pessoas próximas que nos cuidam e, principalmente, ter a possibilidade de se ver no outro como uma existência digna demonstram a importância da representatividade como parte integral para jovens gays se entenderem como uma das diversas expressões de sexualidade e, portanto, também se verem merecedores de serem acolhidos e respeitados.

Mesmo sendo um texto voltado ao entendimento da formação dos professores e de suas vivências em sala de aula, faz-se necessário um parêntese sobre um local que também é transformador na vivência de alguns homens gays: a noite.

Com a luz do dia geralmente não se pode exercer as vivências e a sexualidade em plenitude. É costumeiro pessoas LGBTQIAPN+ procurarem redutos, guetos nos quais elas podem minimamente estar entre os seus. Existe um verdadeiro mapa de locais de melhor sobrevivência para pessoas desviantes, sejam eles bares, boates, inferninhos, saunas. No estudo de Murasaki e Galheigo (2016), cujo título é “Juventude, homossexualidade e diversidade: um

estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais”, as autoras apontam, a partir de entrevistas feitas na cidade de São Paulo, a importância de locais como esses para os jovens. “Os participantes referem sentir-se melhor em espaços LGBTs, principalmente se houver alguma forma de interação de cunho afetivo ou sexual (como ‘paqueras’)” e apontam que “O medo da violência em espaços públicos foi relatado por todos os participantes” da pesquisa que realizaram (Murasaki, Galheigo, 2016, p. 59).

A Mary in Hell, citada por Henrique, foi anunciada por Bobby também em outra circunstância

No primeiro final de semana que cheguei, aqui, eu pensei, vou para algum lugar, vesti uma roupa horrorosa, uma camisa amarelo ovo, um sapatênis, meu estilo ainda era Pato de Minas, eu era brega. Eu fui para Mary in Hell, na porta, era noite Britney Spears, mas não tive coragem de entrar e eu devia ter entrado, eu amo Britney e, hoje, eu penso que tenho que fazer essa festa novamente para me redimir (Bobby).

A Mary in Hell foi uma boate na cidade de Belo Horizonte que funcionou de 2007 até 2013 e que tinha como base — além de música indie, pop e eletro — a premissa de ser uma casa inclusiva e que fosse um local que abraçasse as diferenças em suas diversas expressões. A Mary in Hell se soma a tantos outros os locais da cidade que se tornaram nichos para LGBTQIAPN+: Black Mail, The L, Josefine, UP!, DDuck, Estação 2000, Gis, Confessionário, Andaluz, Mineiro Bill, Villa Paraty, YoYô. São tantos os locais que nos recebem como espaços de possibilidades da existência LGBTQIAPN+, que merecem ser lembrados e referenciados por seu papel social para nossa comunidade.

A noite é local de acolhida para muitos, nelase pode ser aquilo que a luz não pode atingir. Clark, além de se descobrir nesse meio, mergulhou a tal ponto que sua persona *drag* vem desse lugar e muito da sua inspiração de vida é oriunda de divas pop com seus hits que embalaram diversas casas noturnas em Belo Horizonte:

Eu fui conhecer a primeira boate gay, que era louco pra ir. Em Araxá, não tinha, e conheci a Fashion, na Cláudio Manoel, alguém que trabalhava comigo me levou, aí, foi o desbunde. Encontrei os meus, onde eu posso me sentir pertencido, um lugar onde não estão preocupados com minha viadagem. Aliás, um lugar que eu nem era tão viado, eu estava tão interior, tão modelo colégio Dom Bosco que eu era um machinho, um hominho perto das bichas loucas que já estavam ali. Madonna, Gloria Gaynor, Abba, quem estava no boom era Madonna, Cindy Lauper, essas que nos alimentavam. A minha personagem *drag* se mantém fiel até hoje, meus shows são retrô, posso até colocar uma Gloria Groove no meio, mas é porque eu coloquei num remix da Madonna, minha *drag* é *retrô* de um lugar que eu me senti bem recebido (Clark).

Clark aglutinou para sua vida o abraço que a noite lhe deu e alavancou essa vivência anos depois a partir de sua entrada no mestrado:

A minha *drag* ficou no armário de 2004 até 2022, eu devo muito isso ao meu mestrado em literatura, eu trabalhei sobre a representação gay na literatura, meu objeto de estudo foi João Silvério Trevisan no livro “Pai”, em que (ele apresenta) a relação do filho gay com seu pai heterossexual. Por que será eu fui escolher isso, né?! Eu tive que estudar sobre a História da Sexualidade, as terminologias que se usa, tive que discutir o que é ser gay, o que é ser *queer*. Eu começo a entender e a minha *drag* começou a quebrar o meu armário mais uma vez, e amigos, e até mesmo meu marido, questionando por que não fazer *drag* novamente? E, ao terminar o mestrado, em 2021, eu quis viver minha *drag* e me manifestar, já que estava estudando isso e aí vem a tomada de consciência na terapia. Eu demorei a me politizar, eu comecei a usar meu corpo como corpo político e minha sexualidade como algo político foi bem tarde e eu tenho uma urgência de fazer algo. Eu tenho pinto, mas posso pintar a unha, é uma desconstrução urgente (Clark).

Paulo Freire (1996) analisa esse movimento de forma bem categórica quando fala em libertação do sujeito e a construção da ousadia por meio da transformação que gera em nossa autonomia pessoal:

Há um fundamento ético de nossa presença no mundo. Para isso precisamos de liberdade aliada à capacidade de assumir riscos, de decidir, de romper com as coisas... de arriscar. Faz parte de meu sonho persuadir as pessoas de que a liberdade leve a autonomia, desde que siga o caminho da autoconstrução e do esforço constante. Liberdade e independência, nesse caso, andam de mãos dadas (Freire, 1996, p. 58).

A potencialidade desses espaços positivos como a universidade e, também, os locais de encontro e entretenimento é demarcadora já que eles possibilitam uma circulação maior de pares, a discussão politizada sobre os corpos em trânsito e, principalmente, um local de refúgio e de existências, sejam elas físicas ou intelectuais. Temos, assim, o resguardo do corpo, um local de alento para a fatigada tentativa de ser outro, assegurando-se performatividades e uma maior possibilidade de conexões entre sujeitos que se assemelham e entendem a realidade dissidente dos seus próximos.

Outro caminho apresentado foi o de Márcio que em toda sua entrevista mostrou ser um símbolo bem demarcado de uma pessoa fechada, o sujeito que se trancou diversas vezes e usou do armário como um refúgio de sobrevivência. Seus contatos ocorriam por salas de bate papo e, mesmo durante todo um relacionamento amoroso de quatorze anos consolidado, ele tem uma vida narrada pelo espectro daquele que se recolheu durante muito tempo, como método de autocuidado e preservação da vida tanto sua quanto do seu companheiro.

Quando eu passei na faculdade e comecei a ter acesso a computador, eu comecei a criar um elo maior com minha sexualidade, participar de chats, de sala de bate papo, criar perfis na época e buscar mais esse lado, a ver mais vídeos, mas sem ser visto, sempre escondido e, na medida do possível, que ninguém soubesse daquilo, eu me escondia muito. Desde o primeiro dia que eu sentei com meu companheiro pra conversar, nós decidimos nunca participar de coisas relacionadas ao mundo gay, que a gente ia viver nossa vida fora disso, então, eu nunca tinha ido em boate, sauna, nunca participei de uma parada gay, então eu não conhecia. Para mim, quando você não conhece, para você, não faz falta (Márcio).

Como já afirmado, o armário é um dos dispositivos mais demarcadores da vivência gay. Seja para o homem mais enrustido que tenta a todo momento se manter nele ou para bicha politizada que questiona os padrões da heteronormatividade ao tomar para si os padrões ditos femininos e os alardeando entre muita maquiagem, perucas imensas, como fazem as *drag queens* aqui representadas por Clark.

Somos o tempo todo atravessados pelo armário. É um edificador tão potente que se apresenta em uma simples ida ao mercado: ao passar na fila do caixa e o atendente, ao perceber um trejeito mais afeminado, já mostra o que não quer dizer. Ou quando atendemos ao telefone e um desconhecido nos confunde com uma mulher devido á musicalidade de nossas vozes não condizerem com nossos gêneros ou, ainda, quando é necessário “falar mais grosso” – quando isso é possível – para demonstrar respeito ou exigir algum direito retirado. É como uma máquina do tempo que nos remete constantemente àquele ensinamento de “seja homem”; Para tal é preciso masculinizar nossa performatividade.

Esse assombro nos lembra que nunca seremos uma obra completa, o completo é o masculino heteronormativizado, e que somos eternos rascunhos já fadados ao fracasso, pois jamais seremos finalizados enquanto homens verdadeiramente viris e, seguindo a ideia de Preciado (2014), é nessa fragilidade que nos tornamos fortes e potentes, pois conseguimos jogar/brincar com o armário e aquele instrumento aniquilador se torna um brinquedo que com sapiência podemos utilizar de forma mais hábil e potente.

Amém! Namastê! Salamaleico! Saravá! Shalom! Um Salve Ao Armário!

É, principalmente, na inventividade que gays deram a esse espaço epistemológico que imprime “vida longa” aos monstros gays que transitam pelo armário, os eternos bicho papões do sistema heteronormativo masculinizador.

Essa percepção é endossada na fala de Bobby ao dizer que:

A nossa geração está acostumada a ligar e desligar essa chave, aqui eu sou liberto, aqui não sou. Lógico que o ideal seria [ser] livre para se expressar da forma que a gente quisesse, mas, não é assim, a gente é uma pessoa com nossos pais, nossos avós, tios, amigos e alunos (Bobby).

A palavra “chave” na fala de Bobby pode facilmente ser substituída pelo conceito do armário baseada nas ideias de Eve Sedgwick (2003, p. 22):

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em Peter Pan, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não.

É nesse meandro que homens gays se encontram nas suas vidas cotidianas, mas ele é agravado ao lidar com o armário escolar.

4.4. A redenção como educador: quando se olha no espelho e lá está o professor

I'm starting with the man in the mirror I'm asking him to change his ways and no message could've been any clearer If they wanna make the world a better place Take a look at yourself and then make a change — Michael Jackson²²

A escolha da educação como área profissional é vista por muitas pessoas como uma entrega semelhante a um sacerdócio, uma missão que somente os escolhidos poderão seguir e que nossa missão é estarmos ali, construindo um mundo melhor para quem está fora dos muros da escola. Essa visão romantizada precisa ser revista o quanto antes. Ser professor é uma profissão como outra qualquer, ela tem seus percalços, seus gozos e suas frustrações, inclusive retirar esse dossel devocional da licenciatura é parte integrante de nossa labuta para que nosso ofício seja valorizado e, com isso, melhor remunerado, para que possamos exigir condições de trabalho melhores.

Quando somos colocados nesse lugar tão próximo da beatificação, se produz toda uma gama de imaginário que induz o pensamento de “já estão tão perto de Deus, as benesses dos céus já são de vocês, para que lutar por mais recurso financeiro ou por dignidade terrena?”

²² Estou começando com o homem no espelho, estou pedindo a ele que mude suas atitudes e nenhuma mensagem poderia ter sido mais clara: Se você quer fazer do mundo um lugar melhor olhe para si mesmo e faça uma mudança)

É nesse cenário que questões pessoais sensíveis, como a revelação da sexualidade, tornam delicado o se assumir ou não no meio de trabalho, situação apenas vivida por pessoas LGBTQIAPN+, diferentemente dos heterossexuais que circulam livremente pela escola empunhando alianças, contando casos de seus relacionamentos, expondo em redes sociais seus afetos. Temos, além da situação de precarização da vivência profissional, comum a todas, a não aceitação de nossas sexualidades.

O fato de a vida profissional dos professores ser tão pouco valorizada contribuiu para que todos os entrevistados demonstrassem em suas falas a dificuldade que foi assumirem ou aceitarem que seus caminhos eram o da educação; apresento aqui alguns depoimentos mais contundentes:

Comecei a dar aula no primeiro semestre da faculdade, comecei por necessidade, eu nem queria dar aula, precisava de estágio, fui e consegui e estou aí, até hoje (Bobby).

Eu não escolhi ser professor, eu gostaria de ter sido fotógrafo, meu sonho sempre foi ser fotógrafo, mas, quando eu terminei o Ensino Médio, eu estava com dezessete anos, minha mãe não tinha condição alguma. Quem cuidava de mim era ela, meu pai nunca cuidou, ela foi mãe e pai a vida toda. Ela não tinha condição de me mandar pra fora e só tinha faculdade de fotografia em Goiânia. Eu teria um gasto grande, aí minha mãe disse: “ou você faz o que tem na cidade ou vai trabalhar”. Como eu sempre estudei e corri atrás, eu fiz vestibular para Letras, me dediquei para ser professor, daí pra cá eu tenho sobrevivido como professor (Márcio).

A gente que nasce pobre não escolhe muito não, né? A gente faz o que dá, outra coisa que é diferente. Os recursos para eu atingir a vida universitária estava para lá de escassos, a gente não sabia procurar as coisas na internet, as coisas não eram tão claras. Eu não estudei em escolas que se falavam em universidade, mas eu queria fazer. Eu não tive orientação da escola nenhuma, minha família muito menos, eu sou o primeiro na família inteira a fazer, sou o primeiro neto, filho, primo. Quais eram minhas referências de pessoas com ensino superior? Meus professores. Eu sabia que existia engenheiro, advogado, mas era tão distante para mim. Quem eram pessoas com Ensino Superior? Meus professores. Do que eu gosto? Ciências Humanas. Eu nem sabia que existia esse termo, mas eu gostava de História, de Geografia. Eu gostava muito de mapa, eu sempre gostei de Geografia e, na época, a gente fazia licenciatura e bacharelado juntos. Durante a minha graduação é que me informaram que tinha que escolher um, eu estava com uma bolsa, mas eu queria fazer os dois. Eu neguei muito a licenciatura porque eu não queria ser professor pelo *status* da profissão. Eu sempre tive um brilho no olho pelos meus professores, os meus professores até hoje são referência para mim, mas eu não queria ser esse *status*. Na faculdade, eu fui aprendendo os códigos da classe média, eu me tornei classe média, minha mãe ascendeu socialmente, sou total filho da ascensão social do governo Lula. E ser professor, que antes era algo de *status* elevado, para mim, comecei a absorver esse discurso da classe média, que é algo de baixo *status* e comecei a pensar outras coisas. Foi uma escolha por falta de opção, mas eu tive sorte nas minhas poucas opções porque é uma coisa que me identifico (Henrique).

Menino, quando eu fui fazer vestibular, eu estava muito perdido, eu mudava de curso frequentemente, eu quis Jornalismo, quis História, Geografia, Odonto, eu fui indo nessa levada. Não sei se isso é um problema da minha cidade, da escola que eu estudei,

não tinha uma orientação pros professores mostrarem mil opções de curso, mil opções de universidade, ninguém falava em PROUNI, eu fui pesquisando as coisas e eu ficava nessa. E quando cheguei no Ensino Médio, eu pensei: sempre brinquei de professor a vida inteira e se eu fizesse uma licenciatura, aí, fui por eliminação. Física, eu nunca gostei muito, matemática, eu gosto, mas não para dar aula. E no terceiro ano, eu gostava muito da professora de Português, ela era muito boazinha, muito fofa e ensinava muito bem e aí decidi fazer Letras (Murilo).

Nas falas de Murilo e Henrique temos um traço importante e muito bonito a ser demarcado, professores inesquecíveis são aqueles que nos inspiram ou nos empurram para a sala de aula. Mesma situação de Augusto que citou suas professoras:

Eu me tornei professor por causa de duas professoras de Biologia, eu gosto muito de biologia e o ensinar pra mim é legal, algo que poderia seguir a vida. Essa troca com o outro, ter esse diálogo com conhecimento (Augusto).

E isso faz parte da bibliografia consultada como aponta, por exemplo, o artigo “Professores inspiradores: como alguns educadores conseguem impactar nossas vidas mais do que podemos imaginar” (Rasmussen, 2018). Neste texto, apresentado no site Hypheness, a autora elenca diversos estudos importantes que assinalam como o ato de lecionar pode ser demarcador para vivência e principalmente para escolhas futuras de jovens.

Uma relação positiva entre aluno e professor permite que os estudantes se sintam mais à vontade na sala de aula, além de servir como alavanca para as habilidades sociais e de estudo. Uma turma que mantém relações próximas com seu professor tem mais chances de se engajar no aprendizado e de ser mais produtiva e unida, evitando problemas como o bullying, por exemplo. Esse benefício fica ainda mais claro em comunidades carentes, em que professores precisam motivar e tornar o aprendizado interessante para alunos que, muitas vezes, estão a um passo de desistir dos estudos. O professor inspirador vai muito além do tablado, das notas e da chamada: há empatia e vontade de transformar vidas – e quando há condições de trabalho para isso, claro, o resultado é ainda melhor (Rasmussen, 2018).

Inspirar faz parte do cotidiano de quem assume o ofício de ser educador, de debruçar-se para além de conteúdos programáticos e se tornar alguém que busca fazer a diferença para o meio em que está e, com isso, fazer minimamente uma mudança, aumentar a fissura do sistema que nos aprisiona, porém não nos domina por inteiro, como aponta Hall (2014, p. 14):

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está em constantemente sendo “descentralizada” ou deslocada por forças fora de si mesma.

Mas quem vai inspirar jovens LGBTQIAPN+? Temos a mídia atual com influencers, séries, figuras de sucesso como as cantoras pop Pablo Vittar, a *drag* mais seguida no mundo no Instagram; a aclamada Lady Leste, Gloria Groove; Liniker que, além de um encanto de voz, quebra padrões de gênero com sua performatividade; a cantora Kim Petras da Alemanha que é a primeira cantora transexual a vencer um Grammy ou Sam Smith que recentemente assumiu ser não binário, defendendo pautas contra a LGBTQIAPNfobia e os padrões de corpos magros impostos pela mídia.

No mundo, existem expoentes cada vez mais diversos, mas no dia a dia desses jovens, quem os inspira, quem está no cotidiano próximo dessas alunas, alunos e alunas que possa ser ponto de inspiração para a vida ordinária fora dos holofotes da fama e do glamour extraordinário? Quanto a isso, Souza afirma:

[...] a criança constrói um “sistema interno de regras de gênero” a partir de sua experiência e das representações disponíveis na cultura em que está inserida. Através da linguagem escrita e falada e das imagens linguísticas e não-linguísticas com as quais interage, a criança aprende as expectativas para seu comportamento (Souza, 2006, p. 172).

Pessoas gays sofrem, como já dito, com a dificuldade de se afirmarem gays. Talvez, alguns profissionais que exerçam determinadas profissões como a docência, passem por isso duplamente. Parece clichê, mas é mais fácil homens gays se assumirem em determinadas profissões, em sala de aula ainda é problemático.

Guacira Louro (2007, p. 30) é enfática em sua análise: “A escola, é sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém ‘assuma’ sua condição de homossexual ou bissexual”. Como parte integrante de uma sociedade homofóbica, a escola tende a reproduzir essa forma de agir em seu cotidiano, Louro ainda afirma que “Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia com sujeitos homossexuais” (Louro, 2007, p. 29).

Uma pesquisa demarcadora e, também, estarrecedora é o levantamento da União das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), intitulado “O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...” (2004) Esse levantamento foi produzido por meio de questionários aplicados entre cinco mil docentes de todo país, sendo 82,2% da rede pública e 17,8% da rede privada. Nessa pesquisa percebe-se que para 59,7% dos entrevistados ser homossexual na escola privada de ensino seria algo inadmissível. 30,9% declaram-se neutro a esse respeito e somente 9,4% consideram que isso é algo admissível. Em

contraponto, por exemplo, a ter vizinhos homossexuais, 72% se declaram indiferentes, 21,2% não gostariam e apenas 6,8% gostariam desses sujeitos na sua vizinhança.

Esse foi o cenário vivenciado pelos entrevistados em sua juventude, enquanto estavam, muitos deles, na escola ainda como estudantes e que certamente não é muito diferente do contexto atual. Ninguém entra em um lugar como esse de forma calma, serena e tranquila, todos vivenciam um certo medo ao retornar para o campo escolar. Questionado sobre porque voltou pra escola Bobby foi bem enfático: “É uma pergunta que me faço muito porque era um local violentíssimo e ainda é para todos nós [gays]. É como se você voltasse para guerra, saiu dela e quer voltar pra ela”.

Esse retorno é parte dos pesadelos de muitos alunos da graduação que, depois de passarem pelo momento protegido nas asas da Universidade, têm que alçar voo para a sala de aula. Saliento que esse momento faz qualquer novo professor sentir um tremor diante do desafio de estar em frente a uma turma, seja como docente ou como estagiário, porém para quem é heterossexual não existe a questão da sexualidade dissidente a ser revelada, para os gays existe um armário epistêmico assombrando seu regresso à escola.

Eu ficava pensando se as piadinhas que meus colegas de escola faziam começariam a ficar na boca de aluno quando eu estiver dando aula, “eles vão questionar, eles vão querer saber, vão comentar, vão falar por trás, falar mal como é que eu vou lidar com isso?” Hoje, eu não me preocupo com isso, mas na época, eu ficava tenso, no estágio de observação, eu fui ser apresentado e pensei “Agora vão descobrir”. No meu primeiro estágio de observação, eu não esqueço disso, a professora estava na frente da sala e disse “Esse é o estagiário da UFOP, ele vai nos acompanhar por duas semanas, vai ficar observando a sala, o nome dele é Murilo, peço que vocês recebam ele muito bem”. E aí um menino no fundo levantou a mão e ele disse: “esse aqui é viado” e apontou um colega da sala e aí eu fiquei me perguntando por que ele estava me apontando o colega dele e dizendo que ele é viado? Será que ele já percebeu que eu também sou e quer me deixar à vontade na sala ou ele tá zoando o colega ou ele tá me zoando? E a professora xingou, deu um esporro, a sala toda começou a rir, aquela confusão, turma de sétimo ano (Murilo).

Em dado ponto, a dissertação de mestrado de Márcio Caetano, denominada “O gesto do silêncio para esconder as diferenças” (2005) levanta essa questão que Murilo e tantos outros professores gays pontuam. A pesquisa aborda a vivência de professores e professoras homossexuais e aponta a dificuldade e o medo que rondam a docência de quem é dissidente:

A acusação de que a responsabilidade atribuída pelo docente não vem sendo cumprida de modo satisfatório remete ao professor homossexual o temor de que venha a ser responsabilizado ou acusado quando esse aluno ou aluna ainda na adolescência, venha a assumir-se homossexual. Já é sabido que a acusação não tem base real, no entanto, o constrangimento e a vulnerabilidade que a ocasião pode proporcionar, acabam por limitar a verbalidade da sexualidade. O fato ganha ainda mais força se levarmos em consideração que os/as professores/as acreditam que os pais e/ou responsáveis dos/as

alunos/as são homofóbicos e que, portanto, não desejariam um filho/a homossexual (Caetano, 2006, p. 102).

Esse brinquedo, esse sentimento da descoberta que nunca chega, da injúria que pode vir ou da acusação familiar que pode ocorrer, mas nunca acontece, no momento da espera cria um sentimento doloroso, uma tortura que, para os iniciantes, se torna um martírio que parece nunca cessar:

O primeiro momento que eu fui para uma escola como estagiário, Fundamental II, eu senti medo, me deu gatilho, me deu muito gatilho, mas eu fui, estava em outra opção, me deu aquela vertigem de pisar na escola de novo, respirar fundo, pensar que aqueles meninos são os equivalentes aos que faziam comigo, mas eu os via de cima, foi diferente, eu cumpria outro papel ali e eu era um gay assumido com minha sexualidade resolvida. Ali eu já estava lidando, também, com uma geração que sabe lidar melhor com gays, não que seja o *crème de la crème*, mas era algo melhor (Henrique).

Para além dos comportamentos já introjetados de postura masculinizada, de esconder os afetos, de não se apresentar como se sente mais confortável, dentro da área educacional, os professores são tolhidos pelo medo e, para muitos, o que resta é se endurecer e ceder em alguns casos ao sistema imposto.

Na adolescência, na convivência com os colegas meninos, eu acabo ficando menos afeminado e, aí, isso ajuda em muito na troca, sofre menos preconceito quando você tem uma postura mais hetero, homem. Quando eu entrei na escola tinha um professor com uma afetação maior e eu sentia um olhar diferente para ele do que tinham para mim, mais crítico dos alunos para com ele do que para mim (Augusto).

Eu sempre me bloqueei, eu me bloqueei de uma forma que não dava espaço para ninguém e nem para qualquer aluno desconfiar e eu sempre fui muito bravo com meus alunos de não ter nenhuma aproximação física. Por mais que eu trabalhasse com Fundamental I, II e Ensino Médio, eu nunca dei liberdade para eles, para nada. Eu conversava sobre esse tipo de assunto, mas sempre me fechando para não saber de nada, eu fechei em Sete Lagoas, eu trabalhei em Nova Lima, em diversas cidades e até hoje ninguém sabe. Uma vez eu fui numa festa de uma escola com meu companheiro e apresentei ele como meu tio, como uma pessoa totalmente aleatória, eu morria de medo de acontecer qualquer coisa, meu companheiro também, até mais que eu, a gente nunca fez um documento, ele poderia ter tido acesso ao meu plano de saúde e toda vez que tinha que colocar qual minha situação, eu colocava que era solteiro, eu nunca coloquei que era casado (Márcio).

Por mais que existam leis de defesa contra a homofobia, ainda existe o temor da exposição, de não conseguir manter o emprego ou de não conseguir outros lugares para lecionar. O silenciamento se torna um método de sobrevivência e, com isso, se tem uma vida assombrada, mas em alguns casos, por exemplo, o de professores concursados ou que conseguem politizar suas vidas, é possível ver resistências mais categóricas, como é o caso de Henrique:

Eu acho que meu comportamento na escola mudou [sobre a própria aceitação da sexualidade enquanto professor], acho que foi um preconceito ou um certo cuidado mesmo, no sentido que nunca tinha entrado numa sala de aula, é uma área de vulnerabilidade, eu não sabia quem eram essas pessoas, o que isso poderia me trazer, eu precisava do trabalho e ser exonerado porque a escola decidiu ser homofóbica e tirar aquele professor dali e, ai, eu tinha que tomar cuidado. Com o passar do tempo, eu fui vendo que não precisava preocupar com isso, os alunos tinham uma aceitação melhor, entendiam melhor, e a partir da confiança que eu ia tendo com os alunos e eles confiando no meu trabalho e na minha pessoa, isso foi ficando mais fácil, de poder expor para eles, antes eu não aceitava eles em rede social, depois fui deixando Instagram ou Facebook (Henrique).

Ainda:

Eu acho que se tivesse numa escola particular, eu faria algo parecido com o que fiz, reconhecimento de área, mais polido, mais sério, já com a direção eu não vou esconder isso, se houvesse preconceito eu não trabalharia num lugar que não me sentisse bem ou acolhido, mas não deixaria de tentar colocar quem eu sou, eu não viveria uma vida dupla não. Na minha consciência de hoje, aqui não me cabe, eu iria procurar outra escola, foda-se meu salário, minhas contas, mas não adianta (Henrique).

A defesa dos direitos trabalhistas se associa a essa discussão, a tendência de professores gays, em escolas particulares, se adaptarem ao sistema por temor é algo muito presente. Quanto mais direitos adquiridos como profissionais, mais é garantida a possibilidade de um trabalho baseado em respeito e na livre expressão do professor.

Outro agravante dos tempos modernos são as redes sociais, como posto por Henrique, é costumeiro alunos terem e quererem acesso ao que os professores postam. Vivemos em um mundo panóptico, tudo é visto, tudo é vigiado, *Posto, logo existo* diria um Descartes de 2023, empunhando um Iphone de última linha fazendo *duckface* para câmera. Essa situação assinala mais uma vez a dificuldade de ser gay na profissão de educador que tem mais um empasse: se já não bastasse o problema de ser, o de parecer e como vão nos representar, como isso vai ser postado em nossas redes sociais compõem uma outra questão:

Tenho redes sociais fechadas e meus alunos não têm acesso a nada, não aceito aluno de forma alguma porque já deu problema na escola, pois vendo Instagram de professor e aconteceu uma situação paia comigo. Carnaval de 2023 eu postei fotos e só tenho meus colegas de trabalho, cheguei na segunda e minha coordenadora disse: “Sobreviveu, né? Se eu fosse você eu só tomava cuidado com o que você posta”. Eu achei isso de um assédio sem tamanho, não estava fazendo nada ilegal, nada imoral, todos os professores estavam lá, mas qual a diferença? Eu sou viado (Bobby).

Mas seguindo a premissa da sobrevivência ou o ditado “se me dão limões faço uma limonada”, o próprio Bobby resolveu ao seu modo essa equação que mistura sexualidade, performatividade, vida pessoal, profissional e tecnologia na atualidade:

Eu tenho dois Instagram, um pessoal e outro profissional, é sobrevivência, a gente precisa ganhar o pão de cada dia, meu sonho é chegar numa escola que eu me sinta confortável que minha sobrevivência não esteja ligada a forma como eu sou ou me dirijo para as pessoas (Bobby).

Esse desejo de Bobby perpassa vários LGBTQIAPN+, o de poder se sentir confortável na pele que habita, uma vontade simplória de poder transitar, vivenciar e ser aquilo que lhe é possível e cabível, sem amarras, sem os olhares definidores e questionadores do mundo ao redor, mas é preciso insistir e fazer uma mudança nisso, mesmo que seja por meio da preservação do próprio emprego ou, mesmo, chutando a porta delicadamente como fez Clark:

Eu não me assumia, mesmo frequentando boate, mesmo iniciando minha *drag* pra amigos, quando eu ia dar aula era o rapazinho era o jovem do interior, eu custei para furar uma orelha, era louco por isso, a dificuldade que foi aquilo [hoje ele tem sete furos na orelha] eu não me assumia, claro que as pessoas percebiam, meus trejeitos, meu jeito de falar, a musicalidade da minha fala, apesar de ter um timbre mais grave, mas tem uma musicalidade que não está no padrão heteronormativo. Quando comecei a dar aula em escola de línguas era meio conflituoso, eu queria que soubessem, mas eu não tinha coragem e sabia que não podia verbalizar isso, mas eu queria que soubessem, mas eu tinha medo, tinha um lado profissional, era confuso, era uma luta dentro de mim, muito chato (Clark).

O tempo trouxe a maturidade para Clark e fez com que ele entrasse em acordo com sua performatividade gay e seu alter ego *drag* como veremos mais à frente. Enquanto isso, para o fechado mundo de alguns, como é o de Márcio, só foi possível vislumbrar uma luz na fresta de seu armário após a perda do seu companheiro e foi por meio da dor que ele criou laços mais profundos com colegas de trabalho e conseguiu abrir um pouco sua concha:

No final do ano de 2021, meu companheiro faleceu, e com o falecimento dele, eu tive que retornar para Minas Gerais e entrei com processo porque a gente morava junto e até nisso a gente se privou, em quatorze anos juntos, nós nunca fizemos um documento para garantir essa união que a gente teve. E devido a esse fato eu tive que entrar na justiça para requerer o que ele deixou para mim que é essa casa, que era o desejo dele que eu ficasse com a casa e nada para família dele. Minha família sabia dele, eu levei ele para conhecer, mas a família dele nunca deu espaço para me conhecer, eu os conheci no dia que ele morreu, o irmão dele veio enterrar ele e disse que queria metade da casa ou seja nessa hora eles apareceram. Eu fiquei de luto por seis meses e depois desse processo reencontrei uma amiga das antigas das professoras que sabia que eu era homossexual e, aí, ela me apresentou a dois amigos dela, um casal de gays, que são do movimento gay de Sete Lagoas, e a partir deles que eu pude me apresentar mais, viver esse lado e não ser tão fechado. Passei a entender mais a vida gay e assumir mais essa situação (Márcio).

A situação de se assumir ronda a vida de Murilo também, ele conta sobre a relação de namoro, seu armário em casa e como isso processa em sua experiência homoafetiva:

Minha família não sabe de mim. Eu namoro tem seis anos e eles acham que ele é um amigo, eu acho que no fundo eles sabem, falta a confirmação da minha boca. Tem momentos que acho que seria de boa e outros nem tanto. Acho que ela [sua mãe] vai ter aquele baque. Ela já me perguntou várias vezes e eu nunca confirmei, na hora me dá uma sensação do sangue subindo, não sei porque isso acontece. A última vez que ela me perguntou, eu era solteiro, eu não namorava na época, depois que eu comecei a namorar, ela não me perguntou mais sobre isso conforme ela me prometeu, a última vez que ela me perguntou ela disse que não entraria mais nesse assunto e me arrependo muito de não ter falado porque veio junto com "se for não tem problema" e eu disse que não era e eu não sei o que ela vai fazer, se ela vai ter um choque, começar a chorar (Murilo).

A questão do armário é intrínseca à vivência LGBTQIAPN+, precisamos nos nomear e nos enunciar a cada encontro, a cada aperto de mão e para aqueles que transitam com mais frequência entre a porta do armário e seu interior é mais doloroso ainda o processo.

Eu não moro em Caxambu desde 2009, esse é um outro motivo que, às vezes, não sinto necessidade de falar sobre minha sexualidade, eu me considero independente desde os dezoito anos, minha vida se diz respeito somente a mim, eu fico pensando, se eu fosse hetero, eu não teria que dizer "Mãe, eu sou hetero" porque por eu ser gay eu tenho que falar "Mãe, eu sou gay" (Murilo).

Por isso são importantes redes de apoio como a encontrada por Márcio, pois esses afetos e cuidados são de tremenda importância para a sobrevivência das pessoas LGBTQIAPN+. Existem diversos coletivos políticos que exercem essa função de “família” por meio de laços de amizade. Atualmente podemos citar a Casa 1 em São Paulo que é um local de acolhida para pessoas LGBTQIAPN+ bem como um centro cultural onde experiências mais antigas como a Turma OK no bairro boêmio da Lapa, no Rio de Janeiro, formado em sua maioria por homens homossexuais que a partir da década de 1960 começaram a se unir por meio de histórias semelhantes e se tornaram um grupo familiar de apoio e convivência social e político. Esses elos criados geram uma sensação de conforto e de pertença, como no caso de Márcio, que era uma pessoa mais retraída, mas as aproximações com grupos e pessoas mais politizadas possibilitaram não apenas um engajamento, mas também a oportunidade de se apresentar mais integralmente no seu ambiente de trabalho.

Na escola que eu cheguei agora, as pessoas me conhecem e se perguntam se eu sou casado, eu falo que já tive um companheiro, as pessoas entendem que sou homossexual e não preciso dar mais tantos detalhes. Hoje eu tenho coragem de falar isso sem ser retalhado, mas ainda deixo de viver muita no sentido de que eu poderia, por exemplo, estar trabalhando numa escola particular, mas fico com receio ainda porque a gente sofre muito preconceito com relação aos pais e fico com muito medo de alguns pais acharem que tô levando ou influenciando para uma situação. Se não souber [sobre a homossexualidade] é ruim, mas se souber pode usar contra gente (Márcio).

E a homofobia, ou o temor causado por ela, como apontado por Márcio, se mostra presente não apenas nas relações de professor/aluno ou aluno/aluno, ela é vista também na sala dos professores. Como um sistema capilar ela se introjeta em diversos lugares, um movimento de disseminação de preconceitos arraigados, e por mais que muita gente considere a escola como local de revoluções e pensamentos críticos, educadores nem sempre são engajados ou têm posturas progressistas ou vanguardistas, muito pelo contrário, é preciso desmitificar essa ideia de que toda escola é avançada, favorável à inclusão e à diversidade, muitos professores lutam para alterar permanências discriminatórias:

Professores na nossa sala [de professores] dizendo coisas como: “Aquela bichinha, tem que virar homem”. As brincadeiras entre os alunos têm mudado muito da minha época para hoje, os comportamentos são mais aceitos. Isso não tem sido tanta fobia com outro [entre os alunos], mas tem uns que têm isso bem arraigados e não querem nem muita proximidade [com alunos gays]. E com os professores, é um caso ou outro que a gente vê demarcado. Isso acontece muito com o grupo que é contratado anualmente, os efetivos são mais coeso. A escola não dá ouvido a isso ou ignoram ou mostram que esse não é o caminho, acaba que é abafado e acaba não se manifestando (Augusto).

No caso das escolas públicas, esse problema seria resolvido ou minimizado com aumento de vagas para professores concursados nas escolas, pois como Augusto aponta, a coerência entre os efetivos é um ponto preponderante de melhor convívio e alinhamento de ideias, já que é mais fácil ter uma equipe profissional mais próxima, com projetos e visando o bem comum da escola a partir de uma equipe fixa do que a constante contratação por tempo determinado de profissionais que poderão ficar no cargo por dias ou, no máximo, por apenas um ano. Parece um pouco distante um assunto do outro, mas quando existe um preconceito que se dá de forma estrutural, é interessante observar que, para sua diminuição, são necessárias práticas atreladas em rede com outras instâncias sociais. Nesse caso, do funcionalismo público, uma formação continuada sobre temáticas diversas como sexualidade e gênero promoveria a melhoria dos profissionais para que haja melhor entendimento da vivência desses temas na vida dos jovens na escola e também dos professores dissidentes.

É denotador que escolas que têm uma postura mais crítica ou engajada trazem vivências mais positivas. Henrique tem o privilégio de estar numa rede educacional assim e conta uma experiência mais vibrante e até mesmo inspiradora

O “Sistema S” é uma cadeia gigantesca, ele não é só para educação, ele tem teatro, ele tem cultura, lidar com nome social, tem muita gente que passa e passou por lá e tem escola que está lidando com isso apenas agora. O sistema que trabalho já lida com pessoas trans, a gente já tem jurisprudência, o sistema já sabe como lidar. Quando

aconteceu a primeira pessoa trans na escola, já tinha normativa, é uma rede na prerrogativa, no regimento, eu acho que está alinhadíssimo, o problema são as famílias que, embora seja tudo muito alinhado, pode haver reclamações, se reclamarem de mim eu não tenho medo, eu não tenho medo de demissão e se for demitido não vai ser por isso, mas se for, eu vou rodar uma baiana (Henrique).

Se existe a possibilidade institucional, isso é um ganho imenso para o profissional como é a visto na sequência da fala de Henrique:

Nunca escondi pros meus alunos sobre minha sexualidade, nunca falei que eu sou gay, mas meu Instagram é aberto, quando eu comecei nessa rede, eu namorava então eu não lembro quando foi a última vez que falei que eu sou gay, acho que isso tem dez anos já, logo, como as pessoas sabem que eu sou gay. No meu trabalho, estou falando algo e solto "meu namorado". Hoje eu não namoro, por algum motivo eles já sabem, vira algo como "aquele professor ali é gay", ninguém nunca achou que eu era hétero (Henrique).

Mas se a própria instituição não garante essa tranquilidade, alguns relatos dão conta sobre a capacidade de se reinventar e se apresentar de formas sutis ou não tão sutis, mas que deixam pistas para os alunos sobre quem são esses professores:

Nunca houve piadinha, brincadeirinha, mas tem a situação deles quererem saber se eu namoro, mas foi num contexto específico. No terceiro ano, eu me sinto mais à vontade, eu brinco, conto caso, vou mesclando essas coisas com a aula porque pra eles a aula fica mais leve, é um ano de revisão de coisas que já viram. Aí, eu comentei com eles que não gosto de tartaruga, gato, tenho medo desses bichos, aí, os pequenos do Fundamental I passaram naquela gritaria, e eu disse que tinha pânico de criança, e eles perguntaram se eu não gostava de criancinha, e eu disse: "só se for longe de mim, se gritar perto de mim..." aí eles: "você não gosta de gato, tem medo de aranha, não gosta de sei lá o que, você gosta do que? Você namora?" E eu disse que sim. Pra eles uma pessoa mais amarga como eu não namoraria e aí eles começaram: "Quem é a pessoa?" "Eu não vou falar sobre isso porque não é matéria de prova, não é assunto da aula". E aí eles começaram a insistir demais e eu disse: "quando tiver o primeiro dez na minha prova, a pessoa que eu namoro, vem aqui para entregar a prova para quem tirou o dez".

Aí, no outro dia, a aluna mais curiosa veio perguntar: "Murilo, você vai contar o nome dele ou dela?" Aí, um aluno disse: "Murilo, ela não quer saber exatamente o nome" e eu pensei: ela quer saber se eu sou gay e continuei na ideia do dez na prova e olharam para a mais CDF da turma e ela: "Vocês que estudem, não me joguem essa responsabilidade, eu nem quero saber da vida do Murilo" (Murilo).

Eu me sinto à vontade com meus alunos, dou aula do mesmo jeito. Houve um episódio que falei sobre datas de prova e estava equivocado e soltei: "Ah eu tô louca" e eles riram numa boa (Murilo).

Essa entre abertura de portas do armário é o mais comum de ocorrer na relação aluno-professor entre os entrevistados. É um mostrar escondendo ou um esconder mostrando que aparenta uma relação em que todos sabem o que está ocorrendo, mas em que algo jamais é dito,

um segredo compartilhado, uma verdade ciente, porém não comentada. Para quem vivenciou os anos 1980 e 1990, é a mesma sensação de ir a locadoras, em todas elas havia uma área onde ficavam os filmes pornográficos, isolados, numa portinhola ou com uma cortina para separar o mundo possível e aquele local proibido. Todos nós sabíamos o que havia ali e qual a sua funcionalidade, mas ninguém falava sobre aquela área de forma explícita. A relação aluno-professor segue o caminho da provocação, da insinuação e do instigar, algo posto na fala também de Clark sobre suas vivências em aulas de línguas em cursinhos:

No decorrer de aulas que leciono, para quem quer praticar conversação, para retirar o certificado de proficiência, e tem os podcasts, que são uma grande moda, e quando me perguntam quais eu mais ouço e eu ouço quase nenhum.. O que mais escuto é de RuPaul *Drag Race*, aluno se interessa pelo assunto ou não se interessa, eu aproveito um pouco de exibicionismo e tem uma coisa de querer provocar no aluno, eu tô na fase de provocar, não de ofender, mas de provocar, e aí eu digo: eu escuto muito isso porque sou gay e porque tenho uma *drag*, meus alunos acabam sabendo da minha *drag*, as mulheres acham maravilhoso, um escândalo, o aluno homem e como é vídeoaula não demonstram, as pessoas têm noção das discussões de homofobia e de agressões verbais, as pessoas têm segurado a onda (Clark).

Por vezes é possível usar de sagacidade, criar um jeito diferente para conseguirmos nos apresentar e ter pelo menos um riso irônico, mas há momentos em que nossa sexualidade é usada como arma contra nós mesmos. Contamos com a sorte de estar em um lugar que exista acolhida ou, em outros casos, termos o jogo de cintura que tivemos anos atrás ao lidar com os colegas de sala com suas piadas homofóbicas, como ocorreu com Bobby e Clark:

Teve um caso uma vez que um aluno fez uma piada comigo, não lembro o que foi especificamente, mas era homofóbica, era algo relacionado a futebol, e a escola ficou do meu lado, chamou os pais para conversar, eu nunca fingi pros meus chefes, inclusive quando eu tinha meu ex-namorado que morava comigo, meus chefes o conheciam e eu sempre fui muito aberto com relação a isso. Com alunos e pais fica bem diferente (Bobby).

Na escola pública, de falar na minha cara falar, verbalizar algo para me ofender, nunca, mas chegou [...] até a mim, mas foda-se, professor me veio contar: você toma cuidado, desculpa o termo, mas é o que eles usam: aquela bicha, que a bicha velha e careca, eles acham que falar careca, bicha vai me ofender, mas eu não mudo comportamento não (Clark).

De todos os entrevistados, Clark é o que parece mais querer ser visto fora do armário, aquele que tenta quebrá-lo constantemente, mas como em um filme de ficção científica, ele é arremessado a ele novamente para mais uma vez tentar estilhaçá-lo:

Minha primeira vez, com aluno de escola de ensino regular, foi ano passado, fiquei seis meses, e não volto nunca mais, mas o que me pegou não foi pela relação deles com a minha sexualidade, mas deles com o mundo. E como eu já entrei na sala de aula? Hoje, bem resolvido, 48 anos, já cheguei de unha preta, sem preocupar se estou desmunhecando, se minha voz, se aluno pergunta, porque eles já chegam questionando "Professor, você tem namorada?" "Não, eu sou casado, eu tenho meu marido" já mato o assunto ali, já começo matéria no quadro. Respondido sua pergunta, abre o livro na página tal. Esse professor de hoje é completamente diferente do que eu estava lá trás, eu tinha a personagem do professor heteronormativo, não é que eu queira demonstrar minha sexualidade, eu não quero esconder, de forma alguma (Clark).

Acredito que essa postura tenha relação com o trecho de sua entrevista, a seguir, que parece até um protesto:

Cara, eu tô envelhecendo e eu quero entender isso, minhas limitações, ser apontado como "aquele viado velho, maricona, lá vem essa música de bicha velha" tem importância de existir, no meu Instagram a minha *drag* fala: eu sou uma bicha VEIA, falo desse jeito mesmo pra demarcar. Se nós hoje temos alguma frágil liberdade, condição de mais manifestação é porque outras como eu que, nem eram tão conscientes, e outras antes de mim pavimentaram essa história (Clark).

Clark usa o artifício da *drag queen*, que é uma persona analisada por Judith Butler em Problemas de Gênero (2018), como um questionador dos padrões impostos, já que a partir da *drag* há a percepção demarcada da fragilidade e artificialidade que as categorias de gênero trazem, as *drags*, ao usarem a teatralidade e maquiagens, hiperbolizando o feminino, colocam na corda bamba as ideias tradicionais sobre masculinidade e feminilidade desafiando os papéis sociais e mostrando que são apenas construções sociais e performativas.

A idade pode trazer uma urgência maior para aqueles que são mais velhos e buscam novos desafios, saber da finitude pode dar esse tom de premência, essa vontade de desbravar o que é possível e, principalmente, de poder contribuir com o mundo e construir nossa própria existência que tanto foi almejada, mas que devido ao sistema em que vivemos não foi possível no passado. Clark tem essa potência de reconciliação com seu eu do passado através da arte e, também, de sua profissão.

A minha *drag* me traz muita alegria, ela me tira da rotina, me dá trabalho, mas quando ela vem, ela incorpora, baixa o santo, é muito bom, ela concretiza tudo que estava reprimido, desde o Clark criança, até agora, esse Clark em envelhecimento de se entenderem, ela é um presente (Clark).

A maturidade, seja oriunda da idade ou do tempo de profissão, parece ser o tônus que colaborou, também, para os demais professores entrevistados se concretizarem em sala de aula e terem um pequeno alívio em suas jornadas de trabalho. Alguns acordos vão sendo

estabelecidos e é visível a possibilidade de uma sobrevivência em que silenciamentos são postos, alguns joguetes em que o armário pode ser usado como escudo que esconde parte do corpo, mas deixa algo ainda exposto.

Quando comecei, eles não perguntavam sobre sexualidade e hoje eles perguntam. A primeira pergunta é: “Professor, você é casado? Você namora?” E vão comendo pelas beiradas. Eu nunca tive coragem de responder sobre isso e desconverso falando sobre voltar ao conteúdo. Eles sabem, eu não chego lá fingindo ser hetero, eu só não quero falar sobre isso até porque eu trabalho numa escola católica (Bobby).

Quando entrei na escola, eu tentava disfarçar o tempo todo para não demonstrar minha sexualidade, com o passar do tempo isso foi se tornando claro e minha vida hoje é bem claro para eles. "como está seu marido?" "eu vi que você foi em tal lugar com seu marido" "como é a vida de casado?" que na minha infância professor jamais ia se expor nesse ponto (Augusto).

Nos estágios, esse assunto nunca surgiu, ninguém nunca me perguntou, e vem o receio de tudo, aí tinha o medo da sexualidade aparecer como tema. Eu já era um jovem adulto mais gordinho e a roupa marcava e eu ficava pensando vão implicar comigo, pelo meu sotaque, vão implicar com meu R, meu registro de fala é outro. Ao mesmo tempo que não posso ser carrasco, ali, porque sou estagiário, eu não podia descer o sarrafo e não podia deixar passar porque eles têm que aprender a lidar com a diferença e eu tenho que assumir esse papel de educador. Quando eu fui pra regência, eu fui pra escola morrendo de medo, mas foi tranquilo. Quando a gente começa a dar aula, a gente relaxa e teve a vantagem de ser estagiário os alunos respeitavam mais. Ninguém fez comentários. Já na escola eu não me preocupei tanto com isso porque também tive uma bagagem anterior de aulas particulares. E quando cheguei nessa escola que trabalho hoje, eu vi que tinha professores gays, lésbicas e a escola me falou de alunos trans, gays e eu pensei que não teria problema com isso (Murilo).

Devo demarcar aqui, mais uma vez, que não existe uma narrativa idêntica entre os entrevistados, como é possível ver até este momento, elas acontecem conforme a realidade de cada um, logo, se estão em um ambiente mais acolhedor e que respeita mais a diversidade, eles têm mais facilidades e manejos no trato com o espaço escolar como é o caso de Henrique e de Augusto, por exemplo.

Eu não tenho problema algum para levantar discussões sobre sexualidade, a escola me dá apoio, eu trabalho numa escola, numa rede privada que não é confessional, isso já me abre caminhos, a gente não tem questão religiosa envolvidas (Henrique).

Escolas confessionais são um ponto tensionador quando o assunto é sexualidade ou discussões sobre gênero já que esses estabelecimentos atendem uma demanda não só de mercado, por serem particulares, mas também das famílias religiosas ao reproduzir discursos que ainda têm uma raiz heteronormativa de conduta. Essas escolas geralmente impossibilitam expressões de diversidade mais amplas.

Para outros entrevistados, como Bobby, a relação se dá no entre cortinas, pois, como ele apontou, seu local de trabalho possibilita um ambiente respeitoso, mas ainda é imbuído do verniz religioso que uma escola confessional possui. Situação parecida com a de Murilo que, ainda, difere em muito da de Márcio, que vivencia um processo de politização recente de sua sexualidade, logo sua sexualidade toca de forma sutil seu trabalho. Clark, ainda, o faz de forma mais urgente, assim, não apenas tenta sair do armário, mas quebra a porta dele constantemente com seu salto alto de *drag queen*.

A partir do momento em que se descobre meios outros de usar o armário que não como um modulador de opressão apenas, delineia-se esse dispositivo como uma possibilidade de recurso da experiência homossexual a partir de estratégias positivas não apenas para sua própria sobrevivência, mas também dos alunos ao redor.

Eu falo sobre pautas LGBTs, meus alunos LGBTs me procuram, eles sentem uma identificação, todos eles sabem, mas eu não consegui até hoje dizer: “Gente, eu sou viado” (Bobby).

Dentro do meu conteúdo, eu não tiro uma aula para falar sobre essas pautas em específico, a demanda, ela vem de forma espontânea e eu prefiro me basear na biologia nessas diferenças e demandas que vem. Agora que tô explicando genética pro terceiro ano, eu consigo mostrar que não tem motivo para ter preconceito de raça ou qualquer coisa porque o DNA da espécie é esse e vai ser todo mundo igual. As diferenças de características são diferentes códigos que a gente tem de um para outro, mas a grosso modo é tudo igual. Nesse sentido, não pontuando cada área do preconceito que, na geral, que não tem sentido ter preconceito. Fulano foi chamado de macaco no futebol ou fulano foi expulso porque é gay, aí, nessa discussão, eu consigo ver com eles os motivos e existe um debate e eles acabam entendendo o olhar para o outro ou na própria escola que um menino está xingando o outro de bichinha, viado, e, aí, eu busco fazer uma intervenção questionando o que tem haver isso? E, aí, eles respondem: mas é só uma brincadeira? Mas não é uma brincadeira adequada (Augusto).

Alunos gays que chegavam “Ah! Professor, deixa eu ver sua unha, que lindo” e, na próxima aula, eu vejo o aluno que, na casa dele provavelmente isso não é possível, pegar corretivo para passar na unha para ficar com a unha colorida de branco. Eu vi na escola, me identifiquei (Clark).

A gente escuta os meninos falando gay, viado, aprende em casa e a gente sempre cortava, não deixava transparecer, mas não deixava seguir e eu podava isso nos alunos para evitar essa situação de *bullying*, eu acho que foi o que me protegeu e ajudou a proteger muitos alunos (Márcio).

Dois alunos meus estavam conversando, uma menina e um menino gay e ele fez uma coisa e ela: “Detesto gay” e, aí, na mesma hora, eu disse: “Detesta o que, Julia?” E eles esquecem que eu tô lá, é um poder muito forte que tenho lá, toda vez que tem um assunto sobre gays e eu intervenho, eles se desmontam no chão, eles ficam vermelho igual pimentão. E ela dizendo: “Professor, eu não sou homofóbica, eu estou brincando”. E eu sei que ela é uma aluna que anda no meio dos gays, mas, gata, por que colocou o fato dele ser gay para falar que você não gosta dele? É algo que você

normalizou através da internet, mas é algo muito preocupante, porque eu não sei quem está falando porque é meme e quem está sendo homofóbico (Henrique).

Como um padrão institucionalizado das vivências escolares, a homofobia ocorre tanto entre os alunos, mas pode vir também de formas sutis com os professores gays.

Pode ocorrer, ainda, de formas que parecem jocosas e afetivas, mas na verdade escondem intenções de controle ou de expectativas nas relações homoafetivas, isso é costumeiro entre pessoas heterossexuais ditas esclarecidas sobre a realidade LGBTQIAPN+. Ao se deparar conosco já quererem nos apresentar amigos ou conhecidos LGBTQIAPN+ com intuito de criar enlances amorosos, se sentem assim verdadeiros cupidos, sem antes questionar se esse é nosso interesse e desejo, cria-se assim uma relação similar a um “pet gay”, uma companhia que valida o quanto a pessoa é esclarecida e aliada da causa. A fala de Henrique elucida isso:

Direto, alguma aluna diz: “Professor, você poderia namorar meu primo que é gay, o amigo da minha [...] que também é gay”, isso para mim é um nível de homofobia. Você é gay, ele também é gay, logo podem ser um casal. Hoje é um tipo de homofobia que eu relevo atualmente (Henrique).

A homofobia que mais toca aos entrevistados, no entanto, é a que ocorre entre os alunos, provavelmente por ter sido uma vivência experienciada por eles e isso ainda ser algo que os toca mesmo sendo de outra forma e em outro lugar:

Tem um menino na minha escola de dez anos, teve que mudar ele de sala porque ele estava sofrendo pesado, tem vídeo dele pedindo: “Parem de me chamar de viado” e o menino é uma criança viada, não tem jeito, e esse menino sofre um terror (Bobby).

Para situações como essas é necessário que haja ações que minimizem o impacto que a homofobia pode trazer para história desses jovens gays.

E teve o dia da Paz, por causa dos massacres, e a escola decidiu fazer o dia da Paz e eu não vou ficar falando de Jesus, Maria, eu vou falar sobre *bullying* que é o principal motivo de todos esses ataques. Parei minha aula e comecei a falar sobre como eu preferia na infância estar mais com as meninas que gostava de esporte com as meninas e que eu sempre fui diferente e por isso todo mundo brigava comigo. Aí, eu vi passando um bilhetinho, na hora, e eu pensei: “Deus, Exú, não me deixa ir lá, eu não posso pegar esse bilhetinho”, mas aí eu fui e pedi pra ler o tal bilhete e estava escrito: “Quem ler é gay, Davi e Bernardo são um casal”. Davi é o menino da sala que estava sofrendo ataque e Bernardo é outro menino de outra sala. Eu falei: “Gente! Eu tô falando sobre isso, a gente está pela primeira vez discutindo sobre isso”. [Estou] tentando vencer esse mal e eles perpetuando a mesma coisa durante o processo. O que mais tem a ser feito é diálogo com orientação: “Pessoal, isso é crime, vocês são menores de idade, mas seus pais são responsáveis e a escola também” Se o pai desse

aluno resolver processar a escola tem que cobrir isso, o menino está sofrendo uma violência aqui dentro. Isso é pesadíssimo. Isso porque hoje ele tem 10 anos, imagina quando tiver 16 anos, como vai estar a cabeça desse menino? Nessa idade parece que eles só se movimentam para causar dor, para tudo, eu não entendo, eles só gostam de cutucar o outro. "Vocês só querem causar caos?" (Bobby).

Situação parecida também foi vivenciada por Clark com um aluno negro, acima do peso e afeminado, que viu na ação do professor de pintar suas unhas, uma fonte de inspiração, Clark analisou o impacto sentido pelo aluno e o que ele acredita ter provocado na vida desse jovem.

Esse aluno gordo, negro, gay, de uma realidade socioeconômica não favorável, muitas fragilidades envolvidas ali e eu me senti numa certa responsabilidade. Espero que isso não traga mais problemas, eu não entro em dilema de “eu sou responsável”, mesmo que ele não tenha um professor de inglês de unha pintada, o mundo está aí com outros homens gays de unhas pintadas, eu tento ver o lado positivo que posso contribuir. Eu tenho noção de que pode ser algo positivo para esse aluno em específico, mas também negativo, com certeza ele foi mais violentado pelos colegas e angustiado porque na casa dele não pode chegar com essa unha de corretivo enfiado a mão na água todo dia antes de voltar, problema de saúde de diabetes, obeso sem acompanhamento médico, nesse caso, pelo menos, eu estou fazendo com que esse menino possa se sentir mais à vontade com ele mesmo no meio de tanta pressão que ele vive (Clark).

E nesse processo, vamos criando metodologias de salvação, algumas tendem a dar certo, outras precisam de um verniz, mas ainda assim são uma base positiva de ação e sobrevivência para os futuros alunos gays ou LGBTQIAPN+:

Eu sigo o livro didático, mas ano passado, por exemplo, eu fiz um trabalho interdisciplinar e eu sugeri que o tema fosse LGBTfobia e a escola preferiu dar uma modalizada por causa de pais, assim, e pensamos uma temática que era Diversidade e lidamos com várias modalidades dentro do tema e uma turma que tinha uma menina lésbica, duas na verdade e elas quiseram falar de homofobia e fizeram quadrinhos colocaram leis e foi um trabalho que mesclou preconceito linguístico, racismo, violência contra mulher e esse trabalho de homofobia. E foi bem legal. Lá eu acho legal que eles abraçam essas ideias e tenta ajudar a gente desenvolver isso, mas preservando, cuidando sobre pais que podem ser mais reacionários. Para evitar, por exemplo, que eles falem sobre incentivo a ser gay (Murilo).

Um dos aspectos mais recorrentes nas falas dos entrevistados é sobre a percepção da escola e a dificuldade de abraçar os alunos dissidentes, principalmente os LGBTQIAPN+:

Antigamente, eram só gays e lésbicas, hoje, a diversidade, eu tenho um aluno que apresentou um momento de choro, uma professora foi lá e acolheu, e ele já havia me questionado sobre e mostrou a bandeira da bissexualidade, a família dele tem preconceito com isso, ele é um dos melhores alunos também. Aí, ele colocou no Instagram dele essa pauta e outra coisa que ele postou foi algo sobre "você se envolver com outra pessoa sem afeto", você tem vivências não afetivas, mas experiências sexuais apenas. Era tão complexo que eu pensei que preciso estudar mais, era algo que nunca tinha visto, eu acho que é isso, vão aparecer essas situações na escola de

diversidade porque não é só mais apenas o gay, agora é o bissexual que vai ter prazer com o homem, mas afetividade com a mulher e vai ter o [...] trans como já teve na escola e isso vai evoluindo as manifestações (Augusto).

Eu acho que as coisas mudaram no decorrer dos anos da minha época para hoje, existem novos problemas, novas questões, eu soube que os meninos estavam incomodados com o aluno trans que estava usando o banheiro, mas nunca soube de violência verbal ou física com ele. Os meninos jogam com ele, conversam e tal e a escola estava dialogando com os professores porque é um aluno trans bem masculino. Acho que já toma hormônio e se ele usa o banheiro das meninas, vai ser um incômodo para elas. A escola tem banheiros coletivos e individuais e ele prefere o coletivo, ele não usa o individual e acho que é até uma questão de autoafirmação dele. O pai já foi na escola e falou: “Não autorizo que use nome social, é o nome do registro de nascimento” e a escola precisa se blindar de alguma forma porque se esse pai resolve processar a escola? E o pai é militar, eu não conheço a família, mas é um aluno exemplar (Murilo).

A escola de hoje é mais aberta, você trabalha mais sobre homofobia, antes não tinha espaço para isso, as pessoas sofriam essa homofobia e se fechavam, hoje elas têm mais liberdade, não sei se a TV fez isso acontecer. Eu falo isso porque eu tenho alunos que conseguem se soltar mais, conseguem mostrar mais cedo o que eles sentem. Nesse ano, tenho aluno que os pais são extremamente ríspidos com ele, família evangélica e ele resolveu assumir que é homossexual e está sofrendo muito com tudo isso. A pressão tá sendo grande e ele não consegue abrir com todo mundo, alguns colegas que ele consegue ter essa liberdade, ele já conseguiu contar e ele está enfrentando isso, os pais, mas hoje, eu vejo que é mais fácil porque a mídia te apoia, a TV fala sobre isso, as novelas falam muito sobre isso de forma mais aberta. O primeiro beijo gay na novela foi um escândalo. O pai desligou a TV pra ninguém ver aquilo ali, hoje, se vê com mais frequência, isso é tratado com mais naturalidade (Márcio).

Curioso que essa fala seja do professor que mais tem sua vida pessoal afastada da profissional e que ainda busca achar meios de lidar bem com essas esferas em conjunto. Por mais que todos tentem aliviar as vidas de seus alunos dissidentes, ainda fica uma das principais dúvidas e objetivos dessa dissertação: e quem se importa com o professor homossexual? Como lidamos com nossas sexualidades dissidentes dentro de nossos campos de trabalho? Acredito que responderei ou tentarei abarcar esses e alguns outros questionamentos no capítulo final em que apresento as considerações sobre a pesquisa.

5. MEU ENCONTRO MARCADO: diga espelho meu...

*Quando estiver em frente ao mar e não puder atravessar
chame as travas com fê só elas abrem o mar — Ventura
Profana — Vitória*

Quando escolhi essa temática para pesquisa eu não imaginava sobre como seria um grande impacto na minha vida pessoal e profissional, mas uma das máximas que me circunda desde a época da graduação é que não escolhemos a pesquisa, ela nos escolhe. Dessa forma, nos últimos dois anos, me vi envolto em um estudo sobre a vivência homossexual em sala de aula a partir do olhar de professores gays. Sou homossexual, sou gay, sou bicha desde que me entendo por gente, da mesma forma que Clark disse sobre suas memórias serem despertadas a partir do momento que sofreu sua primeira injúria, fui marcado com a letra escarlate desde muito cedo como criança viada. E sou professor, e amo e tenho orgulho desse lugar que ocupo no universo.

Seguindo o leme de diversos pensadores, como Wittgenstein (1979) que aponta que a linguagem e a compreensão de mundo estão interligadas com a nossa cultura e experiência; ou Sandra Harding (1986) que analisou que a compreensão de como as perspectivas de gênero e posição do pesquisador estão atreladas afetando a produção científica; ou, ainda, Thomas Kuhn (1997) que considerou que a ciência não é um dado unicamente objetivo, mas é interpelada por paradigmas quem rondam a forma de o pesquisador ver e analisar os fatos, tornei-me parte de uma pesquisa que me afeta, que me marca e me torna um pesquisador encarnado dentro do meu próprio estudo.

A ideia de ser um pesquisador encarnado me traz até o limiar do estudo e enuncio esse momento a partir de dois elementos trazidos na metodologia da pesquisa: a encruzilhada e Exú enquanto *Enugbarijo*. Esse momento final da encruzilhada que trilhei, após ter atravessado e ser transpassado por seis caminhos, pelos seis entrevistados, torno-me o sétimo, o retorno a mim mesmo, e como *Enugbarijo* vomito o mundo que conheci a partir das histórias que me contaram, mas nesse ponto preciso contar a minha e como nossas realidades também se tocam.

Venho de uma realidade bem empobrecida, nasci no interior de Minas Gerais na cidade de Conselheiro Lafaiete e fui criança durante as décadas de 1980 e 1990. Não foi fácil ser criança viada nesse cenário. Era uma cidade que me repulsava de forma semelhante ao narrado por Clark, Bobby e Murilo. Lembro-me que tudo que eu fazia parecia maximizado, pintado com cores quentes em letreiros neon para que toda a comunidade ao redor acompanhasse as desventuras daquele serzinho afeminado, circulando livremente pela cidade, como um alerta: ali havia uma criança viada, ela precisava ser controlada, domesticada e ensinada a se portar

como um macho interiorano, um verdadeiro filho lafaietense que como os meninos da época davam orgulhos mil ao solo em que nasceram.

Recordo-me de uma música chamada “Step to Me”, das Spice Girls – grupo pop dos anos 1990, que eu ouvia à exaustão –, que tinha a seguinte frase “*Small town, big attitude*”²³. Era isso. Parecia uma tatuagem feita em meu corpo diariamente, toda aquela “desmunhecação” era demais para a cidade. Todos os olhos se apontavam para mim quando o assunto era performatividade de gênero. Me lembro do quanto aqueles olhos me incomodavam, eu não queria ser visto, eu só queria passar despercebido, mas parecia uma sina, eu iria chamar alguma atenção naquele lugar.

Me recordo de uma apresentação da escola em que, ao som da música Arco-Íris – devemos assumir a ironia –, da apresentadora Xuxa, eu, por volta dos meus cinco ou seis anos de idade, achei que seria uma boa ideia, durante a dança das meninas no palco, fazer meus movimentos da plateia. Deveria ser uma atitude fofa e jocosa, aquele rostinho redondo com lábios bem vermelhinhos coroados com um pequeno *black power* de cabelos crespos. Eu era só uma criança que queria dançar o grande hit infantil naquela época. Só que como uma criança não cristã, eu não tinha muita ciência que, conforme aponta a Bíblia Sagrada em Gênesis, o “Pecado jaz à porta”. O pecado era minha existência dissidente, ao que os algozes, meus coleguinhas de sala, em coro, chamaram-me de bichinha, viadinho. Silenciado, sentei-me com muita vergonha na cadeira com os olhos marejados e sem entender o que era ser viadinho, mas sabendo que não era uma coisa boa, e esperei, cabisbaixo, minha mãe me buscar depois aquele dia tão festivo, alegre e colorido na escola.

Aquela senhora baixotinha, mas de temperamento explosivo, chamada Olinda – ou, para mim, minha mãe –, ao ver seu filho naquele estado perguntou-me o que havia ocorrido e eu respondi chorando muito. Lhe disse o quanto aquilo tinha me entristecido e perguntei o que era ser bichinha, dizendo que não queria ser uma. Essa é a primeira injúria de que tenho lembrança, mas tenho, também, a memória da importância de se fazer uma aliada. Minha mãe foi prontamente até o palco, mandou colocar a música novamente e me colocou para dançar Arco-Íris ao lado de uma Nossa Senhora, coroadas no mês de maio. Eu, usando uma camisa branca e um micro short verde, dancei. Ainda estava com vergonha, mas senti um domínio de palco blasfemador que fez minha mãe sorrir e provavelmente daria certo orgulho a Madonna se visse minha desenvoltura em profanar a imagem santa com passinhos reboativos em meus tenros anos iniciais de vida — um pequeno triunfo do injuriado.

²³ Cidade pequena, grande atitude — tradução minha.

Se eu tinha uma mãe aliada, meu pai era o símbolo da masculinidade. Ele temia de forma contundente ter um filho gay dentro de sua casa. Como isso seria possível para o Seu Adão, aquele moço famoso nas rodas de samba da cidade, cheio de gingado e um sedutor nato? Na arte de lidar com as mulheres que o conheciam, meu pai era o bamba. Enquanto minha mãe tentava driblar de forma majestosa a homofobia que batia à porta de nossa casa, meu pai usava metodologicamente um material pouco didático – mas bastante eloquente em sua proposição – para um filho de seis anos de idade: ele me dava aulas lúdicas usando como material expositivo as revistas pornográficas dos bailes de carnaval pelo Brasil. Em suas explanações, ele dizia apontando para as mulheres totalmente nuas: “É isso aqui que é bom, meu filho”, “Um dia você vai ter uma dessas”.

Meu pai foi perdoado por mim anos depois, à base de muita terapia. A escolha do seu material didático, porém, não foi uma das melhores ideias. Não passava por sua cabeça que, ao me mostrar aquelas revistas, haveria uma pequena fratura na norma que ele queria me ensinar. Tais revistas não possuíam apenas mulheres desnudas, mas homens também. Não preciso detalhar para vocês onde realmente estava meu interesse enquanto ele falava. Todo sistema tem suas falhas, para pessoas dissidentes é preciso buscar a brecha e fazer dela uma resistência. Desde muito cedo eu sofri uma violência brutal de gênero, mas consegui ressignificar, naquele momento tosco, o despertar de uma curiosidade que só anos depois eu concretizaria.

De qualquer forma, obrigado pai, por essa lição.

Além de pai e mãe, ao redor da minha criação existia a figura da minha avó. Austera, matriarcal, serena quando necessário, uma potência de cultura de terreiro, uma força da natureza no trato com as duas filhas, minha mãe, macumbeira e, inicialmente, a herdeira do conhecimento de minha avó, e minha tia, evangélica fervorosa, leia-se aqui: homofóbica em escala doentia. Minha avó deu conta de tudo, do marido que faleceu muito cedo deixando-a sozinha com duas crianças pequenas para cuidar ao longo de uma viuvez que perdurou toda sua vida. Ela teve, também, a função de ser minha avó e madrinha e, além de tudo, a dedicação profissional de 50 anos de trabalho na escola particular confessional mais renomada da região na figura da disciplinária Tia Maria, que se tornou uma das pessoas mais lembradas por quem passasse pela escola que ela trabalhou. “Uma árvore morre em pé, eu não caio fácil” era um dos grandes bordões que recordo dela.

Temendo que aquele arbusto pequeno que ela chamava de neto caísse de vez, minha avó deu um jeito, como ela sempre fazia. Fiz a prova para entrar na escola em que ela trabalhava e me tornei bolsista integral na escola mais heteronormativizada e racista possível. Na qual eu era muito lido como o mulatinho boiola do bairro, pobre, filho da moça macumbeira e que tinha

bolsa porque era neto da Tia Maria. Quando eu nasci, conta a lenda familiar, minha avó me deu uma caixa de lápis de cor de presente e foi, a partir da sua ação, que fui descobrindo a importância do meu letramento na vida, mesmo estando em um lugar de muito preconceito institucionalizado.

Foram anos de muita violência, ora velada, ora explícita, e de formas variadas. Eu odiava Educação Física e era o terror dos professores dessa disciplina, da mesma forma que os entrevistados contaram. Cheguei a tentar quebrar minha perna dando marteladas no meu calcanhar para não ter que ir para a quadra de futebol, ou, meu pavor maior, para o vestiário masculino. Provocava vômitos constantemente, escondido no banheiro da escola e esperando que alguém ouvisse e me levasse para secretaria para não ser obrigado a ir para o abate: a aula mais detestada por mim. Deixei minha família preocupada com minha saúde porque eles não entendiam como eu estava bem e de repente passava mal na escola, mas melhorava na agilidade dos 50 minutos de tempo entre uma aula e outra.

Muitas vezes eu pedia dinheiro de lanche ou fazia trabalhos domésticos em troca de moedas para comprar balas, eu era quase um Willy Wonka da Fábrica de Chocolates de tantas balas e guloseimas que tinham na minha mochila. Mas eu nunca fui aficionado por doces. Aquelas balas eram passaportes, silêncios que eu comprava durante a aula, eu dava as balas principalmente para os meninos. Fazia isso para ter paz, para ver se eles me esqueciam e deixariam de me perturbar durante o dia.

Como todos os entrevistados, porém, eu jamais era esquecido na semana de provas. A popularidade vinha de maneira única. Todos queriam um pedacinho de mim. Trago aqui um pequeno trecho da entrevista que fiz com Henrique que sublinha muito bem qual era a minha sensação na escola em dias de prova:

Ser destaque acadêmico me dava poder, eu sofresse o ano todo, mas, nos momentos de avaliação, eu adorava passar cola, aquilo me dava poder de barganha, agora eles dependiam de mim, às vezes. Na semana de prova eu não sofria homofobia porque estava todo mundo me adulando. Entrega de trabalhos, eram momentos de paz. Eu sabia desde muito novo, lógico que eu não elaborava dessa forma, mas eu sabia que [ser] destaque acadêmico me dava alguma vantagem naquele caos (Henrique).

Eu era muito inteligente e crítico. Meus professores, principalmente os de ciências da linguagem e humanas me adoravam. Por ter sido criado em frente ao canal MTV, que era um dos mais politizados para jovens da época, eu tinha prazer em me apresentar em datas festivas com textos ou momentos cívicos em que eu podia promover discussões diante de todos, sendo

protegido pelos meus professores que me convidavam para fazer parte desses eventos. Afinal, de alguma forma é preciso sobreviver e se destacar.

Método de sobrevivência também era ser amigo das meninas. Era possível conversar com elas sobre música, cinema, ouvir sobre suas paixões, mesmo não falando sobre meus afetos e desejos e, em alguns momentos, performar heteronormatividade e beijar algumas delas. Era um belo teatro com direito até a namoros longos que forneciam para mim uma afeição simpática que me protegia momentaneamente de homofobias. Como ocorreu com Murilo, Clark e Bobby, entretanto, não dá para aguentar muito tempo se esquivando e se escondendo, pelo menos para nós quatro não era possível. Assim, tal como eles, saí do interior em busca de refúgio na cidade grande — bem aos moldes do que apontou Didier Eribon.

Ser professor é algo que exerço desde muito cedo como Murilo, aos 10 anos eu já brincava com meus vizinhos de lecionar. Aprendia na escola chique do centro e levava para os meus colegas da periferia um conhecimento para ajudar nos seus estudos. Eu era quase um traficante do conhecimento. Já na adolescência, eu dava aulas particulares como uma forma de adquirir uma renda extra para não depender tanto da família e fazia uma espécie de serviço comunitário dando aulas para alguns vizinhos que não tinham possibilidade de pagar por reforço escolar.

Desse grupo veio Ianca, uma de minhas alunas que, beirando seus 10 anos, não sabia ler quase nada; Depois de meses de trabalho árduo, ela conseguiu ler suas primeiras palavras na minha frente. Esse talvez tenha sido meu primeiro momento emocionante como educador, lembro de chamar minha mãe para que a menina pudesse ler para ela e tivesse a certificação de aquilo realmente estava acontecendo.

Aliado a isso, tive vários exemplos de professores na escola que tinham uma vida melhor do que a vivida pela minha família e, como eram próximos de minha avó, incentivavam-me a estudar mais. Cada um me dava um lápis de cor para minha caixa pessoal interior.

Foi um desejo imenso de fugir que me trouxe para Belo Horizonte para tentar ser alguém na vida na busca da ampliação do saber que tinha recebido na escola.

Tive muita dificuldade financeira, mas vivi a graduação e já nos primeiros estágios o temor de ser descoberto como dissidente. Acredito que esse seja um mal da docência gay. Estudos como o das pesquisadoras Luana Molina e Mary Neide Damico Figueiró “Professores homossexuais: suas vivências frente a comunidade escolar” (2012) atestam o quanto a vivência de professores LGBTQIAPN+ traz uma carga diferente da de outros professores. De acordo com as autoras, a prática discriminatória perpassa a escola, refletindo os processos

discriminatórios internalizados na sociedade, construídos pelo olhar social dominante, mirando a negação do outro.

Em algum ponto isso nos aflige, o armário de Sedgwick ronda a todo LGBTQIAPN+. Um jovem de Belo Horizonte viralizou na rede *Tik Tok*, contabilizando mais de 80 mil acessos em seu vídeo: o rapaz conta sobre sua mudança de comportamento em determinados estabelecimentos para garantir respeito e permanência segura.

Há umas duas semanas atrás (*sic.*), o meu carro começou a dar problema, e, na segunda-feira (16), fui em duas oficinas para ver preço, etc. Só que gente, eu chego na oficina e mudo toda a minha personalidade para a de um homem hétero [...] Toda vez que tenho que passar por uma situação que não ‘para os gays’, penso que vou ser passado para trás ou que as pessoas não vão me dar credibilidade”, contou Doug em seu vídeo. O jovem também relatou que ele ‘assume’ essa personalidade como um mecanismo de defesa, para não sofrer algum tipo de homofobia (Cavalcante, 2023).

Por mais que haja um grande engajamento como o ocorrido com esse vídeo, essa prática é uma praxe da vida de pessoas LGBTQIAPN+. São métodos de sobrevivência típicos do nosso clã, heterossexuais não precisam fingir ser gays, salvo quando querem nos insultar ou fazer de nossas performatividades piadas minimizando-as ao ridículo. Enquanto, para eles, esses métodos são para o riso; para nós, é metodologia de sobrevivência.

Isso foi apresentado pelos entrevistados, nós tememos a homofobia diariamente, mas seguimos mesmo trêmulos, porque é o que é preciso ser feito.

Foi o que fiz como professor formado em História e Filosofia para dar aulas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio por quinze anos. Tive que moldar cuidadosamente minha performatividade, então no começo da carreira eu era engessado, muito sério, às vezes até ríspido, tentando balancear a fórmula entre a doçura e acidez, entre o professor enérgico e o afável, mas tendo como foco que eles não deveriam saber que sou gay.

Essa pressão por coerência entre sexo, gênero e orientação sexual faz com que o corpo seja apagado das relações entre discentes e docentes, invisibilizando-o diante dos processos cognitivos vinculados à aprendizagem.

Ao acreditar nisso, os professores entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. Chamar atenção para o corpo é trair o legado de repressão e de negação que nos tem sido passado por nossos antecessores na profissão docente, os quais têm sido, geralmente, brancos e homens (hooks, 2010, p. 83).

Ao levantar discussões sobre a importância do afeto e do afetar na relação que se opera entre docente e discente e sobre o corpo como parte integrante da vivência educativa, bell hooks

(2010) busca ampliar os processos de ensino-aprendizagem, mobilizando dimensões corpóreas como gênero e raça.

Parece loucura tanta preocupação com essa temática, principalmente para quem não é LGBTQIAPN+, mas a caça às bruxas sempre esteve contra nós e nossa letra escarlate reluz mais em espaços de formação, logo, as fogueiras têm labaredas mais intensas nesses lugares. Criei uma vida dupla nas redes sociais, possuindo, por exemplo, um Instagram pessoal e outro profissional, como fez Bobby. Não assumo meus afetos para meus alunos e desconverso quando o assunto esbarra no tema dos relacionamentos. Faço um grande esforço para ser neutro, para parecer um personagem fofinho da Disney ou da Pixar em que não se imputa qualquer sexualidade, principalmente a dissidente.

O tempo, porém – assim como ocorreu com os entrevistados –, trouxe-me alunas, alunos e alunes que me ensinaram por demais. Acredito que foi muito por causa deles que minha postura mudou com o tempo, porque se, por um lado, vai-se criando uma couraça, que tem em sua constituição o medo, por outro, cria-se coragem maior devido ao respeito que se adquire no labor diário. Mais que as escolas, meus colegas de trabalho e o corpo discente me ensinaram a ser um professor melhor, mas, principalmente, a ser uma pessoa melhor comigo mesmo. Eu tenho noção que sou uma referência para professores, estudantes e direção da escola em que leciono por quase dez anos.

Percebo e sinto que a homofobia está presente diariamente, há piadas que se mantêm, outras aparecem de forma repaginada. É visível que à primeira vista a escola é um local doloroso para meus alunos que são LGBTQIAPN+, porém faço questão de sempre sublinhar meu lado nesse embate e, parafraseio meu entrevistado Henrique: eu escolho estar sempre do lado menos favorecido ou marginalizado.

Cito aqui uma fala da ativista *drag queen* Rita Von Hunty em entrevista compartilhada pelo perfil Inutilitarismo da rede social TikTok:

É impossível ser humano e ser de direita, ser humano é acreditar que “Poxa, você também devia estar comendo. Poxa, você também devia ter acesso a todos os serviços. Poxa, não faz sentido você receber dois centavos de dólares para fazer um Iphone.” Como algumas pessoas se definem de direita com orgulho? Porque historicamente isso é uma aberração (Inutilitarismo, 2023).

Assim como Clark, entendo que é preciso se posicionar e sabe-se que, historicamente, os movimentos raciais, feministas, LGBTQIAPN+, no Sul Global – as ditas e nomeadas minorias pelos homens brancos, heterossexuais e capitalistas – estiveram sempre à esquerda e, como bom canhoto, esse é o meu lado. Não tem como ser diferente, logo me alio aos meus

pares, sejam eles muito novos, mas que sentem o pesar de ser diferente. Por isso crio projetos, levanto pautas em aulas que esbarram de forma sutil e, algumas vezes, nem tão sutil em questões de gênero e sexualidade. Mas a urgência, que pode ser percebida desde o começo desse texto, e a ânsia trazida pela revolução, como uma tempestade dentro da escola, é feita de brisas que acalmam as dores e dão ares de vida mais tranquila. Parece que é de grão em grão, fazendo o mínimo diariamente que se operam algumas mudanças maiores. Ainda estamos aqui, ainda insistimos e abrimos o caminho para que outros sigam seu trilhar pela vida.

“Another day, another slay²⁴”

²⁴ Outro dia, outra matança. Tradução minha.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperteza, paciência, lealdade, teimosia e mais dia menos dia a lei da selva vai mudar — Chico Buarque —
Todos Juntos

Além das diversas vozes que ecoam em mim como na música: “Povoada, quem falou que ando Povoada Quem falou que eu ando só? Tenho em mim mais de muitos Sou uma, mas não sou só” (Nunes, 2021), são os meus antepassados que urgem dentro de mim, sou eu mesmo da infância, o adolescente, o cara da faculdade. Quantas vidas se vive em uma só existência e quantas outras tantas a gente consegue carregar? No último ano, vivi acompanhado de seis vozes, foram horas incontáveis indo e voltando nos áudios, buscando um fio condutor que unisse essas narrativas. Começou com HOMOFOBIA e se tornou SOBREVIVÊNCIA no decorrer da pesquisa. A gente sofre, daria para falar por mais algumas boas dissertações, a partir do exposto, como é doloroso ser gay no mundo que nos cerca, mas para cada dor, a gente insistiu um pouco mais. Maria Bethânia cantou: “A arte de sorrir quando o mundo diz não”²⁵. Acredito que sorrimos de tantas formas e jeitos, seja de resiliência ou de escárnio. Afirmamos: “Eu vou seguir sim, vocês querendo ou não, o meu bonde vai passar” ou “Os cães ladram, mas a caravana não para”²⁶.

E a caravana dos sete entrevistados, me incluindo agora, criou algum método de proteção e autocuidado para a continuidade. As narrativas postas pelos confluíram, raramente se divergiam, pois existiu um ponto em comum, a necessidade de ir além. Eles ainda me trouxeram muito do meu próprio passado por termos experiências parecidas quando atravessadas pela homofobia e pela sobrevivência.

Des formas diferentes, mas com a essência agri-doce que o preconceito nos traz, árido no lugar do sofrimento, mas adocicado no prazer de se reinventar e produzir mais a partir das limitações que nos foram impostas, as sete narrativas são um exemplo, ainda que diminuto, de como sistemas opressores existem, mas têm suas falhas. Como é o caso das normas de gênero que nos são impostas, mas que possuem suas ranhuras, e essas ranhuras precisam ser reforçadas. Apresentei aqui batalhas cotidianas de pequenas crianças viadas que precisavam ser mais bem preservadas, mas que conseguiram seguir, mesmo em meio a tantas agruras cotidianas gerando cicatrizes profundas. Foram estas, no entanto, que nos propiciaram ser minimamente mais fortes e sagazes. Assumo abertamente que não queria essas cicatrizes em mim ou neles, mas elas estão

²⁵

²⁶ Ditado popular.

aí, expostas, escancaradas. E essa é uma das partes importantes dessa pesquisa: a denúncia do que nos foi perpetrado, do que nos foi tirado e de como isso nos marca até os dias atuais.

Eu não sei ao certo se logrei completamente minha intenção de descobrir por que motivos uma criança viada que é tão rechaçada na infância retorna para os muros que representam tanta dor. Minha última pergunta para cinco, dos seis entrevistados, não está no roteiro oficial e surgiu logo após a primeira entrevista, com Augusto, é: o que você faria se encontrasse em sala de aula com seu eu do passado:

Eu ia me dar uma nota ruim em redação [risos]. Eu não ia falar nada, tudo que eu vivi, eu precisava ter vivido, qualquer coisa que eu falasse para esse Bobby poderia mudar as coisas e eu tô muito feliz onde estou hoje. Tudo parece que tinha que ocorrer daquela forma, eu ia dar uma olhada, iria entrar no banheiro para dar um chorada sozinho, mas eu ia deixá-lo lá (Bobby).

Tenho tanto que agradecer ao Clark criança e adolescente porque ele foi de uma força: Caralho! Olha, o adulto faz terapia, tomo remédio psiquiátrico, eu acho que quele Clark arranhou força do cu, não sei como, onde, e talvez seja esses ídolos, a literatura, os personagens, a Scarlet O'Hara do filme. Sei que ele preparou esse adulto de uma forma que eu, adulto, demorei para ter esse amadurecimento político, enquanto ser político. Mas veio com uma preparação pela vivência sexual muito precoce, enfrentar, o adulto, chegou com uma bagagem com relação à sexualidade muito boa, até quando eu criei meus personagens para dar aula. Mas eu não sofri tanto quanto aquela criança sofreu, então eu fui um adulto mais leve, os gays têm uma questão da sexualidade do adolescente pro adulto, o Clark criança e adolescente me fez esse favor, eu tenho muito agradecimento (Clark).

Assim como eu vejo muitos alunos, se eu encontrasse com ele eu acho que teria uma imensa dificuldade de apresentar porque eu não ia querer que ele saísse do armário da forma errada, eu teria muito cuidado, hoje ele teria acesso a informações que eu não tive na minha época, Márcio de hoje seria diferente, ele teria uma gama de informações que as mídias através da TV, se fosse o Márcio da minha época teria que ter mais cuidado ainda porque ele se fechava, se eu não confiasse, eu me fechava e se eu confiasse, eu me entregava, eu tinha tanto receio (Márcio).

Se eu visse o Henrique criança eu iria desabar de chorar porque eu sei que foi o momento de maior sofrimento da minha vida e olha que eu já sofri, eu vivi um relacionamento há pouco tempo com todas as camadas de toxicidade possíveis que você imaginar, o baque que foi e ainda assim, eu acho que não sofri agora o que eu sofri na sétima série. Se eu me visse com a elocubração que tenho hoje, eu ia chorar muito, eu já chorei muito por causa desse Henrique, ele é meu calcanhar de Aquiles, ele é um momento de muita dor, eu ia chorar, eu ia querer abraçar e cuidar. Ele era acolhido em casa, mas era um apoio que não me permitia falar que era isso que estava sofrendo na escola, o sofrimento gay nas escolas é algo muito solitário, a gente não tem com quem compartilhar (Henrique).

Eu não falaria nada, eu só ia abraçar ele, “segue isso aí que você vai precisar ser forte depois, como eu já sei que você sobreviveu, eu não vou te contar nada”, mas eu ia dar um carinho ali.

No outro lugar de encontrar os arquétipos do Henrique, que já encontrei vários, eu vou quebrar com a ética, nem sei se é quebrar ética, até porque não sei se todo professor tem que tratar todos os alunos de forma igual, isso é impossível. A gente é

ser humano, não tem como fazer um padrão industrial. Quem tem foro privilegiado, tratamento especial são alunos desse jeito, se tem um aluno que vou passar pano, que eu vou proteger porque ele apanha de diversos lugares é esse aluno e eu sei que eles se identificam muito comigo, eu os acolho muito, muitos são próximos após formar, tenho ex-alunos de 24, 25 anos, já são adultos e são próximos, é um carinho imenso (Henrique).

Eu diria para ele não temer aquilo que ele vai enfrentar, que é pra ele ser quem ele fosse mesmo, “seja quem você é, vai e arrasa, bicha”, só isso. “Segue sua vida, não dê ouvidos ao que as pessoas vão dizer, parece clichê, mas é isso mesmo. Você tem um futuro pela frente, estude”. E é o que falo pros meus alunos: ‘abra sua cabeça, não se limite, veja possibilidades, não fique preso no interior’, porque se eu tivesse ficado lá eu seria aquelas gays enrustidas que entra em aplicativo sem foto coloca lá macho discreto. A universidade abriu muito minha cabeça e eu falaria: “vai estudar, vai fazer universidade porque você vai encontra um mundo muito mais colorido que é muito bonito, onde elas podem ser o que quiserem e tá tudo bem em ser assim, não tem nada de errado em ser como você é, se você gosta de beijar meninos, vai beijar meninos, é isso que te faz feliz, pronto, é isso que te faz feliz” (Murilo).

Acredito que criei uma intenção muito grandiosa, não existe uma resposta exata para algo cheio de razões tão complexas e pessoais. Penso que a melhor resposta que posso encontrar é uma frase de Bobby:

Tenho duas respostas pra ela, a primeira, muito prática, é: eu não sei fazer mais nada. A resposta mais filosófica: eu quero mudar a relação das pessoas para que aquilo que aconteceu comigo, não aconteça de novo, sabe? (Bobby).

Considero a docência um espaço profissional de alto respaldo, mas de uma relação humana muito sensível. Ano após ano, tentamos mudar o mundo, tentamos operar pequenos movimentos em prol de um lugar que ansiamos viver, talvez por já termos vivido, como nos diz Bobby. Ele disse não saber fazer mais nada, para mim, não sabemos fazer mais nada além de esperar que, do ponto de vista freiriano, é esperar de forma ativa, construindo em meio às adversidades, agindo de forma colaborativa, em prol do bem-estar social dos nossos pares e próximos.

É um cuidado muito grande com o passado que esses seis entrevistados têm uma ressignificação constante a partir do encontro com o outro que são seus alunos. E é no cuidado com o outro que se mostra um afago que não se teve no passado, é ser empático e zeloso, é ser mais que professor, mas ser, primordialmente, um educador para a vida. Conforme colocou Augusto: “A escola é uma realização na minha vida, mesmo sendo muito burocrática, é local de transformação mesmo que lenta, a escola para mim é uma troca.” Em consonância, Henrique apontou: “Hoje é uma certeza, o que eu quero é ser professor pro resto da minha vida, conforme eu vejo o mundo e a minha vida acontece o que eu mais quero é ser professor”.

Ainda:

Meu trabalho hoje é um diferencial, eu fico muito cansado, hoje mesmo eu fui dar aula bem gripado porque não queria deixar os alunos, sou protetor de aluno, eu gosto de estar ali. Em março eu fiquei doente e dei atestado e quando eu voltei, vários alunos dizendo para eu não ficar doente de novo, eu achei bonitinho. O meu trabalho hoje é uma parte de mim, da minha vida, tem a parte ruim, a carga horária, eu não trabalho só na sala de aula, eu tô trabalhando antes, durante e depois da aula, mas eu gosto muito do que faço.

Eu queria que tivesse uma valorização maior, parece clichê, mas a gente não é respeitado. Muitas vezes os alunos acolhem mais do que a própria escola, é muita demanda, fazer prova de segunda chamada, recuperação, simulado, dar nota e tem conselho de classe, tem pai que não reclama, pai que reclama. Eu sinto isso das escolas em geral, um desrespeito. Eu queria realmente que nossa profissão fosse mais valorizada de fato, eu não tô falando que quero receber mais que médico ou presidente, eu quero meu valor devido, [que] meu trabalho seja reconhecido porque preparo outras profissões. Eu falo com meus alunos: sem professor, vocês não são nada, porque você sai da escola não tem professor de geografia, de história, ciências ou português, mas quem vai preparar cada um na faculdade são professores (Murilo).

Na verdade, eu sempre falei com meu companheiro que não gostava de dar aula, que era cansativo, que não queria, ele me via sentado preparando aula, trabalhando, preparando algo diferente ou buscando algo novo e ele dizia: como é que você não gosta, passa horas fazendo, preparando, isso é gostar. E isso é aprender a gostar, a cada desafio que você vai tendo, você vai aprendendo e vai mudando, hoje eu não me vejo não sendo professor, eu vejo que como professor eu posso ajudar muitas coisas (Márcio).

É uma questão estrutural, com camadas muito profundas no inconsciente coletivo, eu acho que vou sofrer homofobia pro resto da vida. Tem coisas que eu achava “ok” em 2012 porque a sociedade dava conta, que hoje eu acho inaceitável. Enquanto eu for professor, eu vou visualizar níveis de homofobia, mas é, claramente, os níveis de homofobia que eu vejo hoje não são as mesmas da minha época da escola que por vezes, eu vejo acontecer, mas até conversando com meus alunos gays eu vejo que é diferente. Ela continua acontecendo, ela não vai acabar, eu não conheço nenhum tipo de preconceito que desapareceu, que desintegrou, ele foi ganhando novas formas, o entendimento melhorou, ele vai ganhando novas roupagens à medida que a gente consegue desenvolver ele (Henrique).

É uma luta sistêmica, é algo que a gente tem que esperar, tem que fazer e acontecer, fazer o máximo que a gente consiga fazer, mas é como se estivéssemos segurando um boi ainda, mas tem que ficar ali. Na nossa vida, não viveremos uma plena liberdade, mas a gente faz pra que a próxima geração faça acontecer depois (Bobby).

Tende a melhorar nessa relação cada vez mais e isso se tornar um exemplo que fobias contra pessoas gays, você tem sua vivência igual a qualquer outro, eu te respeito, você me respeita e transitamos assim, sua vibe é essa, a minha é outra. Vão ter sempre os mais radicais e aí tem que trabalhar, mas acho que tende a melhorar (Augusto).

Antes de responder grandes dúvidas filosóficas ou criar elocubrações analíticas sobre a vivência desses professores, preferi narrar de forma afetuosa, mas também denunciadora, como se resiste à homofobia presente nas escolas em suas diversas manifestações. Existe uma

bibliografia considerável, ainda que bem diminuta sobre o assunto, mostrando a necessidade de demanda em estudos e discussões mais aprofundadas sobre a realidade dos professores LGBTQIAPN+. É preciso deixar registrado para os próximos as agruras de ser criança viada, mas, também, mostrar que houve tentativas e contornos para algo novo, para uma possibilidade melhor para os que virão *a posteriori*.

O mundo pensado e almejado por Alessandro, Augusto, Bobby, Clark, Henrique, Márcio e Murilo provavelmente não existirá integralmente nos próximos anos, pessoas LGBTQIAPN+ continuarão vivendo sob a égide do preconceito, mas é preciso deixar relatos que mostram caminhos tortuosos e o caminhar produzido neles e por eles. Caminhos que deixaram pegadas que mesclam a luta e a resistência de uma boa jornada, que mostraram as fendas presentes no sistema e que essas são possibilidades de fazer diferente, de ser possível para além da norma que nos alcança, mas não nos aprisiona por completo. Já existem relatos positivos de alunos que conseguem viver sua sexualidade, sua performatividade de forma mais tranquila da que vivemos. Foi por nós que sobrevivemos, mas foi por eles, também, que fizemos tanto movimento. Foi para que eles possam andar nas ruas de mãos dadas com seus afetos, para que eles possam viver aquilo que nossas crianças viadas não tiveram o privilégio.

Espero que esse texto seja um abraço afetuoso nas cicatrizes e que possibilite que os próximos que virão, sejam estudantes ou professores, possuam dores menores, essa é a ideia de seguir. A gente morre um pouco, mas renasce nos próximos. A partir do encontro com passado e do encontro com o presente, espera-se um encontro melhor no futuro. E como foi um bom encontro! Foi bom encontrar comigo mesmo nesta pesquisa e, principalmente, me encontrar nos seis entrevistados e nos nossos alunos gays.

Que belo abraço e afago nos espelhos que conheci: o gentil Augusto, o disruptivo Clark, o Fantástico Mundo de Bobby, o reservado Márcio, o hospitaleiro Henrique, o afável Murilo. Que essa pesquisa se torne um ornamento bonito nas portas entreabertas do armário gay. Assim espero.

Axé.

“E no mundo dizem que são tantos, saltimbancos como somos nós” — Chico Buarque — Todos Juntos

7. RECURSOS EDUCACIONAIS

Uma das características definidoras no PROMESTRE é a obrigatoriedade de se produzir um recurso pedagógico à escolha do mestrando. em uma infinidade de possibilidades, preferi produzir dois jogos didáticos. A escolha desse recurso versa em dois pontos: sou aficionado pelo modelo, desde criança sempre gostei de jogos, sejam eles de tabuleiro, cartas ou eletrônicos, o outro ponto se relaciona à minha experiência em sala de aula, que me mostrou, no decorrer de todos esses anos, que um jogo é capaz de gerar boas discussões, é uma forma de aprendizado lúdico que vai além do ato de apenas ouvir ou ler um discurso sobre determinado assunto. No processo dos jogos, além de se aprender um conteúdo intrínseco e diluído no jogo é possível trabalhar aspectos de socialização, raciocínio lógico e proposição de desafios, jogos levantam possibilidades diferentes das realizações formais. Para a elaboração dos jogos, tive o prazer de contar com o auxílio do designer Walter Costa que colaborou de forma exemplar na criação, produção e execução desse trabalho.

Temos então o “*Kit Gay*”²⁷ – *O Guia Queer para o professor Bicha Contemporâneo*”. Dentro do *box* o professor encontrará dois jogos:

7.1. O Bê-a-Bá Pajubart

Um guia introdutório que apresentará conceitos básicos para o entendimento do universo LGBTQIAPN+ desde a sigla, os primeiros movimentos políticos, as diferenças entre sexo, sexualidade, gênero, orientação sexual e uma noção introdutória de Pajubá²⁸. O jogo consiste em cartas contendo verbetes básicos sobre Gênero, performatividade de gênero e sexualidade, que são divididas em dois grupos: um com imagens e o outro com explicações que devem ser associadas às primeiras corretamente formando um par que é contabilizado como um ponto para quem faz o acerto.

²⁷ Em alusão, paródia e deboche ao famigerado “Kit Gay”, assim nomeado pela direita fascista, então apoiadora do candidato à presidência, Jair Messias Bolsonaro, atual Sem Partido e na época filiado ao PSL. No ano de 2018, o então candidato à Presidência da República, em rede nacional, mentiu de forma categórica sobre a existência de um “Kit Gay” que teria sido distribuído nas escolas durante o governo da presidenta Dilma Rousseff. De acordo com o candidato, existia um planejamento governamental para ferir a família tradicional em suas bases e alastrar o que eles chamavam de “ideologia de gênero” como pensamento preponderante no país. Tamanha falácia tomou as redes sociais, impulsionou fake news e se tornou um dos carros chefes da campanha eleitoral do candidato, contribuindo para sua vitória nas urnas. Sua vitória foi forjada sob a imagem de protetor da família e dos bons costumes e contrário a uma escola pautada pela diferença, sendo avesso à inclusão de discussões de gênero e sexualidadeno ambiente escolar. Esse discurso permaneceu em seu governo e de seus aliados que usaram dos mesmos mecanismos para angariar simpatia e popularidade entre os eleitores conservadores e fundamentalistas.

²⁸ Pajubá é um dialeto ou criptoleto que mescla linguagem africana ao português e é comumente usado por praticantes de religiões de matriz africana, bem como por membros da comunidade LGBTQIAPN+.

Esse jogo segue as regras básicas de um jogo de memória clássico, como apresenta o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Regras do jogo “O Bê-a-Bá Pajubart”

Objetivo do Jogo	O objetivo principal do jogo é encontrar o maior número possível de pares de cartas correspondentes.
Número de Jogadores	O jogo pode ser jogado individualmente ou em grupos. Se jogado em grupos, os jogadores podem competir entre si para ver quem encontra mais pares.
Preparação	Os jogadores devem embaralhar as cartas e colocá-las viradas para baixo em uma superfície plana, formando um quadrado ou um retângulo.
Desenvolvimento do Jogo	Os jogadores decidem quem será o primeiro a jogar, por sorteio ou acordo mútuo. O primeiro jogador vira duas cartas escolhidas aleatoriamente, expondo-as para que todos possam ver. Se as duas cartas formarem um par correspondente, o jogador as retira do jogo e mantém para si. Nesse caso, o mesmo jogador tem direito a outra jogada. Se as duas cartas não formarem um par correspondente, o jogador as vira novamente, deixando-as no mesmo lugar. O próximo jogador repete o processo, virando duas cartas. O jogo continua alternando entre os jogadores até que todas as cartas tenham sido combinadas em pares.
Fim do Jogo	O jogo termina quando todas as cartas tiverem sido combinadas em pares. O jogador (ou equipe) com o maior número de pares vence.

Fonte: elaboração própria.

7.2. Rainbow Land: uma aventura entre o Armário e o Espelho

A proposta do jogo de tabuleiro é promover a discussão e a troca de experiências a respeito das vivências dos participantes, bem como trabalhar o conceito do Armário com todas as suas nuances e possibilidades. Seu público-alvo são professores em geral, mas com foco em professores homossexuais (declarados ou não) e pessoas interessadas no assunto da vivência de pessoas homossexuais. **Todas as situações propostas nas cartas foram coletadas a partir dos relatos dos professores entrevistados afim de termos uma ligação mais demarcada entre pesquisa e recurso didático.**

Quadro 3 – Regras do Jogo Rainbow Land:
uma aventura entre o Armário e o Espelho

Objetivo do jogo	No jogo, os participantes partem da casa de número 1, O Armário, e devem percorrer o tabuleiro para chegar ao final, o Espelho. Vence quem chegar primeiro ao Espelho. A ideia não é demonizar o armário LGBT, mas que durante as ações das 24 casas os jogadores possam discutir e trocar experiências e opiniões para que consigam aprender a lidar melhor com esse dispositivo da vivência gay e se compreender melhor em suas realidades pessoais.
Número de jogadores	De 3 até 5 pessoas.
Material	1 tabuleiro com 24 casas 1 dado 4 peças para cada jogador

(continua)

Desenvolvimento do Jogo

As 24 casas possuem ações que consistem em proposições positivas nas quais todos avançam em alusão à ideia que se uma pessoa dissidente avança, todos conseguem, de alguma forma, avançar também. Existem, também, as casas para reflexão em que são apresentadas situações hipotéticas (tiradas das narrativas presentes na pesquisa) e o jogador que cai nessas casas tem que levantar uma possível solução para ela. Após sua explanação, os demais jogadores votam se foi uma boa decisão, a partir do que o jogador pode avançar uma casa ou permanecer onde se encontra. Optamos por não ter penalizações que consistam na perda de posições no jogo, pois consideramos que um jogo que lida com realidades sensíveis e escolha de conduta não deve conter punições. Propusemos, portanto, discussões para as escolhas o que gera maior socialização e interação do grupo de jogadores.

Fim do jogo

Vence quem chegar primeiro no final do trajeto.

Fonte: elaboração própria.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AGÊNCIA ESTADO. Pai abraça filho e é agredido por homofóbicos em SP. **G1**, 19 jul. 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/pai-abraca-filho-e-e-agredido-por-homofobicos-em-sp.html>. Acesso em: 19 mar. 2022.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BALDWIN, James. An Interview with James Baldwin. Interview given to Studs Terkel, In: BALDWIN, James. **James Baldwin: The Last Interview and Other Conversations**. Contributions by Quincy Troupe et al. Brooklyn: Melville House, 2014. Original publicado em 1961.

BENTO, Berenice. Políticas da diferença: feminismos e transexualidade. In: COLLING, Leandro. **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: UFBA, 2011. p. 79-110.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020: resumo técnico** [recurso eletrônico]. Brasília: Inep, 2021. 70 p.; il.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 128, n. 135, p. 1-15, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=8069&ano=1990&ato=461cXRq1keFpWT13a>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.432, de 3 de agosto de 2022. Institui a campanha Maio Laranja, a ser realizada no mês de maio de cada ano, em todo o território nacional, com ações efetivas de combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 160, n. 147, p. 5, 4 ago. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.970, de 17 de maio de 2000. Institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 138, n. 95-E, p. 1, 18 maio 2000.

BRASILINO, Carlos Estênio. Prefeito demite professor gay que exibiu clipe de Criolo: Viadagem. **Metrópoles**, 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/prefeito-demite-professor-gay-que-exibiu-clipe-de-criolo-viadagem>. Acesso em: 08 jan. 2022.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71- 96, jan.-jun. 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: José Olympio, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

CAETANO, Márcio Rodrigo Vale de. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008.

CAVALCANTE, Larissa. Jovem de BH viraliza ao contar que ‘finge ser hetero’ quando vai ao mecânico. **Estado de Minas**, 26 out. 2023. Disponível em: <http://bit.ly/40stydp>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CHICO BUARQUE. **Os saltimbancos**. BRASIL. PHILIPS, 1977. 2:28

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. In.: **Educação e Realidade**, v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991.

CRIOLO. *Etérea*. IN: **Etérea**. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações de Goya Lopes. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EPSTEIN, Debora; JOHNSON, Richard. **Sexualidade e instituição escolar**. Madrid: Ediciones Morata; Coruna: Ediciones Paideia. 2000.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 445 p.

EVARISTO, Conceição. “Esse lugar também é nosso”. Entrevista concedida a Ana Paula Acauan. Revista PUCRS, n. 191, jul./set. 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GAZETA DO POVO. MPF analisa se pastor André Valadao cometeu prática de homofobia. **Gazeta do Povo**. 4 jul. 2023. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mpf-analisa-se-pastor-andre-valadao-cometeu-pratica-de-homofobia/>. Acesso em 14 jan. 2024.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Barueri: Editora LTC, 2008. Original publicado em 1963.

GOMES, Marcos Mauricio Gondim. **Professores Gays, quem se Importa com Eles? Um Estudo Autoetnográfico da Homofobia contra Professores Gays nas Escolas**. Curitiba: Appris, 2022.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvli Libanio. Prefácio de Denilson Lopes. Recife: Cepe, 2020. 258 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses, o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HARDING, Sandra. **The science question in feminism**. New York: Cornell University Press, 1986.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004

HOOKS, bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. p. 113-124.

INUTILITARISMO. **Rita von Hunt**: como alguém pode ser de direita? São Paulo, 14 maio 2023. TikTok: Inutilitarismo @inutilitarismo. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@inutilitarismo/video/7233168341563723014>. Acesso em: 15 jan. 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!” Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 123-139, 2010

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2009. P. 13-52.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Educamp, 1992. p. 419-476.

LIMA, Eliaquim de Souza; PESSOA, Kaline Lígia Estevam de Carvalho. Os estudantes homoafetivos e suas relações de não aceitação nas aulas de Educação Física: uma revisão narrativa. *In*: VASCONCELOS FILHO, Francisco Sérgio Lopes; AQUINO, Livia Silveira Duarte (org). **Educação Física e Esportes**: pesquisa e práticas contemporâneas. Guarujá: Científica Digital, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

MADONNA. **Erótica**. EUA. Sire Records. 1992. 5:18.

MARIA BETHANIA. **Brincar de viver**. BRASIL. Philips. 1983. 4:48

MEDINA, Gabriel. A violência escolar não pode ser compreendida como um fenômeno isolado. **Carta Capital**. [S. l.], 17 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/pinião/a-violencia-escolar-nao-pode-ser-compreendida-como-um-phenomeno-isolado/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MOLINA, Luana; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Professores homossexuais: suas vivências frente a comunidade escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 7, n. 2, p. 58–77, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5392>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MONCAU, Gabriela. A última Copa da Rainha: conheça a história de Marta, a melhor jogadora de todos os tempos. **Brasil de Fato**. São Paulo, 23 jul. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3Et9Wff>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MOTT, Luiz. **Homossexualidades: Mito e verdades**. Grupo Gay da Bahia. 2003.

MURASAKI, Aryel Ken; GALHEIGO, Sandra Maria. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 53-68, 2016. Disponível em: <https://observatorio.fm.usp.br/handle/OPI/29446?mode=full>. Acesso em: 13 jan. 2024.

NARRADORES de Javé. Direção de Eliane Caffé. Rio de Janeiro: RioFilme, 2004.

NOGUEIRA, Paulo. Quando as crianças viadas interpelam a docência. **Form. Doc.**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 105-120, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/341>. Acesso em: 16 jan. 2024.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1994.

NÓVOA, António; FINGER Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NUNES, Sued. **Povoada**. Muritiba: Sued Nunes – Tema, 2021. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pc6w8YYEKck>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Caso de professor demitido por ser gay provoca debate internacional. **Pragmatismo Político**, 29 nov. 2017. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/11/professor-demitido-por-ser-gay-provoca-debate.html>. Acesso em: 06 jan. 2022.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhx>. Acesso em: 16 jan. 2024.

PRECIADO, Beatriz; NOGUEIRA, Fernanda Ferreira Marcondes. Quem defende a criança queer? **Jangada: Crítica | Literatura | Artes**, v. 1, n. 1, p. 96-99, 2018.

PUTTI, Alexandre. Um LGBT é agredido no Brasil a cada hora, revelam dados do SUS. **Carta Capital**, [S. l.], 16 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

RASMUSSEN, Bruna. Professores inspiradores: como alguns educadores conseguem impactar nossas vidas mais do que podemos imaginar. **Hypeness**, [S. l.], 16 abr. 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/04/professores-inspiradores-como-alguns-educadores-conseguem-impactar-nossas-vidas-mais-do-que-podemos-imaginar/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

REDAÇÃO CUT. Juiz Federal decide que Neymar Jr deve pagar multa por sonegação, fraude e conluio. **CUT Brasil**. São Paulo, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Pev6lY>. Acesso em: 13 jan. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política**: quem manda, por que manda, como manda. 3.ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan./jun. 2021.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. 82. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SABINO, Fernando. **O menino no espelho**. 28. ed. São Paulo: Record, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. Os conflitos urbanos do Recife o caso do Skylab. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 11, maio 1983.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Tradução de Ana R. Luís; Fernando Matos Oliveira. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

SEFFNER, Fernando. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: UFBA, 2011. p. 57-79. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2260>. Acesso em: 02 out. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SPICE GIRLS. **Step to me**. EUA. Virgin Records. 1996. 4:05

UNESCO. União das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam... São Paulo: Unesco, 2004.

VENTURA PROFANA. **Vitória**. BRASIL. Tratore. 2020. 3:24.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**. Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

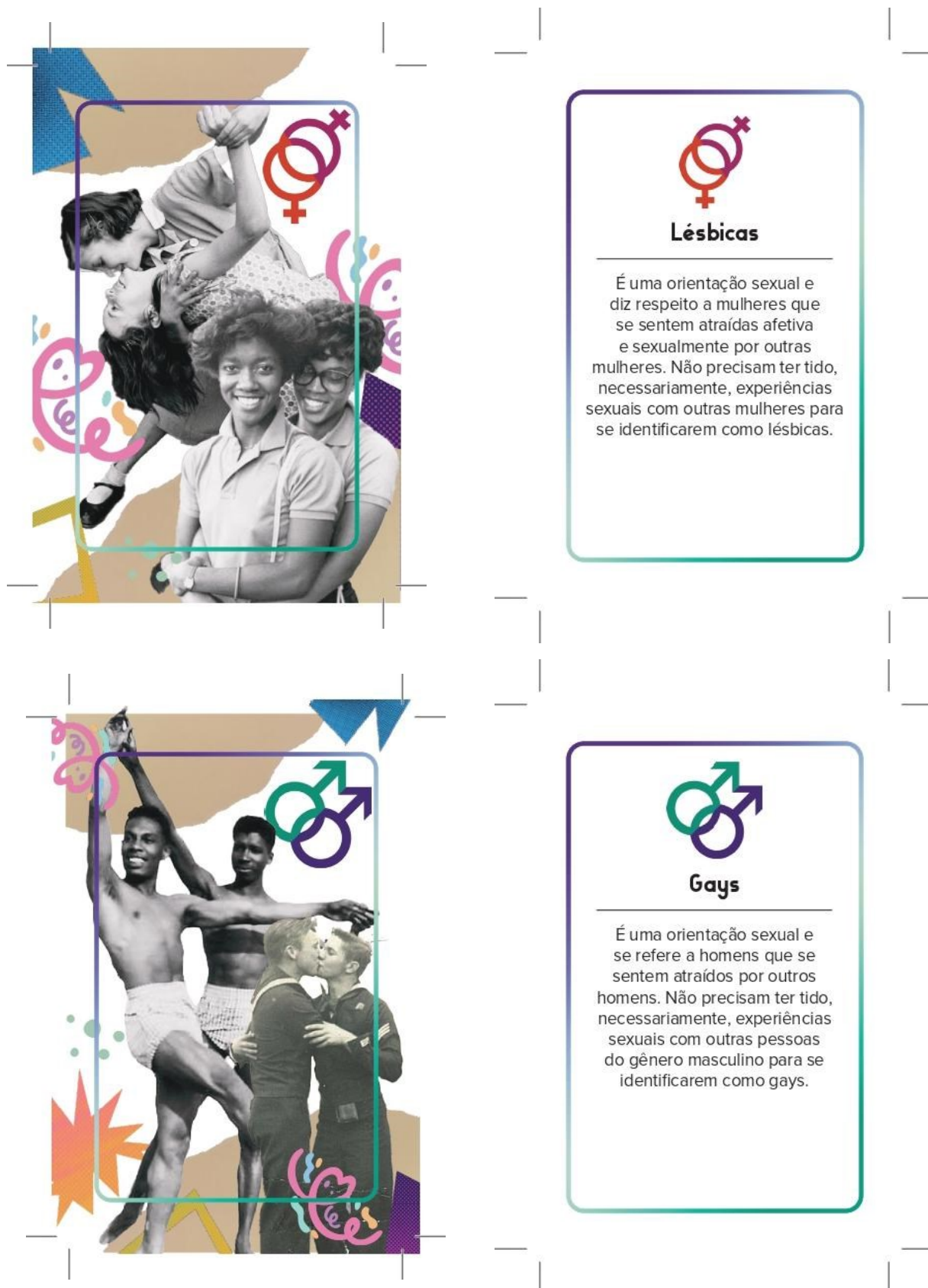
WHITNEY HOUSTON. **Dance with somebody**. 1987. 4:51.

WILKSON, Adriano; LOPES, Pedro; PERRONE, Ricardo. Justiça mantém multa a Neymar por sonegação de imposto, mas diminui dívida. **Uol**, São Paulo, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/11/03/justica-mantem-multa-a-neymar-por-sonegacao-de-imposto-mas-diminui-divida.htm>. Acesso em: 13 jan. 2024.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. 1979. (Coleção Os pensadores).

2. APÊNDICE A

Figura 2 - Cartas do jogo O Bê-a-bá Pajubart





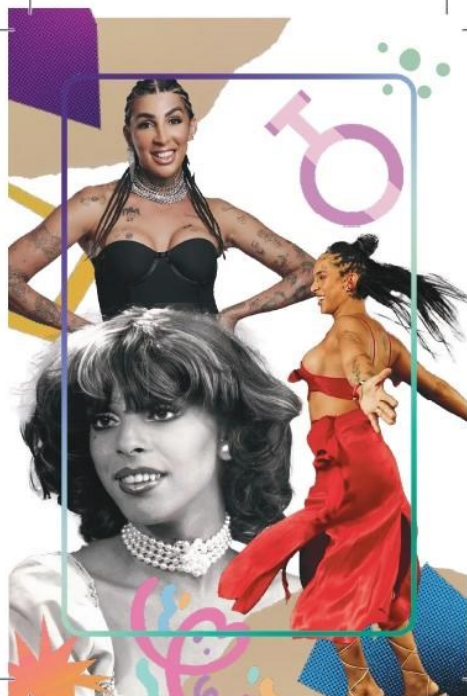
Bissexuais

Bissexualidade também é uma orientação sexual; bissexuais são pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente tanto com pessoas do mesmo gênero, quanto do gênero oposto. O termo "Bi" é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais.



Transexuais

É um conceito relacionado à identidade de gênero e não à sexualidade, remetendo à pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. As pessoas transgênero podem ser homens ou mulheres, que procuram se adequar à identidade de gênero.



Travestis

Travestis, são mulheres trans que preferem ser chamadas dessa maneira por motivos políticos, de resistência, já que este termo está atrelado à marginalização das mulheres trans, que tinham como única alternativa a prostituição como modo de sobrevivência.

Muitas mulheres trans se identificam atualmente como travestis justamente para tirar o estigma da palavra.



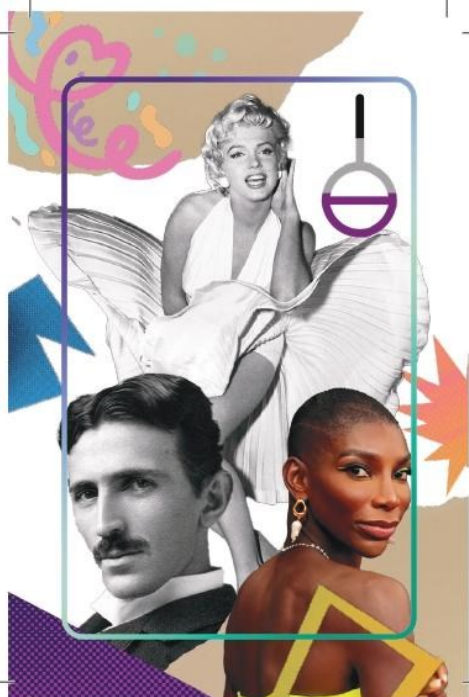
Queer

É um termo da língua inglesa usado para qualquer pessoa que não se encaixe na heterocisnormatividade, ou seja, que não se identifica com o padrão binário de gênero, tampouco se sente contemplada com outra letra da sigla referente a orientação sexual, pois entendem que estes rótulos podem restringir a amplitude e a vivência da sexualidade.



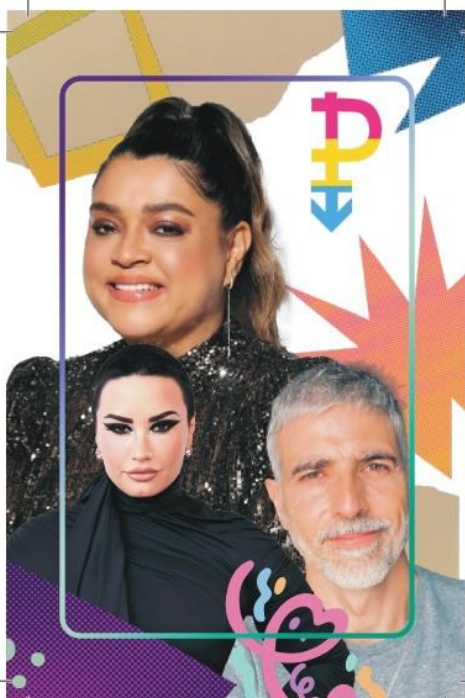
Intersexo

É uma pessoa que nasceu com a genética diferente do XX ou XY e tem a genitália ou sistema reprodutivo fora do sistema binário homem/mulher. Atualmente, são reconhecidas pela ciência pelo menos 40 variações genéticas, dentre elas XXX, XXY, XO, etc.



Assexual

É um indivíduo que não sente nenhuma atração sexual por qualquer gênero. Isso não significa que não possam ter relacionamentos ou desenvolver sentimentos amorosos e afetivos por outras pessoas.



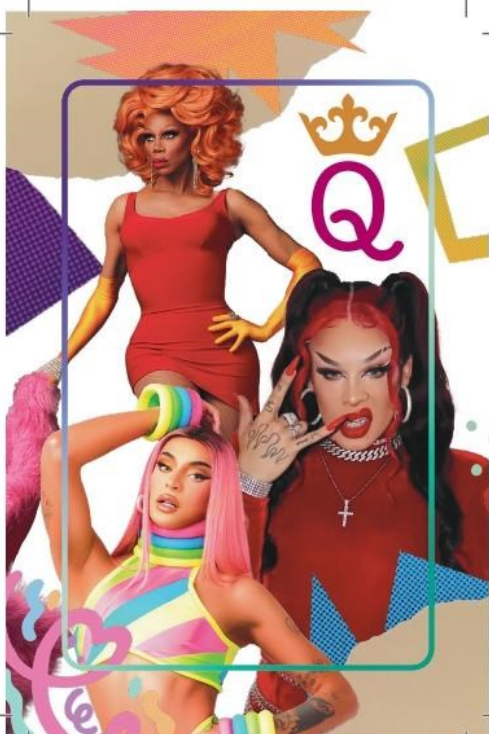
Pansexualidade

É uma orientação sexual em que as pessoas desenvolvem atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas independentemente de sua identidade de gênero.



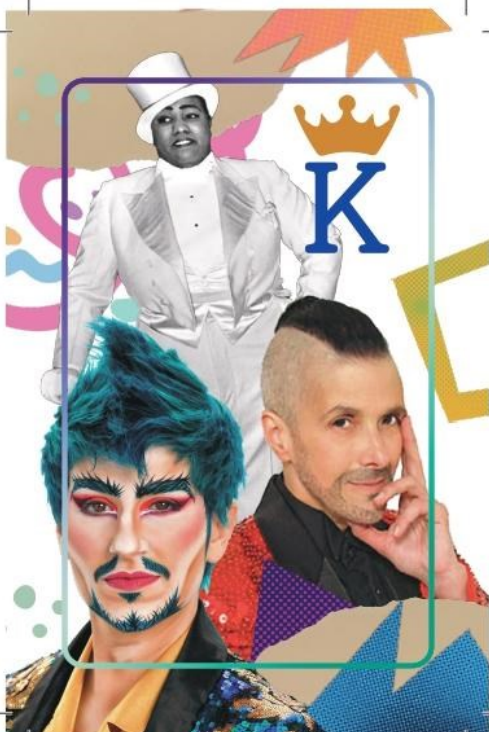
Não-Binários

O termo não-binário refere-se às pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero exclusivamente. Isso significa que sua identidade de gênero e expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino.



Drag Queen

Não faz parte da sigla e se refere unicamente a uma expressão artística, podendo ser performada por homens, cis ou trans, pessoas fora do binarismo de gênero e totalmente independente de orientação sexual. Essa arte geralmente tende a exacerbar as características impostas ao binarismo de gênero, com performances em tom de sátira, justamente como uma crítica à sociedade.



Drag King

Não faz parte da sigla e se refere unicamente a uma expressão artística, podendo ser performada por mulheres, cis ou trans, pessoas fora do binarismo de gênero e totalmente independente de orientação sexual. Essa arte geralmente tende a exacerbar as características impostas ao binarismo de gênero, com performances em tom de sátira, justamente como uma crítica à sociedade.

3. APÊNDICE B

Figura 3 - Tabuleiro do jogo Rainbow Land: uma aventura entre o Armário e o Espelho



Fonte: Elaboração própria

4. APÊNDICE C

Figura 4 - Parte de trás das cartas do jogo do jogo Rainbow Land:
uma aventura entre o Armário e o Espelho



Fonte: Elaboração própria

Figura 5 - Partes de frente das cartas do jogo Rainbow Land:
uma aventura entre o Armário e o Espelho



Você procurou uma religião que durante toda trajetória do ensino médio foi seu refúgio, porém devido a conflitos na fase adulta você se afastou da Igreja e começou a sofrer com os antigos amigos. Como proceder nessa nova fase da sua vida?

Ainda na graduação, primeiro dia de estágio na escola. Um aluno te pergunta se você é gay. O que você faz?

Seu primeiro dia de trabalho numa escola particular. Um aluno pergunta se você é gay o que você faz?

Você passou no concurso público. Seu primeiro dia um aluno faz uma piada homofóbica em sala o que você faz?

Suas redes sociais ficam visíveis ou fechadas para seus alunos?

Você postaria publicamente sobre seu carnaval em blocos (ou sua vida noturna) para os alunos verem?

Você assumiria sua sexualidade para uma colega de trabalho próxima?

Falas homofóbicas de outros professores e funcionários: motivo pra calar ou motivo pra falar?

Surge na escola uma oportunidade de desenvolver um projeto sobre diversidade, qual é sua posição?
Tomar a frente?
Atuar com discrição?
Se omitir por completo?

Surge na escola uma oportunidade de desenvolver um projeto sobre diversidade, qual é sua posição?
Tomar a frente?
Atuar com discrição?
Se omitir por completo?

Você está num relacionamento e vai haver um evento escolar onde funcionários levam seus companheiros. Levar ou não levar o seu: eis a questão.

Crianças e adolescentes são curiosos e podem querer saber mais sobre a vida pessoal do professor. Onde está seu limite? Nada de vida pessoal ou tem espaço pra algumas verdades?

Você sente abertura na escola em que trabalha para que sua sexualidade não seja um tabu a ser evitado. Motivo pra comemorar e se soltar ou nada muda?

Sua escola é um ambiente que oprime qualquer forma de diversidade. O que isso te causa em termos práticos?

Você teve referências LGBTQ+ na sua escola enquanto era um estudante de ensino fundamental ou médio? Como isso te influencia nos dias de hoje?

Quando aluno você tinha aliados que te davam suporte? Quem eles eram? Havia professores entre eles?

Como discussões e conflitos que envolvem religião em sala de aula te afetam?

Encontrar um aluno fora da escola em uma situação que exponha sua sexualidade de uma maneira que te foge ao controle. Como lidar?



Fonte: Elaboração própria

5. ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada (o) a participar da pesquisa: **O PROFESSOR HOMOSSEXUAL NO ESPELHO: ESTUDO SOBRE AS VIVÊNCIAS, SEUS REFLEXOS, REFLEXÕES NO COTIDIANO ESCOLAR E NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PARA DIFERENÇA.** de responsabilidade do pesquisador Alessandro Augusto Rodrigues da Silva, sob a orientação do Prof. Dr Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, da Faculdade de Educação da UFMG.

Leia cuidadosamente as instruções a seguir e pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações necessárias e, se aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento em duas vias. Uma pertence a você e a outra à pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido (a) sobre os seguintes pontos:

6. O trabalho tem por objetivo estudar as narrativas de professores homossexuais que atuem na região metropolitana de BH com intuito de relatar suas experiências referentes a vivências relacionadas a homofobia em ambiente escolar seja de forma subliminar ou direta, bem como possibilidades de resistência perante a LGBTQIAfobia. Para isso, serão abordados temas como: família, educação, segurança trabalhista, dentre outros escolhidos pelos professores LGBT.

7. As gravações e o caderno de campo ficarão armazenadas sob cuidados da pesquisadora responsável pelo prazo máximo legal equivalente a 5(cinco) anos em local seguro. Os resultados da pesquisa serão utilizados em trabalhos científicos publicados ou apresentados oralmente em congressos e palestras sem revelar sua identidade. Os dados obtidos durante a pesquisa são confidenciais e não serão usados para outros fins. O registro das narrativas serão gravados e posteriormente transcritos no formato de texto. O uso em paralelo do caderno de campo para anotar características que não possam ser captados pelo gravador portátil de voz, até mesmo todo o contexto das Conversações, buscando fatores reveladores. A análise dos dados dar-se-á numa conexão entre um arcabouço teórico previamente formulado, ou seja, um contexto geral fomentador de reflexões sobre a construção de orientações sexuais e identidades de gênero, além de posteriormente buscar sentidos nas narrativas, identificando os processos significativos produtores de resistências e empoderamento dos professores homossexuais.

8. A identidade do (a) participante será mantida em sigilo, assegurando a sua privacidade, conforme determina a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares). Se desejar, o entrevistado participante terá livre acesso a todo o conteúdo e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e seus resultados. Enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da participação.

9. Sua participação nessa pesquisa é de caráter voluntário, você não terá qualquer tipo de despesa para participar e poderá abandonar o projeto ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, além de não sofrer qualquer prejuízo pela desistência, bem como não será

remunerado por sua participação.

Rubrica do Participante

Rubrica da Pesquisadora Responsável

10. Esse termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

11. A decisão do local, dia, horário e disponibilidade serão acordados com os professores participantes da pesquisa. As Conversações poderão ser realizadas na FAE - **Endereço:** Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-90, bem como através da plataforma GoogleMeet, caso ainda estejamos em pandemia acentuada.

12. De acordo com a legislação (Res. 466/12 – Item II. 23), toda pesquisa oferece algum tipo de risco. No caso da pesquisa em questão, os riscos envolvidos consistem em “Riscos Mínimos” (desconforto ou constrangimento) surgidos no decorrer das Conversações. Se isso acontecer, a pesquisa será interrompida imediatamente até o participante sentir-se disposto novamente para continuar. Não se pode prever, com exatidão, os riscos relacionados à participação na pesquisa, por desconhecermos o conteúdo dos temas que serão sugeridos pelos integrantes. Ressalto que caso ocorra algum desconforto ou constrangimento durante a execução, este será minimizado com conversas ou pela livre desistência da participação e, se for o caso, será realizado encaminhamento do(a) professor ao Centro de Saúde ou a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) localizados na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte, sem nenhum custo ou penalidade ao (à) participante.

13. A realização da pesquisa terá a duração total de, aproximadamente, 60 (sessenta) dias. Isso inclui o tempo de observação da pesquisadora, bem como a estimativa de 06 (seis) encontros individuais e 2 em grupo, em dias alternados, para as entrevistas. Nada disso acarretará prejuízo, uma vez que as intervenções serão realizadas conforme disponibilidade dos jovens participantes. Cada entrevista semi estruturada terá a duração de 60 minutos.

14. Espera-se como resultado desse estudo a produção de um relatório de pesquisa com intuito de contribuir para o conhecimento científico a respeito das vivências e resistências de professores homossexuais possibilitando o seu autoconhecimento e empoderamento diante das manifestações de intolerância presentes na sociedade.

Orientações Sobre a pesquisa ou em relação a questões Éticas.

Caso você tenha alguma dúvida surgida mesmo após todos os esclarecimentos prestados pelo (a) pesquisador (a), ou caso queira deixar de participar da pesquisa ou deseje informações sobre questões éticas entre em contato pelos meios disponíveis abaixo:

Rubrica do Participante

Rubrica da Pesquisadora Responsável

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa favor entrar em contato com os pesquisadores responsáveis:

Nome completo do Pesquisador Responsável:

Prof. Dr. Paulo Henrique Queiroz Nogueira.
Endereço: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Avenida Antônio Carlos, 6627 Bairro: Pampulha CEP: 31270-901 - Belo Horizonte, MG – Brasil. E-mail: pauloqn@yahoo.com.br

Nome completo da Pesquisadora Assistente:

Alessandro Augusto Rodrigues da Silva.
Endereço: Rua: Chicago, 410/102 Sion CEP: 30315520 Belo Horizonte/MG. E-mail: rodriguez.educ@gmail.com

Em caso de dúvidas éticas: COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel.: 34094592.

Obrigada pela colaboração e pela confiança,

Eu, __, RG nº, declaro ter sido plenamente informado(a) e concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa JOVENS LGBT do MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE: RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre, assinado por mim, pela pesquisadora e pelo orientador responsável.

Belo Horizonte, ____ de ____ de 2022.

Assinatura do(a) participante

Belo Horizonte, ____ de ____ de 2022.

Alessandro Augusto Rodrigues da Silva (Pesquisadora)

Belo Horizonte, ____ de ____ de 2022.

Prof. Dr. Paulo Henrique Queiroz Nogueira. (Orientador)

ANEXO C - TERMO DE COMPROMISSO

Eu, Alessandro Augusto Rodrigues da Silva, declaro que conheço e cumprirei os requisitos da resolução 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto, devidamente assinada e fará parte integrante da documentação da mesma.

Prof. Dr. Paulo Henrique Queiroz Nogueira
pauloqn@yahoo.com.br
(Coordenador da
pesquisa) Orientador

Alessandro Augusto Rodrigues da Silva
Rodriguez.educ@gmail.com
Co-Pesquisador

ANEXO E – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Segue algumas possíveis perguntas que permearão a entrevista semi-estruturada, outras serão incluídas posteriormente, durante a realização da pesquisa de campo. Tal entrevista acontecerá com 6 professores homossexuais da região metropolitana de Belo Horizonte:

- 1) Como foi sua vivência enquanto jovem? (Caracterização do entrevistado)
- 2) Com qual idade você se percebeu enquanto homossexual?
- 3) Você vivenciou algum tipo de homofobia na sua juventude?
- 4) Como era seu ambiente escolar durante a juventude?
- 5) Você chegou a presenciar algum ato de LGBTQIAfobia no seu ambiente escolar?
- 6) Quais motivos levaram a sua escolha profissional?
- 7) Você já presenciou algum tipo de ato LGBTQIA+ no seu ambiente de trabalho?
- 8) Como você percebe a escola atualmente em comparação a sua vivência escolar no quisto LGBTQIAfobia?
- 9) Qual relação de sua vivência de sexualidade e sua experiência profissional.
- 10) Você consegue combater a LGBTQIAfobia no seu ambiente de trabalho?
- 11) Quais anseios, angústias você possui com relação ao seu trabalho e sua homossexualidade?

15. ANEXO B

Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O professor homossexual no espelho: estudo sobre as vivências, seus reflexos e reflexões no cotidiano escolar

Pesquisador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 59136322.9.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.895.740

Apresentação do Projeto:

Segundo as informações do resumo do projeto, a pesquisa é apresentada da seguinte forma: “Projeto de Pesquisa que visa analisar as narrativas e vivências de professores homossexuais que atuam na rede pública e privada do Ensino Fundamental e Médio na região metropolitana de Belo Horizonte. A pesquisa tem como objetivo principal circunscrever parte da realidade desses profissionais com o intuito de percepção de como a homofobia se insere na vivência desses professores desde seu entendimento enquanto homossexual e como é possível operar ações afirmativas para minimizar o impacto da LGBTQIAfobia dentro das escolas.” A pesquisa visa realizar entrevistas semiestruturadas com uma amostra de 6 participantes, docentes de Ensino Fundamental e Médio de Belo Horizonte.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o pesquisador, o objetivo principal da pesquisa é: “Analisar como professores de dois grupos geracionais de homens cisgêneros ou transgêneros homossexuais compreendem sua docência a partir do reconhecimento de sua identidade de gênero e sexualidade, tendo como ênfase sua inserção na docência. Esses dois grupos seriam compostos por recém-formados ingressando em sua carreira profissional, e por aqueles que já estejam consolidados em suas funções. Ambos os grupos lecionando no Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio na região metropolitana de Belo Horizonte, com profissionais que se entendem como homossexuais, tendo

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.895.740

como foco a forma como suas percepções, seu percurso e sua localização em seu meio profissional foram perpassados pela sua orientação sexual. Abordaremos também desafios e resistências na tentativa de construção de uma sociedade para diferença.”

Os objetivos secundários do projeto são “1. Apresentar narrativas que delineiam e definem as autotransformações identitárias acerca da orientação sexual dos professores entrevistados. 2. Investigar de forma reflexiva as memórias marcantes de socialização relacionadas à homofobia ou à percepção de LGBTQIAfobia durante a infância e adolescência em meio social e sublinhando possíveis vivências na trajetória escolar dos professores entrevistados. 3. Analisar a autopercepção dos professores em relação à sua experiência profissional associada à sua orientação sexual dentro da comunidade escolar em que atuam. 4. Discutir as diferentes performatividades de professores homossexuais e suas relações com seus alunos. 5. Investigar como esses professores entendem a LGBTQIAfobia no seu ambiente de trabalho, bem como seu comportamento perante situações de LGBTQIAfobia na sua vivência profissional.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apontados no projeto são descritos da seguinte forma do resumo do projeto: “Toda pesquisa que envolve seres humanos, nesse caso, os professores entrevistados, traz possíveis riscos aos participantes. Todavia, pela estruturação do estudo aqui proposto, informo de antemão que os riscos apresentados ao bem-estar e à saúde dos envolvidos serão mínimos. Mesmo assim, mantereí a atenção e o cuidado na condução para diminuir os danos, riscos ou desconfortos. O risco mais demarcado está relacionado à imagem à identidade dos professores entrevistados. Portanto, conforme citado anteriormente, será usado um critério que possa manter o sigilo e a não divulgação indevida de suas vivências e privacidade. Sendo assim, informo que os esforços para tal também serão tomados e mantidos. Os participantes terão ciência das intencionalidades, finalidades, riscos, benefícios e metodologias usadas. Caso algum participante deseje abandonar o processo, não haverá prejuízo ou penalidade e toda participação será voluntária. Nenhum ônus será repassado aos entrevistados, este ficará na responsabilidade do pesquisador principal. Todos os participantes deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE¹. Nesse Termo de Consentimento constarão os principais riscos, benefícios, deveres e direitos dos observados, e a pesquisa só terá seu início após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP – UFMG).” Estes mesmos riscos estão detalhados no TCLE.

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.895.740

Segundo o resumo da pesquisa os benefícios do projeto são descritos da seguinte forma: "Busca de conforto psicológico bem como compreensão de realidades que são silenciadas cotidianamente"

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área de Educação com previsão de término em 31/08/2023. As solicitações do COEP foram atendidas: 1) Foi explicada o procedimento de recrutamento dos participantes que seria através de contatos pessoais e a técnica de bola de neve, não tendo participação das escolas onde lecionam os participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos: folha de rosto assinada, parecer consubstanciado, informações básicas do projeto, projeto completo, e TCLE para os docentes. O roteiro das entrevistas está incluído como anexo ao projeto completo.

O TCLE está escrito em linguagem adequada e contém as informações necessárias das atividades, os riscos e benefícios.

Recomendações:

Recomenda-se a aprovação do projeto de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Somos favoráveis à aprovação do projeto "O professor homossexual no espelho: estudo sobre as vivências, seus reflexos e reflexões no cotidiano escolar" do pesquisador responsável Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	13/12/2022		Aceito

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 5.895.740

Básicas do Projeto	ETO_1938722.pdf	19:01:58		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	carta_resposta_pendencias.pdf	13/12/2022 19:01:33	Alessandro Augusto Rodrigues da Silva	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	30/05/2022 15:28:59	Alessandro Augusto Rodrigues da Silva	Aceito
Parecer Anterior	Parecer.pdf	23/05/2022 10:45:55	Alessandro Augusto Rodrigues da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/05/2022 10:45:29	Alessandro Augusto Rodrigues da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Mestrado_O_Professor_Homossexual_no_Espelho.pdf	23/05/2022 10:45:12	Alessandro Augusto Rodrigues da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 15 de Fevereiro de 2023

**Assinado por:
Corinne Davis Rodrigues
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br